



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANDRESSA ROCHA LIMA

**SAÚDE E BELEZA FEMININA MEDIEVAL: OS COSMÉTICOS PARA
CUIDADOS COM O CORPO NAS OBRAS DE ABULCASIS E TROTULA DE
SALERNO**

GOIÂNIA
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Andressa Rocha Lima

3. Título do trabalho

Saúde e beleza feminina medieval: os cosméticos para cuidados com o corpo nas obras de Abulcasis e Trotula de Salerno

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Dulce Oliveira Amarante Dos Santos, Usuário Externo**, em 11/07/2024, às 15:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andressa Rocha Lima, Discente**, em 11/07/2024, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4665556** e o código CRC **924D4BD8**.

ANDRESSA ROCHA LIMA

**SAÚDE E BELEZA FEMININA MEDIEVAL: OS COSMÉTICOS PARA
CUIDADOS COM O CORPO NAS OBRAS DE ABULCASIS E TROTULA DE
SALERNO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades

Linha de Pesquisa: História, Memória e Imaginários Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarantes dos Santos.

GOIÂNIA
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lima, Andressa Rocha

Saúde e beleza feminina medieval: os cosméticos para cuidados
com o corpo nas obras de Abulcasis e Trotula de Salerno [manuscrito]
/ Andressa Rocha Lima. - 2024.

134 f.

Orientador: Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarantes dos Santos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História,
Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, mapas, tabelas, lista de tabelas.

1. Cosméticos. 2. Saúde feminina. 3. Cuidados. 4. Aparência. 5.
Mulheres. I. Santos, Dulce Oliveira Amarantes dos , orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **013/2024** da sessão de Defesa de **Dissertação** de **ANDRESSA ROCHA LIMA**, que confere o título de **Mestre(a) em História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **quatro dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e quatro**, a partir da(s) **14h00**, via **Videoconferência**, realizou-se a sessão pública de **Defesa de Dissertação** intitulada **“SAÚDE, BEM-ESTAR E BELEZA FEMININA MEDIEVAL: OS COSMÉTICOS PARA OS CUIDADOS COM O CORPO NAS OBRAS DE ABULCASIS E TROTULA DE SALERNO”**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Dulce Oliveira Amarante dos Santos (PPGH/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Ana Teresa Marques Gonçalves (PPGH/UFG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Maria Dailza da Conceição Fagundes (UEG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o Julgamento da **Dissertação**, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Dulce Oliveira Amarante dos Santos**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **quatro dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e quatro**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Saúde e beleza feminina medieval: os cosméticos para cuidados com o corpo nas obras de Abulcasis e Trotula de Salerno.



Documento assinado eletronicamente por **Dulce Oliveira Amarante Dos Santos, Usuário Externo**, em 11/07/2024, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Pereira Alencar Arrais, Coordenador de Pós-Graduação**, em 11/07/2024, às 15:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Teresa Marques Goncalves, Professor do Magistério Superior**, em 11/07/2024, às 22:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4665538** e o código CRC **6729CD2B**.

Referência: Processo nº 23070.033030/2024-50

SEI nº 4665538

Dedico este trabalho aos meus pais, Sirlene e Walter e às minhas irmãs, Adrielly e Adria Rocha, que contribuíram para a realização desta etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as vezes que encontrei conforto e esperança em *Suas Promessas*, quando o desespero e a tristeza se faziam presentes.

Aos meus pais, Sirlene e Walter e às minhas irmãs Adrielly e Âdria pelas palavras de encorajamento quando os obstáculos se mostraram intransponíveis sozinha. Aos meus tios Valdiron e Gessiron Rocha. O primeiro, pelo incentivo constante à vida acadêmica, e o segundo, por me receber em sua residência durante minha permanência no Programa, e claro, sempre com um almoço delicioso nas tardes de quarta e quinta-feira.

A meu tio, José Edson, *in memoriam*, que permanecerá vivo em meu coração.

A meu companheiro João Pedro, para quem não há palavras suficientes para expressar o apoio, a paciência e a compreensão emanadas para com uma mestrandia muito sensível e emotiva. Na perspectiva médica medieval, seria eu melancólica e você um sanguíneo?

Às minhas amigas Ana Flávia e Laís, pelo apoio incondicional e compreensão absoluta quando deixei de ser tão presente em nossas conversas e encontros regulares. À Larissa Lacé, minha doce e paciente companheira medievalista, que sempre tem as melhores falas de incentivo.

Palavras de gratidão aos meu colegas de curso que me acolheram, a única aspirante a medievalista da turma de 2022, em especial ao Lucas, Sérgio e Giselle, pelos momentos de estudo e diversão que tornaram esta jornada mais leve.

Às professoras Dra. Luciane e Dra. Ana Carolina pelas trocas de conhecimento em sala de aula, pelas sugestões de textos e direcionamentos para a continuidade da pesquisa.

Agradeço profundamente às professoras Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes e Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves. A primeira, por me acompanhar e incentivar desde a graduação, como professora, orientadora e amiga. Dailza é para mim fonte de inspiração, comprometimento, profissionalismo e paixão por estudos medievais, assim como Ana Teresa é para os estudos da Antiguidade. Quanto a esta última, alimento forte admiração como mulher, profissional e pesquisadora. Suas significativas aulas vão ficar guardadas na memória, e sempre me alegrarei com o fato de ter tido a oportunidade de ser sua aluna. Agradeço imensamente as duas pelas contribuições e apontamentos de suma importância durante a banca de qualificação, que contribuíram para o desenvolvimento e cientificidade deste trabalho.

Sou grata à professora e orientadora Dulce, pois tenho por ela enorme respeito desde a graduação em Goiás, quando ouvia falar de suas contribuições notáveis para os estudos médicos medievais no Brasil. Ainda, por suas orientações e conselhos significativos, sem os quais este

estudo não seria viável. E acima de tudo, pela paciência, acolhimento e compreensão quando meu corpo, por inúmeros motivos, não conseguia acompanhar os prazos e demais compromissos universitários.

À CAPES, pelo financiamento da bolsa que possibilitou a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço a mim, pela perseverança diante das batalhas que travei comigo mesma e com as surpresas, nem sempre tão boas, do *universo*, pois desistir não era uma opção.

Portanto, torna-se claro que os cosméticos são uma das partes mais importantes da medicina, de tal forma que - para a pessoa comum - não tem igual no seu género. Quem afirma que não há nada de bom nos cosméticos, além disso, que serve de motivo para o mal, fala como um pagão, no sentido de que não quer compreender... que Deus não criou nada em vão.... Nós apenas nos esforçamos por preservar o que Deus tornou belo, estando ao serviço da sabedoria de Deus Altíssimo. Que mais pode ser censurado nos cosméticos, para além de dizer que só é usado por homens para agradar às mulheres e por mulheres para agradar aos homens? Mesmo que assim fosse... que objeção haveria a isso? Eis que os cosméticos ajudam a povoar a terra.

Avenzoar, XII.

RESUMO

A presente dissertação propõe uma análise comparativa entre receitas voltadas à produção de cosméticos para cuidados com a saúde e a beleza feminina na Idade Média. Para isto, o *corpus* documental é constituído por três textos de origem árabe e latina, que dentre os gêneros textuais medievais, podem ser classificados como obras fundamentalmente práticas. O primeiro, intitulado *Tratado de Farmacologia e de Cosmética: Acerca do Perfume, o adorno e o embelezamento*, foi composto por volta do ano 1000, em al-Andaluz na Península Ibérica, pelo médico-cirurgião Abulcasis. As duas outras obras, denominadas *De Curis Mulierum* e *De Ornatu Mulierum*, são atribuídas à lendária *Sapiens Matrona* Trotula, redigidas entre os séculos XI e XII, na cidade portuária de Salerno. Trata-se de documentos que desempenharam um papel importante na consolidação de uma literatura cosmetóloga medieval, uma vez que, estes saberes floresceram na Antiguidade, e eram difundidos, sobretudo, nos registros médicos e literários de autoridades antigas, árabes e latinas. Nestas premissas, as práticas de cosmética assentavam-se sobre as teorias médicas que norteavam a vida salutar na época, sendo os cosméticos uma opção viável para o tratamento de determinados *problemas* das mulheres. Constantemente associadas ao espaço doméstico e à figura feminina, os autores se basearam na concepção *a capite ad calcem*, ou seja, forneciam conselhos para se zelar do corpo *da cabeça aos pés*, contemplando as seguintes partes; cabelos, sobrancelhas e cílios, face, lábios, dentes e gengivas, a voz, os seios, as mãos e os pés e, por fim, as genitálias. A produção de cosméticos envolvia a seleção precisa dos elementos encontrados na *natureza*, de acordo com suas propriedades inerentes, bem como técnicas de preparo e instrumentos específicos, e considerando esses processos, poderiam assumir múltiplos tipos e formatos. Portanto, a comparação entre os textos de Abulcasis e Trotula permite identificar semelhanças e diferenças em temas e membros do corpo que cada autor considerou crucial incluir em suas compilações.

Palavras-chaves: Cosméticos, Saúde feminina, Cuidados, Aparência, Mulheres.

ABSTRACT

This dissertation proposes a comparative analysis between recipes aimed at the production of cosmetics for health care and female beauty in the Middle Ages. For this, the documentary *corpus* is made up of three texts of Arabic and Latin origin, which among the medieval textual genres, can be classified as fundamentally practical pieces. The first, entitled *Treatise on Pharmacology and Cosmetics: Concerning Perfume, Adornment and Beautification*, was written around the year 1000, in al-andaluz on the Iberian Peninsula, by the physician-surgeon Abulcasis. The two other pieces, called *De Curis Mulierum* and *De Ornatu Mulierum*, are attributed to the legendary *Sapiens Matrona Trotula*, written between the 11th and 12th centuries, in the port city of Salerno. These are documents that played an important role in the consolidation of medieval cosmetology literature, since this knowledge flourished in Antiquity, and was disseminated, above all, in the medical and literary records of ancient, Arab and Latin authorities. In these premises, cosmetic practices were based on the medical theories that guided healthy living at the time, with cosmetics being a viable option for treating certain *women's problems*. Constantly associated with the domestic space and the female figure, the authors were based on the *a capite ad calcem* conception, that is, they provided advice for taking care of the body *a capite ad calcem*, covering the following parts; hair, eyebrows, eyelashes, face, lips, teeth and gums, the voice, breasts, hands, feet and, finally, the genitals. The production of cosmetics involved the precise selection of elements found in *nature*, according to their inherent properties, as well as specific preparation techniques and instruments, and considering these processes, they could assume multiple types and formats. Therefore, the comparison between texts allows us to identify similarities and differences in themes and parts of the human body that each author considered important to include in their compilations.

Keywords: Cosmetics, Women's health, Care, Appearance, Women.

LISTA DE SIGLAS

AAO – *Ars Amatoria* de Ovídio

MFFO – *Medicamina Faciei Feminae* de Ovídio

CMA - *Canon da Medicina* de Avicena

OCA- *On cosmetics* de Avicena

DCMT – *De Curis Mulierum* de Trotula de Salerno

DOMT – *De Ornatu Mulierum* de Trotula de Salerno

LSMT – *Liber de Sinthomatibus Mulierum* de Trotula de Salerno

DMMD – *De Materia Medica* de Dioscórides

DSTG – *De sanitate Tuenda* de Galeno de Pérgamo

EIS – *Etimologias* de Isidoro de Sevilha

HNP – *História Natural* de Plínio, o Velho

KATA – *Kitāb al-taṣrīf li-man ‘aŷīza ‘an al-ta’līf* de Abulcasis

RSSA – *O Regimen Sanitatis Salernitanum* de autoria anônima

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura dos tratados de cosmética <i>Kitāb al-Taṣrīf</i> e <i>De Ornatu Mulierum</i>	46
Quadro 2 – As receitas de cosmética presentes em <i>De Curis Mulierum</i>	47
Quadro 3 – Autoridades citadas por Abulcasis	60
Quadro 4 – A matéria vegetal árabe	82
Quadro 5 – A matéria vegetal dos escritos latinos	84
Quadro 6 – Matéria animal e seus derivados	88
Quadro 7 – Matéria mineral das fontes	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – OS COSMÉTICOS E AS PRÁTICAS DE CUIDADOS COM O CORPO NOS ESCRITOS DAS MATRIZES ANTIGAS, LATINAS E ÁRABES	23
1.1 Os cosméticos na tradição literária antiga.....	23
1.2 Os cosméticos nos escritos latinos medievais.....	28
1.3 Os cosméticos na tradição literária árabe	31
1.4 Os autores da cosmética medieval: Abulcasis al-Zahrāwī e Trotula de Salerno	35
CAPÍTULO 2 – SAÚDE E BELEZA FEMININA NOS ESCRITOS DE ABULCASIS E TROTULA DE SALERNO	46
2.1 Estrutura das obras e as características gerais da cosmética medieval.....	46
2.2 A influência das concepções médicas medievais nos cuidados com a saúde e a aparência feminina	53
2.3 Os aspectos e as características da aparência feminina medieval	63
2.3.1 Os cuidados gerais com a superfície do corpo	64
2.3.2 Os cuidados e os adornos do cabelo	66
2.3.3 A face, as sobrancelhas e os cílios	70
2.3.4 Os lábios e a saúde bucal	73
2.3.5 As mãos e os pés.....	75
CAPÍTULO 3 – OS TIPOS E FORMATOS DOS COSMÉTICOS: A MATÉRIA, AS TÉCNICAS E OS INSTRUMENTOS	77
3.1 Os medicamentos <i>simples</i> e a farmacopeia cosmética	77
3.2 Os <i>simples</i> , as especiarias e os cosméticos.....	94
3.3 Os <i>compositas</i> cosméticos	97
3.3.1 <i>Limpadores</i> , sabão e as tintas.....	99
3.3.2 Óleos e depilatórios	103
3.3.3 Unguentos ou pomadas, cremes, gel e máscaras	106
3.3.4 Pastilhas, pílulas e dentifrícios	112
3.4 Os instrumentos, procedimentos e técnicas cosméticas medievais.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
FONTES	127
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXO A – Mapa do território al-Andaluz durante o reinado de Abderramão III (940)	133
ANEXO B – Mapa Do Sul Da Itália – Salerno (Séc. XII)	134

INTRODUÇÃO

A temática deste trabalho surgiu, a princípio, na graduação, fruto de uma genuína curiosidade acerca das práticas de cuidados com a beleza e a condição salutar das mulheres no medievo. Esse interesse primitivo ganhou maiores contornos e conotações científicas durante a participação no projeto de iniciação científica *Saúde, Enfermidades e Práticas Terapêuticas em Fontes Medievais (Séculos XII - XV)*, coordenado pela Profa. Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes. Durante este período, deu-se início ao estudo de duas obras latinas produzidas entre os séculos XI e XII, cujo resultados foram divulgados em eventos universitários, revistas científicas e, posteriormente, no trabalho final do curso intitulado *Os cuidados com a aparência e a saúde feminina em receitas de cosmética dos tratados De Curis Mulierum e De Ornatu Mulierum (Salerno- séc. XI-XII)*. No mestrado, na qualidade de bolsista com o apoio e financiamento da CAPES¹, sob a supervisão da Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos, propõe-se uma abordagem comparativa entre as práticas de cuidados corporais endossadas nos textos latinos e àquelas realizadas por mulheres árabes andaluzas identificadas numa terceira fonte, de origem árabe, estando fundamentada em uma bibliografia especializada acerca do tema.

Neste sentido, a proposta geral deste trabalho é dissertar sobre os cuidados com a saúde e a beleza feminina a partir da análise comparativa de receitas destinadas à produção de cosméticos. Assim, objetiva-se apresentar e contextualizar a cosmética como um saber prático milenar verificado nos registros médicos e literários de autoridades antigas, latinas e árabes. Depois, busca-se compreender, no âmbito da saúde corporal, a relação dialógica entre a cosmética e as teorias médicas vigentes na época que norteavam as práticas salutaras. De modo semelhante, visa à identificação das principais preocupações com a aparência das mulheres percebidas nos documentos em estudo. E por fim, pretende-se analisar as receitas de cosmética contidas nas fontes, bem como identificar os diferentes tipos e formatos dos produtos cosméticos, o modo de preparo e uso, além dos instrumentos e a *matéria* cosmética personificada nos elementos do mundo vegetal, animal e mineral.

Para atingir esses objetivos, o *corpus* documental desta dissertação é constituído por três ricos escritos, que dentre os vários gêneros textuais medievais pertinentes aos cuidados com o corpo, podem ser classificados como obras fundamentalmente práticas. Na verdade,

¹Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

uma mescla de tratado e receituário, pois partilham características de ambos os gêneros; elencam algumas enfermidades e demais adversidades que poderiam afetar a aparência, ao mesmo tempo em que ensina como preparar cosméticos usados para cuidar, tratar ou mascarar disformidades da pele. Sob essa premissa, o recorte espaço-temporal compreende os séculos X-XII, que corresponde ao período, local de atuação e vivência dos autores, que equivale também ao momento de composição dos escritos analisados.

A primeira fonte é produto da erudição de um renomado médico andaluz chamado Abulcasis, provavelmente produzida por volta do ano 1000, durante o Califado Omíada de Córdoba (929 – 1031), na Península Ibérica. Intitulada *Tratado de Farmacologia e de Cosmética: Acerca do Perfume, o adorno e o embelezamento*, este texto constitui o Tratado XIX inserido na obra *Kitāb al-taṣrīf li-man ‘aẓīza ‘an al-ta’līf*² (*Livro de disposição médica para aqueles que não são capazes de saber por si mesmo*), uma expressiva compilação organizada em trinta *maqālas* (tratados), considerada uma das composições médicas mais volumosas do mundo islâmico medieval sobre teoria e prática médica, ciência cirúrgica, dieta, farmacopeia, odontologia, oftalmologia e etc.

Quanto à estrutura, o Tratado XIX subdivide-se em duas partes, sendo a segunda, o objeto de interesse deste estudo. A parte inicial, escrita em dez capítulos³, apresenta a arte da perfumaria com instruções detalhadas de como prepará-los nas mais distintas formas (óleo, unguentos, vapores, etc.) aproveitando as substâncias aromáticas naturais e seu emprego como adorno e/ou para uso terapêutico. A segunda parte, também estruturada em dez capítulos e um apêndice, trata do preparo de medicamentos/cosméticos para fins salutareis e de embelezamento, organizados no estilo *a capite ad calcem*, ou seja, oferece maneiras de se cuidar do próprio corpo da cabeça aos pés. Desse modo, cada capítulo discute temáticas específicas esquematizadas nesta ordem; cabelos; sobrancelhas e cílios; a pele do rosto; saúde bucal em geral (dentes e gengivas); preocupações com a voz; mãos e os pés; as axilas e demais partes; os seios e, por último, as partes íntimas femininas.

A edição utilizada foi comentada e traduzida do árabe para o espanhol por Luisa Maria

² Também conhecido por seu nome abreviado *Kitāb al-taṣrīf* (Livro sobre a disposição médica). Nesta dissertação será usada a abreviatura KATA para se referir a citações dessa obra.

³ Esta parte é mais teórica que prática; Capítulo I: Sobre os elementos e princípios do perfume; Capítulo II: Sobre a natureza e a classificação dos perfumes, sua força e seus benefícios; Capítulo III: Sobre a arte e a forma de preparação dos óleos aromáticos; Capítulo IV: Sobre a arte e a forma de preparação da água de água de noz, água de rosas, almíscar e outros; Capítulo V: Sobre a arte e a forma de preparação das algálias; Capítulo VI: Sobre as madeiras aromáticas, os electuário, opiáceos, mostos concentrados e outros; Capítulo VII: Sobre o âmbar e os pós; Capítulo VIII: Sobre as cocções e as lavagens; Capítulo IX: Sobre os aromase as tintas; Capítulo X: Sobre a necessidade de se perfumar.

Arvide Cambra, a partir do MS. Árabe 5772, guardado na *Bibliothèque Nationale de Paris*. O *Kitāb al-taṣrīf*, embora utilizado como texto de referência por estudiosos orientais e ocidentais até meados do século XVI, nunca foi totalmente editado ou traduzido para qualquer outro idioma. Pelo que se tem conhecimento, apenas traduções parciais foram feitas na Idade Média⁴. Quanto ao Tratado XIX de Abulcasis, há pouca informação sobre sua circulação no medievo latino e, nenhuma referente à sua possível tradução para as línguas vernáculas, sugerindo que se limitou ao meio erudito árabe (Arvide Cambra, 2016).

Por sua vez, as duas outras fontes intituladas *De Curis Mulierum* e *De Ornatu Mulierum*⁵, atribuídas a lendária médica Trotula, foram redigidas entre o século XI e princípios do século XII, na cidade de Salerno situada ao sul da Itália. Neste panorama, estas duas obras em conluio com uma terceira⁶ formam o célebre Conjunto Trotula, uma coleção de textos especializados em saúde, medicina e outros problemas típicos femininos na Idade Média. Para o desenvolvimento desta pesquisa, a edição utilizada foi a versão bilíngue comentada e traduzida do latim para o inglês por Monica H. Green, tomando como base o manuscrito MS 417 conservado na *Bibliothèque Municipale de Laon*, na França.

Em suma, *De Curis Mulierum* (Tratamento para as Mulheres) é uma obra que combina teoria e a prática médica em prol da manutenção ou restauração da saúde das mulheres. Está estruturada em um prólogo intitulado *Cura* (Tratamento) e setenta e seis capítulos divididos em assuntos relacionados à ginecologia, obstetrícia, concepção, pós-parto, doenças femininas em geral e cosmética. Portanto, este estudo preocupa-se apenas com os capítulos dedicados à produção de cosméticos para o cuidado e embelezamento de determinadas partes do corpo; face, lábios, dentes e gengivas, as mãos e os pés.

O segundo escrito de Trotula *De Ornatu Mulierum* (Cosméticos Femininos), é considerado o primeiro texto de cosmética do Ocidente medieval, e inaugura, assim, um gênero próprio, cujo principal objetivo era ensinar às mulheres como zelar de sua aparência e saúde com o auxílio de cosméticos. Compilado na língua que circulava o saber erudito na Idade Média, o latim, é composto por seis capítulos organizados a *capite ad calcem*, que obedece a este ordenamento: depilação, cabelo, rosto, lábios, saúde bucal (dentes e gengivas),

⁴ Gerardo de Cremona (1114-1187) teria traduzido para o latim o *Tratado XXX* sobre a *Cirurgia*, na cidade de Toledo na Espanha, sob o título de *Albucasis methodus medendi cum instrumentis ad omnes fere morbis depictes*. Este texto continuou a ser impresso em Veneza nas datas de 1497, 1499 e 1500.

⁵ Nesta dissertação, será usado a abreviatura DCMT para se referir a obra *De Curis Mulierum* e DOMT para o escrito *De Ornatu Mulierum*.

⁶ O conjunto Trotula é constituído pelos textos *Liber de Sinthomatibus Mulierum*, *De Curis Mulierum* e *De Ornatu Mulierum*.

e as genitálias femininas.

Inicialmente, as duas obras circularam de maneira independente por toda a Europa medieval, e posteriormente foram agrupadas em um único trabalho, fruto da dedicação de um autor anônimo nos confins do século XII. Desse modo, o compêndio Trotula se popularizou rapidamente entre os grupos interessados na arte médica justamente por apresentar uma atualização do conhecimento médico e prático acerca do corpo feminino. No decorrer dos séculos, o conjunto também foi traduzido para as línguas vernáculas⁷, e as contínuas reimpressões no século XVI enfatizam a importância das obras até o início da era moderna (Benton, 1984; Green, 2001).

No que diz respeito aos autores, ambos padecem da escassez de informações sobre suas vidas. Abulcasis, um importante médico e cirurgião, viveu no período áureo do Califado Omíada de Córdoba, nascido depois do ano de 936, residiu em *Madīnat al- Zahrā* (Cidade de al-Zara), a poucos quilômetros da capital. Nesta cidade, teria desempenhado com maestria a prática médica e provavelmente, dirigido uma Escola de Medicina. Quanto à Trotula, diz-se que pertenceu a uma vibrante comunidade chamada Salerno entre os séculos XI e XII, onde foi médica e professora na renomada *Schola Medica Salernitana*, na época o epicentro de aprendizado médico da Europa⁸.

No geral, esta pesquisa insere-se na área de estudos concentrados na história da saúde corporal, por incluir a cosmética no domínio das preocupações salutes femininas. É importante ressaltar que, embora as fontes em análise sejam representações de práticas de saúde e beleza realizadas nas culturas árabe e latina, estas atividades não floresceram na Idade Média, e podem ser rastreadas até as civilizações antigas. Nestes termos, Abulcasis procura dialogar com autoridades antigas que cederam espaço às questões cosméticas em seus escritos, como Cleópatra VII, Dioscórides e Galeno de Pérgamo, mas, na mesma proporção, cita inúmeros outros autores árabes medievais como al-Rhazes. De maneira semelhante, Trotula fundamenta seus conselhos nos ensinamentos de autores como Galeno de Pérgamo e

⁷ Segundo o levantamento realizado por Monica Green, os textos *Trotula* foram traduzidos para o francês, inglês, alemão, italiano, catalão, hebreu, holandês e irlandês.

⁸ Cabe esclarecer a posição assumida neste estudo em relação à *questão Trotula*, ainda que não se pretenda aprofundar nos debates historiográficos, muito menos determinar sua magnitude, apenas ressaltá-los. Os leitores medievais acreditaram realmente estarem lendo textos composto pela primeira médica mulher de fama atestada nos escritos medievais, porém, no processo de edição para a impressão na modernidade, levantou-se a pauta de que Trotula não era, de fato, autora dos textos e este imbróglio permanece nos estudos atuais relacionados a esta misteriosa personalidade. Monica Green argumenta que o nome *Trotula* seria apenas o título da compilação de textos sobre ginecologia, obstetrícia e cosmética, cuja autoria seria masculina. Após incessante estudo, entende-se que pelo conteúdo minuciosamente detalhado de suas obras e pelo contexto em que foram produzidas, o qual permitia a atuação feminina nas práticas salutes, uma autoridade feminina estaria por detrás da composição dos escritos. Portanto, o nome Trotula nesta dissertação será efetivamente citado como uma autoridade feminina.

nas práticas cotidianas de mulheres salernitanas e árabes muçulmanas.

Por conseguinte, além das fontes principais propõe-se um diálogo com outros escritos literários e médicos compostos por autoridades antigas, latinas e árabes, que se referem aos cuidados com a superfície do corpo. Do *corpus* antigo podem-se destacar obras como a *História Natural* de Plínio, o Velho, estruturada em trinta e sete livros que descreve todo o mundo natural ao seu redor e *De Materia Medica* de Dioscórides, organizada em cinco livros e subdivida em seções⁹, que listam os fármacos e suas propriedades benéficas para a composição de medicamentos. De tradição literária, têm-se as obras do poeta Ovídio; *Ars Amatoria* que trata do amor e da sedução usando a beleza feminina como artifício para a arte da conquista, e *Medicamina Faciei Feminae* que organizada em cem versos, ensinam as mulheres como cuidar da beleza do rosto. Quanto aos textos médicos, *De sanitate Tuenda* de Galeno de Pérgamo é um regimento de saúde pertencente ao gênero de texto de medicina preventiva com recomendações para a manutenção de uma vida saudável. De tradição latina, Isidoro de Sevilha apresenta as origens e os significados das palavras em sua obra *Etimologias* ao longo de vinte capítulos e inclui temas como beleza e adorno feminino em suas discussões. O *Regimen Sanitatis Salernitanum* (Regimento de Saúde Salernitano)¹⁰, um escrito anônimo produzido em Salerno, enumera algumas drogas simples usadas no preparo de medicamentos para cuidados com o corpo. Além dos escritos de Trotula analisados nesta dissertação, há também o tratado *Liber de Sinthomatibus Mulierum* (Sobre a Condição das Mulheres), uma obra que combina teoria e prática médica, bem como tece explicações sobre o motivo de ter escrito às mulheres. Na esteira da tradição árabe, o *Canon* da Medicina de Avicena é uma importante enciclopédia que discute variados temas da medicina e inclui os cosméticos em suas preocupações salutaras. Numa parte específica intitulada *Cosméticos*, Avicena enumera as *drogas simples* que podem ser utilizadas na fabricação destes produtos.

Dentro deste panorama, a partir da análise das fontes e estando alicerçada em uma historiografia especializada, abriu-se porta para alguns questionamentos que servirão como ponto de partida para a realização desta pesquisa: Qual a contribuição das autoridades antigas, latinas e árabes para a inserção das práticas de cosmética na tradição médica? Qual a relação da cosmética com as demais práticas salutaras fundamentadas nas teorias médicas vigentes à

⁹ O Livro I versa sobre perfumes, óleos, pomadas, árvores e arbustos, líquidos, gomas e frutas; o Livro II trata de animais, partes de animais, produtos de origem animal, cereais e ervas; o Livro III aborda a finalidade das raízes, sucos, ervas e sementes; o Livro IV sobre as raízes e ervas não mencionadas nos livros anteriores; e por fim, o Livro V discorre sobre vinhas, vinhos e minerais.

¹⁰ Os *regimentos de saúde*, constituíam um gênero literário no medievo e tinham por intenção conservar a saúde e orientar a prevenção de doenças. Geralmente eram escritos para um paciente específico, conforme sua constituição corpórea.

época? Qual a concepção de beleza e saúde no período? Quais eram os problemas ou demais condições corporais femininas tratadas pela cosmética? Quais os principais cuidados com aparência das mulheres percebidos nos documentos em estudo? Existem similaridades entre os cuidados salutareos e de embelezamento das mulheres árabes e latinas? Havia tipos e formatos de cosméticos específicos para cada parte do corpo? Qual a procedência da matéria-prima usada para composição dos cosméticos? Quais as técnicas e os instrumentos utilizados?

A Baixa Idade Média se mostrou marcante e significativa em termos de avanços nas formas de conceber o corpo e manter sua integridade. É neste contexto promissor que estão inseridos os trabalhos de Abulcasis e Trotula de Salerno. A cosmética era considerada uma prática associada ao ambiente doméstico e à figura feminina, talvez uma das poucas áreas em que não lhes era negado o direito ao conhecimento e à prática. As mulheres conheciam as virtudes e propriedades das plantas e as técnicas utilizadas para elaboração e aplicação de cosméticos. Por isso, a originalidade da pesquisa está em propor uma nova abordagem sobre o corpo feminino, a partir da perspectiva cosmética, em contributo à história social das mulheres e das práticas de saúde e beleza, bem como fortalecer a historiografia brasileira acerca da atuação feminina na Idade Média. As obras em estudo, são fontes pouco exploradas pelos historiadores interessados no período medieval, como no caso do *Tratado XIX* de Abulcasis, quase desconhecido pela comunidade científica, ou mesmo os escritos Trotula – que apesar de serem populares no meio acadêmico –, no que concerne à cosmética, o tema foi debatido em escassas pesquisas. Neste viés, a investigação que se propõe realizar permite identificar elementos importantes do cotidiano das mulheres para que se possa compreender suas principais preocupações relativas ao corpo, e os recursos usados para prestar-lhes cuidados de acordo com as suas necessidades e desejos.

Para um melhor desenvolvimento desta dissertação é, portanto, necessário a construção de um referencial teórico ancorado em conceitos-chaves como o de cosméticos, saúde e beleza. O termo *cosmético* já existia no vocabulário da civilização grega antiga¹¹, e refere-se expressamente aos inúmeros produtos na forma de unguentos, pomadas, cremes, pastas, pós, óleos e etc., compostos a partir de ativos encontrados no mundo natural, utilizados nos procedimentos para cuidados com a superfície corpórea. As práticas de cosmética abrangiam desde a conservação e restauração da beleza física, correção de imperfeições, limpeza e a suavização da pele, higiene, cuidado e coloração dos cabelos, até

¹¹ Em seu sentido etimológico, a palavra *cosmético* tem origem no termo grego *Kosmétikos*, que combina os vocábulos *kosmein* adornar e *kosmos*, que significa ordem, harmonia.

a eliminação de problemas característicos de cada membro do corpo. Além disso, por vezes, é evocada sua dimensão sexual e erótica, utilizada como artifício para a sedução feminina. Nas fontes em estudo, o conceito de cosmético/cosmética não é definido com precisão, porém os autores empregam vocábulos específicos para descreverem as práticas relacionadas à saúde e ao embelezamento físico.

Na tradição árabe muçulmana medieval, bem como no Tratado XIX de Abulcasis, o termo que apreende estas atividades é *al-zīna*, sinônimo de “cosmética” ou de “medicamento”, no sentido de melhorar o aspecto e a funcionalidade de determinadas partes, estando correlacionadas a coisas que tendem a melhorar a qualidade de vida (Brabant, 1999, p. 198). Porventura, na tradição latina – observada principalmente nos textos Trotula –, o termo designado era *ornatu* de “adorno” ou propriamente “ornato”, de raiz partilhada com a palavra *ornamentum*, “ornamento”, que segundo o bispo Isidoro de Sevilha no século V, “Um ornamento (*ornamentum*) é assim chamado porque o rosto e a aparência de alguém são adornados ao usá-lo.” (EIS, XIX-XXX:1, p. 390). Por este breve trecho, entende-se o sentido amplo deste vocábulo na Idade Média; a ação de adornar o corpo se estendia aos cosméticos, roupas, joias e outros apetrechos visando realçar a beleza humana. Por conseguinte, Trotula se propôs a ensinar as mulheres salernitanas como adornar seus corpos fazendo uso de cosméticos.

Em igual medida, o conceito de saúde remete à Teoria Humoral atribuída a Hipócrates de Cós (460-377 a.C.), aperfeiçoada por Galeno de Pérgamo (131-201) e, posteriormente disseminada ao medievo, com notáveis contribuições, por autoridades médicas árabes. Em tese, esta teoria prevê que o corpo humano era composto por quatro humores ou fluídos possuidores das qualidades primárias: quente, seco, frio e úmido, distribuídas em perfeita harmonia. Assim, o sangue caracterizava-se por ser quente e úmido e originava-se no coração; a fleuma fria e úmida formava-se no cérebro; a bile amarela quente e seca, no fígado, e por fim, a bile negra de natureza fria e seca, no baço. Além disso, os humores e seus pares de qualidades se associavam aos quatro elementos constituintes do universo (água, terra, ar e fogo) e com as estações do ano. Neste sentido, a terra é fria e seca como o outono, a água é fria e úmida como o inverno, o fogo é quente e seco como o verão, e o ar é quente e úmido como a primavera. A completa mistura destes humores conceberia as partes sólidas do corpo (os órgãos), enquanto o predomínio de um humor sobre o outro determinaria a complexão, ou seja, o temperamento de cada indivíduo. Em prevalência do humor sangue, a pessoa era sanguínea, em predomínio da fleuma, fleumática, se fosse a bile amarela, o indivíduo era colérico, e em prevalência da bile negra, possuiria o temperamento melancólico (Santos;

Fagundes, 2010; Fagundes, 2006; García-Ballester, 2001). Dentro desse sistema teórico de explicação, qualquer desequilíbrio entre os humores desencadeariam as enfermidades. Em outras palavras, a saúde no medievo dependia diretamente da harmonia entre a natureza interna (os humores e suas qualidades) e a externa (meio ambiente e o cosmo) do paciente.

Sob essa perspectiva, a conservação ou restabelecimento da saúde compreendia um conjunto de medidas amplas, que incluíam a alimentação, determinada conforme a constituição individual de cada paciente, conselhos sobre exercícios físicos, banhos, o sono, atividade sexual, o vômito e a purgação, além da produção medicamentosa. Por assim dizer, os cosméticos se enquadravam neste último campo. Logo, associados aos cuidados com a superfície corpórea, poderiam auxiliar na prevenção de moléstias ao adotar-se hábitos higiênicos usando produtos como: sabão, óleos e outras preparações, ou até mesmo, tratar a queda de cabelo causada por enfermidades como a alopecia. Sendo assim, não se limitavam apenas aos cuidados com a aparência, mas buscavam promover ao corpo, saúde e bem-estar. Estas características interessaram aos praticantes da arte médica, como Abulcasis e Trotula de Salerno.

De modo geral, o conceito de beleza esteve enraizado às antigas concepções filosóficas professadas, por exemplo, por Pitágoras (570-495 a.C.) e retransmitidas ao medievo sob as ideias de autores como Isidoro de Sevilha (570-636). Destarte, para que uma coisa pudesse ser considerada bela em sua plenitude, fazia-se necessário que existisse uma harmoniosa proporção entre as partes componentes, já que a beleza era uma qualidade potencial intrínseca a todas as coisas e seres existentes. Sua manifestação no corpóreo ocorreria, então, por meio do perfeito equilíbrio dos humores no corpo capazes de fornecer a ele uma boa cor, bem como a proporção simétrica de um membro em relação ao outro e o desempenho adequado de suas funções, somado a desenvoltura dos ornamentos naturais corporais (sobrancelhas, seios, umbigo, gengivas etc.). Estas características eram apreendidas, sobretudo, pela atuação dos sentidos capazes de despertar no indivíduo a sensação de prazer. É fato que a personificação da beleza humana difere de acordo com o tempo e espaço, as circunstâncias sociais e a diferença sexual. Na tradição medieval muçulmana e cristã, contrapondo ao sexo masculino, a beleza feminina era fisicamente incorporada e as mulheres eram culturalmente visíveis por sua aparência, que por sua vez, refletia sua alma. Em outras palavras, o belo era indicativo do bem e de boas qualidades morais, enquanto que a fealdade representava a aversão e também a maldade (Eco, 2013; Cabré, 2010).

Desse modo, em relação às mulheres, a feiura seria o resultado de um desequilíbrio

na relação orgânica das partes de um todo, condição percebida principalmente nas *vetulae*, símbolo da decadência física e moral frente à juventude como sinônimo de beleza e pureza personificada nas jovens virginais (Eco, 2007, p. 16, 159). Pode-se afirmar, portanto, que a estreita ligação entre a maldade e a ausência de beleza foi formulada indubitavelmente para as mulheres, uma vez que, os homens em sua velhice são retratados como dignos, honrados e experientes, tendo seus traços físicos descritos de forma menos pejorativa (Cabré, 2010). Por desdobramento, tem-se então, a completa associação dos dispositivos cosméticos ao universo feminino.

Portanto, as discussões acerca da saúde, beleza e fealdade são fundamentadas nas representações corporais femininas. O discurso médico medieval, fortemente influenciado pelo pensamento natural de Aristóteles, adotado pela medicina hipocrática e gal nica e, posteriormente assimilada pelos  rabes e mestres latinos, caracterizava os corpos femininos como análogos ao masculino, porém, um produto *inferior* e *imperfeito*. Tal concepção surgiu da necessidade imediata de se explicar a diferença sexual e os seus respectivos papeis na reprodução. Diante disso, a mulher por não obter *calor inato*¹² suficiente para exteriorizar os órgãos reprodutores, os tem internos, associando a *matrix* ( tero) ao p nis, enquanto que os ovários seriam seus testículos. Essa interpretação preconiza ainda que, devido à ausência do *calor inato* necessário, os humores frios e úmidos prevalecem na constituição feminina, ao passo que, predominam nos homens os humores quentes e secos. Sendo assim, compete à *natureza* feminina a incumbência de ser o receptáculo para a geração, como enfatiza Isidoro de Sevilha em *Etimologias*. Dada essa distinção, as habilidades intelectuais, bem como as funções desempenhadas na sociedade e até mesmo o caráter e temperamento dos indivíduos poderiam ser determinados a partir dessas premissas. De acordo com Aristóteles, por sua predisposição   frieza e a umidade, as mulheres possuem um corpo mole e frágil, além de serem mais suscetíveis às emoções e sentimentalismos, e por assim dizer, irracionais, mentirosas, vingativas e ciumentas. Logo, estavam mais aptas a lidar com os afazeres domésticos, que na teoria, demandavam pouco esforço. Sendo exemplos das tais tarefas: cozinhar, cuidar da residência, filhos, dentre outras coisas menos elaboradas. Contrapondo essa ideia, os homens e seus corpos caracterizavam-se, em especial, pelo temperamento equilibrado, racionalidade, força física, coragem e determinação, testadas nos assuntos públicos, longe dos domínios domésticos (Souza, 2012; Thomasset, 1993).

¹² Refere-se, portanto,   capacidade que cada corpo tem de produzir calor, necessário para a formação dos membros e órgãos durante a gestação, de acordo com as teorias médicas medievais.

Com esse suporte teórico, no que concerne à metodologia de pesquisa, optou-se pelo método comparativo, ancorado nas ideias do historiador francês Marc Bloch (1928). Para este autor, a abordagem comparativa entre diferentes sociedades, objetos ou mesmo condições culturais, políticas, econômicas, próximas ou não no tempo e espaço, auxiliaria na compreensão de aspectos específicos e gerais, causas e origens de cada fenômeno histórico. Nesta premissa, José de Assunção Barros (2007) argumenta que tal abordagem historiográfica permitiria ao historiador fazer analogias, identificar as similaridades e também as diferenças, e a partir desse jogo dinâmico, analisar como um mesmo problema atravessa realidades distintas.

Assim, ao aplicar este método de análise, pretende-se fomentar um diálogo entre fontes medievais pertencentes a períodos e espaços diferentes, isto é, uma obra árabe escrita em meados do século X no território al-Andaluz e outros dois escritos latinos produzidos em Salerno, no sul da Itália, entre os séculos XI e XII, enfatizando as perspectivas masculina e feminina, cujo eixo norteador passível de comparação seria a produção de cosméticos para os cuidados com a saúde e beleza das mulheres medievais. Tendo a princípio delimitado o objeto e o espaço-tempo como preconiza o método proposto por Bloch, quais aspectos dessas práticas são comuns às duas culturas medievais? O que difere? Quais as singularidades de cada tradição? O que é específico de cada discurso? São indagações que só podem ser respondidas através do confronto entre as fontes, e é justamente esse o objetivo deste trabalho.

A fim de tecer uma análise aprofundada, esta dissertação encontra-se estruturada em três capítulos. No primeiro, propõe-se em momento oportuno, o exercício de mapeamento da cosmética na tradição literária da antiguidade, observada sua presença, sobretudo, nos escritos médicos e farmacológicos. De forma semelhante, propõe-se um olhar atento às obras literárias e médicas latinas, assim como as de origem árabes que já incluíam fórmulas cosméticas como parte das medidas de saúde e embelezamento da mulher. Também neste capítulo, busca-se descrever um pouco da trajetória dos autores: Abulcasis e Trotula de Salerno, situando-os no contexto histórico que permitiu a escrita dos textos analisados neste estudo.

No segundo capítulo, buscou-se relacionar o pensamento medieval acerca da saúde corpórea, bem como as diretrizes e teorias que norteavam as práticas salutares, com as práticas de cuidados oferecidos pela cosmética. Pois, para se ter uma boa aparência era necessário, de pronto, um corpo são e em perfeito equilíbrio, por isso os cosméticos também pertenciam ao domínio da saúde. Em função disso, é discutida a conexão das mulheres

medievais com estas atividades, além da influência significativa exercida pelas praticantes árabe muçulmanas na rotina de cuidados das mulheres salernitanas. Ademais, apontam-se os principais cuidados com a beleza feminina verificada nas fontes, que na verdade, associa-se diretamente aos cabelos, pele do rosto, cílios e sobrancelhas, lábios, dentes e gengivas, axilas, as mãos e os pés. Neste mesmo tópico, é possível perceber os possíveis padrões de beleza imperantes à época, e os aspectos importantes na aparência física feminina em ambas as culturas.

No terceiro capítulo, o foco estará voltado à discussão acerca dos medicamentos *simples e compostos*. Em primeiro momento, pretende-se apresentar a matéria cosmética, denominada de *simples*¹³, personificada nos elementos do mundo vegetal, animal e mineral, empregados nas produções conforme suas qualidades e virtudes inerentes. No próximo item, destaca-se a maneira como eram obtidos os *simples*, geralmente através do comércio ou do cultivo de ervas e plantas em jardins, hortas ou outros locais específicos. Em seguida, concentra-se na análise dos cosméticos *compostos*¹⁴ que podem assumir diversos tipos e formatos, dependendo da combinação de substâncias oriundas da natureza. E por fim, abordam-se as técnicas, os instrumentos e o modo de preparo dos cosméticos, frente às concepções médicas e farmacológicas da época.

¹³ Por medicamentos *simples* entendem-se as drogas encontradas na natureza e classificadas de acordo com suas propriedades benéficas de cura.

¹⁴ Os medicamentos *compostos* são a junção de duas ou mais drogas mediante suas qualidades favoráveis, com demais elementos advindos do reino mineral e animal visando formar pomadas, unguentos etc. Este tema será abordado no capítulo três desta dissertação.

CAPÍTULO 1 – OS COSMÉTICOS E AS PRÁTICAS DE CUIDADOS COM O CORPO NOS ESCRITOS DAS MATRIZES ANTIGAS, LATINAS E ÁRABES

Preocupações quanto ao corpo existem no discurso e na prática humana desde os períodos mais remotos e, estão intimamente associados à vida salutar, prevenção de doenças, higiene, bem-estar e embelezamento. Por assim dizer, as sociedades procuraram desenvolver meios próprios de utilizar o mundo natural a seu favor. Estes saberes foram então compilados em obras completas ou em seções específicas dedicadas ao tema, com o objetivo de ensinar e difundir estas práticas, facilitando sua adesão à rotina cotidiana. As matrizes antigas, latinas e árabes transmitiram à Idade Média subsídios importantes sobre as práticas de saúde e embelezamento corporal, e seus textos tornaram-se fontes indispensáveis para que autores do medievo – como Abulcasis e Trotula de Salerno – baseassem seus trabalhos.

1.1 Os cosméticos na tradição literária antiga

Entre as autoridades da Antiguidade figura Cleópatra VII (69-30 a.C.), uma prolífica mulher influente nas áreas ligadas à medicina, alquimia e ginecologia, além de reconhecida fama no campo da cosmética. Embora o nome fosse bastante comum na época, não se trata de qualquer Cleópatra, mas sim, da possível rainha do Egito, que governou no período de 51 a.C. a 30 a.C., e companheira de Marco Antônio (83–30 a.C.)¹⁵. Sob sua autoria é atestado o escrito *Kosmétikos* (Cosméticos), composto provavelmente entre o final do primeiro ou início do segundo século a.C. Todavia, pouco se sabe sobre este texto, exceto que era um conjunto de fármacos que sobreviveu através dos escritos médicos de outros mestres posteriores como Críton (I/II d.C.), Galeno de Pérgamo (129–216) Aécio de Amida (502-575) e Paulo de Egina (625-690) (Muir; Totelin, 2012, p. 102; Ferreira, 2023, p. 225, 226).

Na obra *De compositione medicamentorum secundum locis* (Composição dos medicamentos segundo os lugares), Galeno de Pérgamo – autoridade que será melhor abordada no decorrer do texto – fornece notáveis informações relativas às preocupações corpóreas de Cleópatra VII em seu livro de beleza. São inúmeras receitas destinadas ao tratamento da alopecia e da caspa; para o crescimento do cabelo e combate à queda natural; além de prescrições para fabricação de sabões destinados a higienização dos fios (Ferreira,

¹⁵ Alguns estudiosos desta personalidade acreditam que esta alcunha seja um pseudônimo escolhido pelo verdadeiro compilador do texto, tendo aproveitado que a rainha ptolomaica era famosa por sua beleza e luxo, e o Egito conhecido por sua produção de óleos e pomadas perfumadas.

2023, p. 225, 226).¹⁶

Independente da atuação de Cleópatra VII na Antiguidade, a civilização egípcia legou saberes indispensáveis à humanidade, especialmente no que se refere ao trato com o corpo. Dentre os quais se pode listar as técnicas desenvolvidas para compor pós, pomadas e perfumes para cuidados capilares e faciais, produzidos desde o terceiro milênio a.C. Elaboraões à base de ativos do mundo mineral para se combater a calvície, rugas e celulite são descritos nos papiros egípcios, e em algum momento da história, descobriram diferentes usos para minerais como a malaquita, turquesa¹⁷ e um composto negro chamado *Kohl*¹⁸, que tem seu emprego usual na fabricação de adornos corporais. Esses elementos também serviram como matéria-prima para a preparação de cosméticos aproveitados nas pálpebras e no contorno dos olhos para se obter o efeito de olho de gato e proteger os olhos da luz solar, insetos e várias doenças bacterianas que poderiam afetar essa parte do corpo (Belgiorno, 2013, p. 49).

Na tradição escrita, *História Natural* de Plínio, o Velho (23-79 d.C.), transmitiu-se às sociedades orientais e ocidentais um vasto conhecimento sobre o mundo natural, incluindo em sua extensão, uma enorme variedade de ativos com finalidades cosméticas. No livro XXI, Plínio diz ter observado “[...] que a semente desse trifólio (trevo), cujas folhas são muito pequenas, é útil, quando aplicada como unguento facial, para preservar a beleza da pele das mulheres” (HNP, XXI, p. 269). Neste mesmo tomo, assegura que “[...]o *Inula Helenium*¹⁹ que teve sua origem, como eu disse, nas lágrimas de Helena²⁰”, preserva o encanto físico e mantém intacta a tez fresca de nossas mulheres, seja no rosto ou no resto do corpo.” (HNP, XXI, p. 273). Posteriormente, no livro XXVI, o naturalista revela que o uso de depilatórios não era um hábito comum apenas entre as mulheres “Eu mesmo considero os depilatórios como um cosmético feminino, mas agora os homens também os usam” (HNP, XXVI, p. 385).

Através dos relatos de Plínio – escritos em meio aos comentários atinentes às propriedades medicinais da matéria natural –, sabe-se que demais autoridades antigas se propuseram a escrever conselhos pertinentes aos cuidados com a aparência. É dito no livro XX, que Hipócrates costumava aconselhar esfregar rabanetes na cabeça das mulheres para

¹⁶ Essas informações foram retiradas de um artigo em que a historiadora brasileira Anise D'Orange Ferreira (2023) traduz do grego para o português, as receitas cosméticas de Cleópatra contidas na obra citada de Galeno.

¹⁷ A malaquita é um carbonato básico de cobre, bem como a turquesa é um *mineral* secundário, geralmente encontrado em pequenos veios de rochas vulcânicas.

¹⁸ Composto derivado de minerais como o chumbo, galena, *cerussita* ou feito à base de antimônio, um metalóide.

¹⁹ É nula, uma planta com flores amarelas.

²⁰ Faz referência à lenda grega que diz que o *helenium* surgiu das lágrimas derrubadas no solo por Helena quando raptada pelo príncipe de Troia, Páris.

deter a queda de cabelo (HNP, XX, p. 19). E de maneira similar, para destacar as sobrançelas, pétalas de rosas eram queimadas até às cinzas (HNP, XXI p. 251), ou grãos de tâmaras torrados e misturados ao nardo tinham o mesmo efeito (HNP, XXIII, p. 479).

No mundo antigo, preocupações atinentes ao *cultus* à beleza também foram propagadas noutros gêneros literários. Um bom exemplo disso, são os dois textos atribuídos ao poeta Ovídio (43 a.C – 17 d.C.), intitulados *Ars Amatoria* (A arte de amar) e *Medicamina Faciei Feminae* (Cosméticos para o rosto feminino), que circularam em ambientes privilegiados durante o governo do Imperador Augusto (*Octavianus Augustus*; 63 a.C. – 14 d.C.). Nestes termos, Ovídio compreendia a cosmética como uma arte destinada a atender às necessidades particulares femininas.

O primeiro escrito, *Ars Amatoria*, composto por três livros, aborda temas pertinentes à arte da conquista, sedução e como ambos os sexos devem se comportar perante o amor. Contudo, é no livro terceiro que o autor fala diretamente às mulheres. Tendo-as como público-alvo, aconselha que aproveitem os anos primaveris, já que o tempo trará consigo as rugas, o esvaecimento da bela cor da pele associada à aparição de cabelos brancos e como consequência, o repúdio e abandono por parte dos amantes que outrora lhes faziam frente (AAO, III, p. 70). A bela aparência poderia auxiliar na conquista, apesar de enfatizar que a beleza não é uma dádiva desfrutada por todas as mulheres, por isso, os cosméticos assumiam então, a função de disfarçar e compensar os defeitos da pele. Uma atenção especial é dada à higiene corporal, de modo que “... não se acolhesse sob vossas axilas um bode feroz, e que vossas pernas devessem ser eriçadas de rudes pelos.” (AAO, III, p. 73). De modo equivalente “[...] que não deixásseis escurecer vossos dentes por negligência, e lavásseis de manhã, o rosto com água” (AAO, III, p. 73). Por um lado, o poeta indica alguns aspectos admirados na aparência feminina, tais como uma tez naturalmente branca e ruborizada contornada por cabelos longos e volumosos. Por outro, as mulheres que não atendiam a estes requisitos detinham a chance de reverter esta condição recorrendo aos truques dos cosméticos, aliados valiosos.

A segunda obra de Ovídio *Medicamina Faciei Feminae*, escrita na forma de um poema e estruturada em cem versos, possui objetivo semelhante ao de *Ars Amatoria*. Apesar disso, seu diferencial está em, através de receitas, instruir as *puellas* (jovens) na produção de *medicamina* (cosméticos). No verso inicial, o autor revela suas verdadeiras intenções “Aprendei-vos, jovens beldades, que cuidados tornam atraente vosso rosto e de que modo deveis preservar vossa beleza” (MFFO, v. 5, p. 95). Argumentando sobre as razões pelas quais esses hábitos deveriam ser incorporados ao cotidiano feminino, estabelece que ervas

poderosas ou líquidos de natureza duvidosa e nociva relacionados às práticas mágicas, são ineficientes para a conquista amorosa (MFFO, v. 35, p. 95). Ao invés de recorrer a tais crenças infundadas, cinco receitas destinadas aos cuidados com o rosto são exibidas ao longo do poema, com a finalidade de conferir à pele um frescor natural associado ao aspecto liso, brilhante, delicado e livre de quaisquer manchas.

A preocupação com a saúde, bem-estar e embelezamento corporal aparecem no século I d.C., nos escritos de Dioscórides, um médico do exército romano atuante nos tempos do imperador Nero (54-68 d.C.) e Vespasiano (69-79 d.C.). Em sua *De Materia Medica* destaca os fármacos advindos do reino vegetal, animal e mineral que poderiam ser utilizados nos produtos destinados à higiene corporal, cabelos, rosto, cílios, sobrancelhas, dentes e lábios. Em geral, nas páginas deste texto, existe uma infinidade de combinações capazes de melhorar a aparência das mulheres. Assim, o médico romano recomendava que pílulas feitas de rosas fossem colocadas em volta de seus pescoços para criar um colar de cheiro agradável que mascarava o odor de suor (DMMD, I, p. 199), de igual forma, aconselhava homens e mulheres a higienizarem, tingir, fortificar e embelezar os cabelos, e prevenir ou tratar a queda capilar provocada por doenças como a alopecia. Partindo da miríade de substâncias indicadas pelo autor, uma pele lisa, macia e uniforme era desejada entre as mulheres, que não apenas se preocupavam com seu bom aspecto, mas também procuravam adorná-la com cosméticos de pigmento, com o intuito de realçar seus traços.

Um dado importante observado nos escritos de Plínio, Ovídio e Dioscórides é o conhecimento demonstrado por estes autores na seleção de matérias-primas para a elaboração de cosméticos, muitas vezes, ativos importados de outras regiões. Em Ovídio, por exemplo, é prescrito a cevada que os colonos da Líbia enviavam por barco, o trigo da Toscana, ou as Íris das terras da Ilíria, e o mel da Ática, preferencialmente os de favos amarelos (MFFO, p. 95-103). Sem embargo, Dioscórides e Plínio esclarecem que, para se obter resultados satisfatórios, seria necessário selecionar as melhores substâncias, geralmente encontradas noutros territórios. O médico romano, afirma que a terra da ilha de Melos²¹ tem a propriedade de higienizar o corpo e dar-lhe uma boa cor, e se utilizada nos cabelos pode afiná-los. De natureza igual, a terra de Quios²², confere uma cor fabulosa ao corpo, e concede à face um aspecto macio e brilhante (DMMD, V, p. 244). Em *História Natural*, a cidra uma fruta cítrica, ou como era comumente conhecida nos tempos de Plínio, maçã assíria cujas sementes os nobres povos partos cozinhavam com suas iguarias para adoçar o hálito (HNP, XII, p.13). No

²¹ Antiga Ilha grega situada no arquipélago das Cíclades, no Mar Egeu.

²² Segundo Dioscórides, se trata de uma terra branca, um tanto pálida e semelhante à sâmia; é lanoso e fosco.

Egito e em Chipre existiam amoras de um tipo único, e suas folhas fervidas em água da chuva juntamente com a casca do figo escuro e da videira tingiam o cabelo (HNP, XXIII, p.505). Estas informações oferecem uma visão panorâmica do amplo comércio de plantas e especiarias entre os diferentes territórios no mundo antigo e, ao mesmo tempo, enfatiza que parte de seu uso cotidiano era para a fabricação de cosméticos. Devido à riqueza de informações, estas obras foram amplamente usadas no período medieval por autores interessados na saúde corpórea para fundamentar seus próprios trabalhos.

No século II d. C, um proeminente físico e cirurgião chamado Galeno de Pérgamo (129–216 d.C.), atuante em Roma em 164 a.C como médico do imperador Marco Aurélio (121 – 180 d. C.), reconheceu os usos benéficos de cosméticos e perfumes considerando-os como uma parte específica da medicina, confeccionados a partir das mesmas matérias-primas que os medicamentos empregues para tratar doenças. As preparações medicinais eram, por assim dizer, um dos meios essenciais para se restabelecer a saúde corporal. Por essa razão, Galeno organizou seu conhecimento farmacológico sob o título *De Simplicium Medicamentorum Temperamentis ac Facilitatibus* que discute as propriedades e funções de mais ou menos 475 drogas simples. E é justamente neste texto que o médico natural da Ásia Menor, descreve o “*ceratum galeni refrigerans*”, uma formulação à base de essência de água de rosas que se dissolve em contato com a pele, e leva este nome por proporcionar uma sensação de frescor quando usado (Da Solter, 2005, p. 104; Castillo, 2014, p. 48).

Noutro trabalho intitulado *De Sanitate Tuenda (Hygiene)*, o médico de Pérgamo reúne ao longo de seis livros²³ diferentes temas relacionados à higiene e a preservação da saúde a partir do entendimento das *coisas naturais e não naturais*²⁴. No livro IV *Formas e tratamento da fadiga*, especificamente no capítulo VIII, descreve o preparo de múltiplos óleos diaforéticos com o intuito de eliminar os fluídos não muito espessos ou viscosos na carne e na pele. Por conseguinte, no livro III *Apoterapia, banhos e fadiga*, em seu último capítulo (XIII), o autor esclarece a aplicabilidade de massagens matinais e noturnas com óleos para o bom funcionamento corporal. De manhã, quando o corpo está descansado do sono, uma massagem suave tinha por função purificar e deixar o corpo relaxado e macio. Assim, nas palavras de Galeno se o corpo “[...] estivesse mais seco do que o desejável, ele deveria ser

²³ Livro I A arte de preservação da saúde; Livro II Exercício e Massagem; Livro III Apoterapia, banhos e fadiga; Livro IV Formas e tratamento da fadiga; Livro V Diagnóstico, tratamento e prevenção de várias doenças; Livro VI Profilaxia de condições patológicas.

²⁴As *coisas naturais* na medicina antiga e medieval estão ligadas a fisiologia corporal, enquanto *as coisas não naturais* relacionam-se aos elementos exteriores à natureza do corpo humano, mas essenciais para o seu bom funcionamento. Para um melhor entendimento, ver item 2.2.

ungido com óleo doce; pois isso umedece a pele seca.” (DSTG, III, p. 138).

Galeno, bem como outras autoridades da antiguidade clássica, estabeleceram um contraste entre *kosmêtikê technê* e *kommôtikê technê*. O primeiro faz referência ao esforço em se preservar a beleza natural do corpo por meio da aplicação de cremes, pomadas, cataplasmas, pastas dentais e etc., e é visto de forma positiva e inserida na esfera médica. Como contraponto, o segundo representa a prática condenável de alterar artificialmente a aparência da pele com produtos tóxicos como a cerusa²⁵, amplamente empregue no embranquecimento facial, capaz de causar graves irritações cutâneas. A respeito deste último, os filósofos estoicos consideravam imoral a alteração da aparência natural com artifícios cosméticos (Storti, 2019, p. 109; Castillo, 2014, p. 48-49).

Portanto, na antiguidade a cosmética fazia parte da medicina na medida em que se propunha a cuidar do corpo valendo-se dos elementos da natureza. São práticas benéficas, indissociáveis da higiene, saúde, bem-estar e beleza, que foram incorporadas à tradição médica neste período e, assim, legadas ao medievo.

1.2 Os cosméticos nos escritos latinos medievais

No início da Idade Média, são escassos os manuscritos que abordam discussões acerca da conservação da saúde e beleza física feminina. Isto se deve, dentre outras coisas, à crescente influência do Cristianismo que condenava o cuidado excessivo com o corpo e os prazeres físicos. Aos olhos dos religiosos medievais, a tentativa de alterar a obra de Deus com cosméticos estaria associada à prostituição e ao pecado da vaidade e luxúria. Em decorrência disso, as autoridades eclesiásticas não pouparam esforços em restringir a disseminação de ideias inclinadas à valorização dos traços físicos, mas dirigiram seus discursos, sobretudo, às mulheres, principais interessadas nessas práticas. Uma das medidas adotadas foi a escrita de tratados contra o seu uso, como o *De Cultu feminarum*²⁶ de Tertuliano (160- 225 d.C.), composto por volta do ano 202 d.C. Nesta obra, aconselha as mulheres cristãs a renunciarem aos adornos e aos cuidados com a aparência e adotar os preceitos da modéstia e simplicidade, além de criticar veementemente aquelas que se comportavam como pagãs (Macedo, 1998; Castillo, 2014). As tensões e os debates pertinentes ao uso apropriado das artes de embelezamento permaneceram por todo o

²⁵ Carbonato básico de chumbo.

²⁶ A princípio, eram duas obras distintas: *De Habitu Muliebri* e *De Cultu Feminarum*. Esta última escrita no intuito de desenvolver melhor alguns temas delineados no primeiro texto.

medieval.

Apesar disso, paralelo aos apelos eclesiásticos, houve quem dedicasse maior atenção aos aspectos exteriores do corpo. O curioso é que umas das primeiras referências diretas aos cosméticos, sem de fato condená-los, partem do discurso de um outro cristão, Isidoro de Sevilha. No século VII, seu escrito *Etimologias* surgiu como uma importante obra que introduz no medieval todo um conhecimento de pensadores e filósofos antigos, que embora não pertençam à literatura salutar, oferecem informações relevantes acerca de temas relacionados às mulheres, incluindo os adornos corporais, beleza e os aspectos distintivos entre os sexos.

O Bispo de Sevilha tece algumas considerações que podem ter incentivado as práticas de cuidado pessoal. No livro XI denominado *O ser humano e os presságios (De homine et portentis)*, especificamente no capítulo I *O ser humano e sua parte*, comenta que

Algumas partes do nosso corpo foram criadas apenas por razões de utilidade, como por exemplo as vísceras; alguns para utilidade e ornamento, como os órgãos dos sentidos no rosto e as mãos e pés no corpo, membros que são ao mesmo tempo de grande utilidade e de forma muito agradável. 147. Alguns são puramente ornamentais, como por exemplo os seios nos homens e o umbigo em ambos os sexos. Alguns existem para nos permitir perceber a diferença entre os sexos, como por exemplo os órgãos genitais, a barba crescida e o peito largo nos homens; nas mulheres, as bochechas lisas e o peito estreito; embora, para conceber e carregar um feto, tenham lombos e flancos largos (EIS, XI-I:146-147, p. 241).

Pela passagem acima, não é difícil compreender o interesse por se cuidar de certas partes do corpo. Além desta noção referente às partes corporais, no livro XIX *De navibus aedificiis et vestibus* (Navios, edifícios e roupas), no capítulo XXIII que versa sobre os trajes típicos de certos povos, relata que os sexos também aceitaram costumes de aparência. Assim, os cabelos curtos eram para os homens e mechas esvoaçantes para as mulheres (EIS, XIX-XXIII: 8, p. 386), pois foram “[...] feitos tanto para servir de enfeite, quanto para proteger a cabeça do frio e defendê-la do sol. As tranças, estritamente falando, são características das mulheres” (EIS, XI-I:28, p. 232-233). Ademais, há duas breves menções aos cosméticos neste mesmo livro, especificamente no capítulo XVII sobre as cores que podem ser naturais ou fabricadas a partir da mistura de elementos. Isidoro comenta que o pigmento branco *anulare*, feito de argila mesclada às gemas de vidro, tem esse nome porque com ele os cosméticos femininos ficam brilhantes (EIS, XIX-XVII:22, p. 381). Em seguida, ensina como produzir a cerusa, um pigmento esbranquiçado usado desde a antiguidade para se branquear a pele do

rosto das mulheres (EIS, XIX-XVII:23, p. 381)²⁷. Essas sucintas referências evidenciam que, mesmo eclipsadas na tradição escrita, essas práticas permaneceram ativas no cotidiano das mulheres medievais.

A área médica se interessa pelas atividades de cuidado corporal por meio da produção de cosméticos desde a antiguidade, sendo considerada uma extensão da medicina. Não obstante, a relação homem-natureza, o renascimento do comércio, o contato com os povos do Oriente através das cruzadas ou por relações comerciais, provocaram profundas mudanças no cenário citadino medieval ocidental. Assim, o reaparecimento dos cosméticos na literatura médica data dos séculos XI-XII, período que corresponde ao florescimento das Escolas de Medicina por toda a Europa e o esplendor experimentado pela Escola Médica de Salerno. De tal modo, os compêndios médicos, os antidotários²⁸, as seções sobre medicamentos compostos em tratados de oftalmologia, dietética, farmácia e higiene passam a incluir assuntos correlacionados à cosmética, demonstrando o pleno interesse de médicos, cirurgiões²⁹, e principalmente dos barbeiros³⁰, por esse tema (Castillo, 2014; Pairet, 2002).

Um bom exemplo da incorporação destas preocupações nos escritos salutareis é o *Regimen Sanitatis Salernitanum* (Regimento de Saúde de Salerno), de autoria desconhecida, composto originalmente em trezentos e setenta versos poéticos, que tinham por objetivo, facilitar a memorização dos conselhos de saúde. Neste trabalho, são apresentadas recomendações higiênicas e dietéticas de acordo com a época do ano, além de algumas drogas simples benéficas para a fabricação de cosméticos a fim de se neutralizar os efeitos negativos do meio ambiente no organismo. Sendo assim, são prescritos fármacos para se tratar as disformidades da pele, tais como: as rugas e manchas no rosto, causadas por enfermidades como os lúpus, a escrófula ocasionada no pescoço, verrugas, úlceras e fissuras. No que tange aos cabelos, existem preocupações com a queda e maciez dos fios, já, no que toca à saúde bucal, lista-se substâncias como a canela para se tratar uma boca malcheirosa.

²⁷ Segundo Isidoro, a cerusa é feita assim: “encha um recipiente com vinagre bem azedo; adicione galhos de videira a este mesmo recipiente, e em cima aos galhos coloque folhas muito finas de chumbo, e a seguir feche o recipiente com cuidado e sele-o para que nenhum dos vapores possa escapar. Depois de trinta dias o recipiente pode ser aberto e você encontrará chumbo branco, produzido a partir da destilação das folhas de chumbo. Este é retirado, seco, triturado e, novamente misturado com vinagre, separado em pastilhas que são secas ao sol” (EIS, XIX-XVII:23, p. 381).

²⁸ Os antidotários eram coleções de receitas médicas para fins variados, consideradas valiosas e merecedoras de registros, constituindo os formulários terapêuticos da Escola.

²⁹ Os cirurgiões eram aqueles profissionais formados nas *Universitas* dispondo da teoria e prática médica para realizar intervenções manuais afim de se tratar enfermidades e fraturas.

³⁰ Os cirurgiões-babeiros intervinham manualmente com seus instrumentos no corpo enfermo, mas também se ocupavam com a estética dos cabelos e das barbas. Posteriormente, com o advento das Universidades passou a se referir àqueles que não possuíam formação acadêmica.

Por assim dizer, a tradição escrita médica serviu de ponte para a divulgação destes saberes até o século XI. Não que as receitas cosméticas deixaram de compor as seções médicas, mas um novo gênero surgiu a partir daí, a literatura cosmética. As compilações mais expressivas sobre os cosméticos no medievo³¹ são as obras de Trotula estudadas nesta dissertação; *De Curis Mulierum* e *De Ornatu Mulierum*, que refletem sobre as trocas de conhecimentos ocorridas entre mulheres árabes e latinas no sul da Itália, muitas vezes nem nomeadas, mas que sugere, de fato, um intenso envolvimento com estas práticas.

1.3 Os cosméticos na tradição literária árabe

O envolvimento com atividades atinentes à perfumaria e a cosmética foi uma realidade no cotidiano dos povos situados na Península Arábica. Na Arábia pré-islâmica, o gosto por estes produtos foi documentado na tradição médica antiga e farmacológica. Em *História Natural*, Plínio destaca as razões pelas quais denominam parte do território de *Arábia Feliz*³², além das riquezas encontradas em terra “[...] o título *feliz* pertence ainda mais ao Mar da Arábia, pois dele vêm as pérolas que aquele país nos envia [...]” (HNP, XII, p.61). Seus principais produtos consistiam no olíbano e na mirra, elementos valorizados na composição de unguentos e perfumes, sendo que neste período, nenhuma outra região produzia o olíbano, nem mesmo toda a Arábia (HNP, XII, p.37). Nessa mesma linha, Dioscórides descreve o amplo uso do terebinto uma conhecida árvore arbustiva de onde se obtinha a terebintina, matéria-prima para a elaboração de pigmentos cosméticos (DMMD, I, p. 173).

Esse panorama traçado por autores antigos referindo-se à Península Arábica como um importante centro exportador de especiarias para diversos fins, inclusive para a produção de cosméticos, não se alterou com o advento da nova religião. Na verdade, serviu como combustível. Na Arábia a partir do século VII, as atividades correlacionadas ao

³¹ Após os escritos Trotula, houve um crescente interesse pelos cosméticos por parte de outros médicos medievais. A citar; Bernado de Provença em sua obra *Comentarium Super Tabular Salernido* do século XII, afirma que as mulheres salernitanas preparavam receitas para as damas da nobreza. No século XIII, Aldobrandino de Siena escreveu *Regime do Corpo* dedicado à condessa Beatriz, que incluiu inúmeras receitas para cuidados de beleza, entre os quais se destacam várias fórmulas destinadas a colorir os cabelos loiros, preto ou vermelho, e vários preceitos relativos à eliminação de cabelos supérfluos, alcançados através de preparo de misturas utilizando arsênio e alume. Um dos médicos que diferenciou com clareza as práticas de cosmética da medicina foi Henri de Mondeville (1260-1320). Em sua obra *Cirurgia*, entre os preceitos referentes aos cuidados com várias enfermidades, o cirurgião distinguiu as doenças da pele, que necessitavam de cuidados médicos, e a aplicação de cosméticos para cuidados com a aparência. No século XIV, outro manual médico do século XII que reserva espaço para assuntos femininos é o *Lilio de Medicina* de Bernado de Gordônio, com prescrições destinadas à promoção da beleza; para se avermelhar as bochechas, ou ainda, para se limpar e clarear a pele.

³² Na antiguidade, os romanos dividiram a Península Arábica em três partes: a Arábia Pétria, a Arábia Desértica e a Arábia Feliz, sendo esta última, localizada a sudoeste do território.

embelezamento corporal são fundamentadas nos preceitos da religião islâmica. Um bom exemplo desta conexão são as representações que circulavam das *húris*³³, introduzidas na tradição árabe muçulmana pelo Profeta Maomé (séc. VI). Segundo Ibn Abbas (séc. VII), quando questionado sobre a natureza destas criaturas, fantasia que Deus as criou assim: dos dedos dos pés aos joelhos são feitas de açafão; dos joelhos aos seios, almíscar perfumado; dos seios ao pescoço de âmbar brilhante e do pescoço à cabeça de cânfora branca (Castilo, 1983, p. 10). Mas, isto não é tudo. São reputadas como portadoras de enorme beleza; possuem uma tez resplandecente, enquanto as sobrancelhas assumem um tom negro que contrasta com a luminosidade da face e os lábios doces emolduram os dentes brancos e reluzentes. Também são bastante ornamentadas. Usam cerca de setenta tipos de perfumes sem jamais repetir nenhum, trazem em seus pulsos pulseiras de ouro, além de múltiplos anéis nos dedos das mãos e nos pés (Castilo, 1983, p. 13).

Acerca deste assunto, convém destacar um ponto interessante. As paradisíacas *hurís* foram simbolicamente descritas utilizando alguns produtos aromáticos raros e extremamente valorizados na cultura islâmica. Tanto o açafão (*za'farān*), o almíscar (*misk*), o âmbar (*'anbar*) e a cânfora (*kāfū*) estavam entre as principais substâncias aromáticas simples mencionadas por Ibn Māsawayh, um médico do século IX, em *Gawāhir al-tīb-mufrada*, um escrito sobre os perfumes (Shinikov, 2016, p. 279- 280). Essa idealização acerca das *hurís* pode ter influenciado positivamente na maneira como as mulheres árabes zelaram de seus corpos. A beleza e outras habilidades – como a costura, música, culinária, etc. – são aspectos fundamentais às mulheres residentes do *harém*³⁴. Presidido pela mãe do *califa*, estes espaços estritamente femininos e hierárquicos ofereciam possibilidade de ascensão baseadas no casamento e no concubinato³⁵. Tal possibilidade dava espaço para o surgimento de intensas disputas e intrigas femininas³⁶. Assim, o interesse pelo corpo e sua ornamentação com cosméticos está, portanto, atrelado ao imaginário da esposa ideal, que combina beleza, mérito pessoal e religião, enquanto os homens islâmicos, após o matrimônio, se tornam o maior fornecedor de perfumes, roupas, vestidos, sabão, hena etc., como aponta o autor árabe Ibn

³³ De acordo com a fé islâmica, se tratam de virgens prometidas aos homens islâmicos no Paraíso.

³⁴ O harém, destituído dos retratos orientalistas divulgados no Ocidente por meio de relatos de viajantes, refere-se aos aposentos femininos guardados por eunucos, do qual apenas o califa tinha acesso livre. Nestes espaços conviviam a mãe do califa, avós, esposas, concubinas, irmãs, filhas e os filhos até a puberdade, as amas de leite, as babás, escravas, as professoras, as leitoras do Alcorão, e etc.

³⁵ De acordo com o Alcorão, era permitido se ter até quatro esposas legítimas, sendo as demais outras, concubinas.

³⁶ Nos haréns era de interesse das esposas legítimas, concubinas e escravas que seus filhos ocupassem uma boa posição dentro da família. Um bom exemplo disso é o caso de Tarub uma das escravas preferidas pertencentes ao harém do emir Adb al-Rahman II, que não só ocupou posição de destaque, como se aliou a pessoas importantes para que seu filho se tornasse o próximo emir. Segundo as lendas, o nome da cidade de Madīnat al-Zahrā' é tida como uma homenagem a sua concubina denominada al-Zahrā.

Habib na virada dos séculos VIII e IX. Sendo assim, as mulheres alcançaram no âmbito das práticas associadas à cosmética, um mundo de “prazeres consentidos” existente entre as margens dos preceitos da religião e a autoridade masculina (El Cheikh, 2005; Alcantud, 2021; Delgado, 2020; Tena Tena, 2008, p. 57; Álvarez de Morales, 2010, p. 234).

Após o processo de unificação da Arábia³⁷ verificado a partir do século VII, a bagagem árabe foi enriquecida pelo contato com fontes antigas como textos hipocráticos, aristotélicos e galênicos, surgindo assim, as primeiras traduções médicas do grego e do siríaco para o árabe, além de novas compilações e comentários por parte dos autores muçulmanos (Peña; Giron, 2006, p. 63-64). Mas é justamente na esteira dos tratados de medicina que receitas para os cuidados com a beleza e saúde corporal atingem sua máxima. Em suma, acreditava-se que a utilização de cosméticos também servia para conservar o corpo criado pela Divindade, além de auxiliar no desempenho correto de suas funções³⁸. Assim, no Oriente islâmico dos séculos IX- X, autores árabes como de Hunayn b. Ishāq, Johanitnitius na tradição latina, Ibn Māsawayh (?–875) médico pertencente a célebre *Casa da Sabedoria*³⁹ localizada em Bagdá, e Ishāq b. ‘Imrān que exercia a medicina no Norte da África, dedicaram pelo menos parte de seus trabalhos às atividades reconhecidas sob o termo *al-zīna* (cosméticos). Johanitnitius, admirável transmissor da ciência grega ao mundo árabe, escreveu sobre como suprimir os cabelos grisalhos usando tinturas à base de vegetais e vinagre. De maneira semelhante, embora a maioria dos escritos de Ibn Māsawayh tenha se perdido no tempo, elementos relacionados aos cuidados com o corpo sobreviveram noutras obras posteriores. Com efeito, sabe-se que prescreveu elaborações para escurecer e fortalecer os cabelos, cosméticos para remoção de manchas do rosto e demais conselhos para perfumar o hálito com cravo, canela, sândalo amarelo e rosas vermelhas. O último autor Ishāq b. ‘Imrān, prescrevia dentífrícios feitos de

³⁷A unificação do território árabe, antes fragmentado em várias tribos, culminou no controle árabe de outros territórios vizinhos como Síria, Pérsia, Mesopotâmia e Egito, e posteriormente partes da Espanha, na Península Ibérica.

³⁸A este respeito, e em defesa dos cosméticos, um médico árabe do séc. XII de nome Avenzoar apregoa que “A saúde consiste em o homem ser capaz de desempenhar as suas funções naturais, e quando o pode fazer, é saudável, por isso deve fazer um esforço para o poder. E isso só é possível se ele mantiver os órgãos do seu corpo a salvo de doenças. Agora então: a parte mais importante dos cosméticos (*al-zīna*) é permitir que o órgão cumpra a sua função... os cuidados dispensados a uma parte do corpo não resultam no cumprimento da sua função natural [melhor]? Pois não há nada mais insignificante do que o cabelo que cresce nas sobrancelhas. ... Há um consenso entre os médicos de que a sua utilidade consiste em evitar que corpos estranhos, tais como partículas de pó ou palhinhas, caiam no olho. O mesmo se aplica aos cílios, de modo que os pelos das sobrancelhas são o primeiro protetor e os cílios são o segundo... Quando um homem cuida dos seus pelos das sobrancelhas para evitar a sua queda, não ajuda o olho a desempenhar a sua função natural? Então torna-se claro que os cosméticos são uma das partes mais importantes da medicina, de tal forma que - para a pessoa comum - não tem igual no seu género.[...]” (Avenzoar, *apud*, Brabant, 1999, p. 197).

³⁹Biblioteca real de Bagdá, também conhecida como a *Casa da Sabedoria*, onde um exército de eruditos trabalhava sob o comando dos califas abássidas.

mirra, cânfora e outras madeiras aromáticas a fim de prevenir o mau hálito e clarear os dentes (Arvide Cambra, 2010; Peña; Giron, 2006, p. 66-67; Moulinier-Brogi, 2004, p. 3-4).

Além desses autores, um médico natural da cidade de Ray (atual Irã) de nome Abū Bakr Muhammad Ibn Zakarīyā al-Rāzī (865-925), comumente conhecido como Rhazes pelos autores latinos, vincula a cosmética à sua famosa enciclopédia médica intitulada *Liber Almansoris* (Livro de Medicina dedicado a al-Mansur). Em termos de estrutura, o escrito está dividido em dez livros que no geral trata da anatomia e fisiologia do corpo, dos temperamentos, dos alimentos e medicamentos, higiene, meio-ambiente, sono, evacuação etc. Porém, é no quinto livro que Rhazes se ocupa da produção de tinturas capilares à base de substâncias do mundo mineral, como litargírio, cal viva e o alume, bem como preparo de óleos para demais cuidados com os fios. Também são prescritas pastas depilatórias para o corpo e máscara purificantes para a face (Arvide Cambra, 2010; Peña; Giron, 2006, p. 66-67; Moulinier-Brogi, 2004, p. 3-4)

Em sua majestosa obra denominada *Canon* de Medicina, organizada em cinco livros⁴⁰, o célebre físico e filósofo Ibn Sīnā (980-1037) ou Avicena no Ocidente medieval, esclarece no Livro I que “Existem certos assuntos que não são doenças, mas são contados entre eles. São questões relacionadas com a beleza: primeiro, o cabelo; em segundo lugar, a compleição (tez); terceiro; o odor; e quarto, o físico, menos a cor. [...]” (CMA, I -VI, p. 127). Nesta sequência, a primeira preocupação enfatizada por Avicena são os cabelos. Segundo o médico, algumas condições podem afetar a saúde e a beleza dos fios e são entendidas como doenças; a alopecia geral e alopecia local que provocam a queda gradual; a escassez, aspereza e afinação capilar, além de outros problemas relacionados à mudança de cor para o cinza (grisalhos) e a ondulação excessiva (CMA, I-VI p. 127). No que se relaciona a tez, os distúrbios que causam alteração na cor da pele do rosto podem ocorrer – dentre outros motivos – por causas externas como sol, frio e o vento, e pela expansão de substâncias de cor não natural sobre a pele, como por exemplo, o vitiligo, as sardas avermelhadas, as sardas pretas e as de cor mista, manchas de varíolas e cicatrizes de úlceras (CMA, I-VI p. 127). A respeito dos maus odores que emanam do corpo (axilas e demais partes), menciona os efeitos benéficos dos banhos e das massagens com óleos perfumados (CMA, I-V, p. 305-306). No que tange às aflições do físico atinentes à obesidade, o médico prescreve regimes com alimentos pobres em nutrição, banhos

⁴⁰ O *Canon* é dividido em cinco livros. O primeiro livro é sobre princípios gerais de medicina, fisiologia, patologia, etiologia, higiene, sintomatologia, regras gerais e métodos de tratamento, regime e anatomia; o segundo livro trata da *matéria médica*; o terceiro trata de doenças específicas; o quarto refere-se à terapia geral e o quinto livro é voltado para a farmacologia.

regularmente entre as refeições, exercícios rápidos e massagens com óleos dissolventes (CMA, I-V, p. 306).

Apesar de tecer algumas considerações primárias no livro I, é respectivamente no livro II que Avicena apresenta a matéria médica utilizada nos cuidados com o corpo. O livro conta com uma introdução geral e é subdividido em dezesseis *alwah* (tabelas)⁴¹, das quais a quinta, é intitulada *al-lawh al-tanī fī l-zīna*, ou seja, *sobre os cosméticos*. Portanto, descreve detalhadamente e em ordem alfabética as propriedades benéficas das drogas simples “[...] que ajudam a embelezar a pele e os cabelos, as drogas que removem erupções cutâneas, vitiligo, verrugas e aquelas que são usadas em cosméticos” (OCA, p. 62), conforme o tipo de enfermidade e as diferentes partes do corpo.

Acerca dos cabelos são listadas drogas para calvície; crescimento capilar; combate aos piolhos; cosméticos para fortalecer, alisar e alongar os fios; conter os cabelos cacheados; compor tinturas para escurecê-los ou avermelhá-los. De maneira similar, no que diz respeito ao rosto são elencados fármacos que podem ser úteis ao embelezamento facial, bem como tratar as sardas, caroços, pele ressecada, alterações de cor, verrugas e rugosidade, fissuras na pele, sequelas de acidente ou de enfermidades, queimaduras de sol, úlceras, demais condições dermatológicas como vitiligo, erupções cutâneas, lepra, cicatrizes de varíola etc. Quanto aos cuidados com os pés e mãos, são indicados elementos do mundo natural para o tratamento de micoses, rachaduras ou inflamações nos pés, fragilidade e torção das unhas e para aquelas manchas brancas que podem aparecer nelas. Em termos de higiene geral do corpo, são prescritas drogas para a elaboração de depilatórios, desodorantes para as axilas, dentifrícios para hálito fétido e limpeza dos dentes, além de pomadas para fissuras nos lábios etc. Pormenor, além de questões atinentes às partes pudendas como os seios e os testículos, se tem orientações sobre a estética corporal como o ganho ou perda de peso.

Portanto, em al-Andaluz como noutros territórios árabes, o corpo era objeto de cuidados variados, e em particular, prezava-se muito por sua integridade, saúde e beleza. É no contexto promissor do califado Omíada de Córdoba, que foi compilado o *Tratado XIX* pelo médico e cirurgião Abulcasis, um texto cosmético escrito no intuito de abranger todo o corpo feminino. Dessa forma, a análise desta obra permite compreender quais as principais preocupações relacionadas à aparência, e como eram feitos e aplicados estes produtos.

1.4 Os autores da cosmética medieval: Abulcasis al-Zahrāwī e Trotula de Salerno

⁴¹ Uma forma de organizar os assuntos por temáticas semelhantes aos capítulos

No contexto do Baixo Medievo Ocidental, surgiram dois importantes nomes que contribuíram significativamente para o reaparecimento da cosmética na tradição literária erudita; Abulcasis al-Zahrāwī e Trotula de Salerno. Por conseguinte, faz-se necessário compreender quem são esses prolíficos autores e quais condições teria favorecido a composição das fontes estudadas nesta dissertação.

É no ambiente social, cultural e intelectual de al-Andaluz⁴² do final do século X e início do XI que figura Abū al-Qāsim Jalaf ibn al-'Abbās al-Zahrāwī, também conhecido na tradição latina como Abulcasis, identificado como um importante tratadista e especialista na teoria e na prática da medicina, farmacologia e cirurgia. É reputado como um dos mais completos médicos medievais, independente se latino ou islâmico, oriental ou ocidental. Sua popularidade se deve ao seu conhecimento compilado na magna obra de caráter enciclopédico *Kitāb al-taṣrīf li-man 'a'Yiza 'an al-ta'līf* (Livro da disposição médica para aqueles que não são capazes de saber por si mesmo, composta por trinta tratados dos quais sem dúvida, o mais famoso é o da cirurgia (Cap. XXX).

A respeito deste ilustre médico quase nada se sabe, o que não é novidade para historiadores habituados com o Baixo medievo. Existem lacunas que impedem uma reconstrução concreta de sua vida, assim sua biografia é elaborada, em grande parte, com base em suposições ou informações obtidas por meio de outros autores – contemporâneos e estudiosos posteriores – que o referenciaram em seus escritos. Neste sentido, não tendo como assegurar a veracidade de determinadas notícias que circundam este personagem, é preciso ter cautela.

Algumas das informações dadas como verídicas são fornecidas pelo seu *nisba*, parte do nome árabe clássico que faz referência ao lugar de nascimento, linhagem familiar e procedência de um indivíduo (Arvide Cambra, 2010, p. 9)⁴³. Deste modo, o sábio andaluz teria nascido e residido a poucos quilômetros de Córdoba, em *Madīnat al-Zahrā'* ou Cidade de al-Zara (mapa anexo A). Esta informação é fundamentada em seu *nisba* al-Zahrāwī, que quer dizer, a grosso modo, natural de al-Zara, embora a data exata de seu nascimento seja desconhecida. Supõe-se que tenha sido depois do ano de 936 d.C., quando da fundação de *Madīnat al-Zahrā'* pelo califa Abd al-Raḥmān III al-Nāṣir (912-961)⁴⁴ (Arvide Cambra, 2010; Tabanelli, 1961; Nashef Nashef, 2016).

⁴² Território da Península Ibérica que estava sob o domínio muçulmano após a conquista iniciada em 711.

⁴³ De maneira semelhante e menos complexa, pode-se pensar nos mais eminentes escritores do Ocidente medieval, que para identificá-los nos escritos da Idade Média, sucede após o seu primeiro nome, a cidade ou o reino a que pertenceram. Por exemplo, Trotula de Salerno, médica atuante na cidade de Salerno, no sul da Itália.

⁴⁴ Conhecido no Ocidente medieval como Abderramão III.

Em igual proporção à escassez de notícias sobre seu nascimento, também se desconhece a data da sua morte, provavelmente ocorreu nos princípios do século XI. São documentados dois relatos que apontam duas possíveis datas; o primeiro provém de Ibn Bashkuwāl (1101-1183) que em seu escrito de cunho biográfico *Kitāb al-ṣila*⁴⁵ conta que Abulcasis faleceu por volta do ano de 400 da Hégira, o que vem a ser entre 1009/1010 da era cristã. A segunda data é obtida por meio de Leão, o Africano em *Tractus de vitis philosophorum araborum*, onde afirma que o andaluz faleceu em 404 da Hégira, logo 1013 da era cristã (Arvide Cambra, 2010, p. 11). São datas aproximadas que levantam mais questões do que as respondem.

Nesta perspectiva, tomando como ponto de partida o período entre 936 a 1013, a vida de Abulcasis transcorreu durante a época dourada do Califado Omíada de Córdoba (929 – 1031), atravessando os governos dos califas Abd al-Raḥmān III al-Nāṣir (929– 961), Al Hakam (961-976) e Ibn Abi Amir (976-1002), apelidado de Al-Mansur. A época de Abd al-Raḥmān III al-Nāṣir é marcada pelos conflitos diretos contra inimigos que ameaçavam a estabilidade da dinastia Omíada de Córdoba; os reinos cristãos ao Norte da Hispânia e demais motins internos ocasionados por rebeldes muçulmanos. Os resultados desses embates contribuíram para implementação do califado com a autoprocamação de Abd al-Raḥmān III al-Nāṣir como califa em 929, e posteriormente, entre 936 a 940 tem-se a construção de *Madīnat al-Zahrā*, como nova sede do califado Omíada (Tabanelli, 1961, p. 15; Fierro, 2004, p.300).

Embora a nova cidade palatina tenha sido construída para acomodar a residência real e toda a administração política do califado, a conotação religiosa por trás dela não pode ser ignorada. Dizem os escritos árabes, que a cidade era a representação do Paraíso, e o seu próprio nome *Madīnat al-Zahrā* faz alusão a uma cidade brilhante ou cidade do resplendor. Um lugar semelhante a um oásis, cheio de jardins e fontes, com um magnífico palácio principesco e maravilhas de ambos os mundos (ocidente e oriente), sem falar nas mesquitas e inúmeras casas com amplos pátios com uma rica vegetação (Fierro, 2004, p. 312; Tabanelli, 1961, p. 26). É neste espaço de enorme imponência que se insere a figura de Abulcasis.

Sua fama e prestígio levam a acreditar que seus serviços estiveram à disposição dos califas Omíadas, atuando como médico pessoal e acompanhando-os em algumas campanhas. No que diz respeito a essa crença, existem alguns pontos que devem ser considerados. Segundo

⁴⁵ Historiador e jurista da Andaluzia, Ibn Bashkuwāl é conhecido principalmente por seu dicionário biográfico *Kitāb al-ṣila fī ta'rīkh a'immat al-Andalus* sendo a continuação de uma outra obra de mesmo caráter compilado por Ibn al-Faradī (falecido em 1013), *Ta'rīkh 'ulamā' al-Andalus*.

Tabanelli (1961), em seus escritos o andaluz diz ter cuidado de um soldado do Sultão durante quatro meses, porém o nome de ambos não é revelado. Todavia nenhuma menção a este feito é encontrada nas fontes árabes do período. Contrapondo esta ideia, Abir Nashef Nashef (2016, p. 6) argumenta que se Abulcasis realmente prestou serviços à corte Omíada, seria natural de sua parte dedicar seu trabalho ao califa que serviu, o que de fato não ocorreu. Assim a ausência de tal dedicatória faz-se pensar exatamente o contrário. O mais provável, como afirma Arvide Cambra (2010, p. 9), é que o médico andaluz tenha dirigido uma Escola privada de medicina aberta a estudantes de todas as partes atraídos pela fama do mestre al-Zahrāwī. Mas ao invés de dedicar suas obras a um califa Omíada, Abulcasis o fez para seus alunos, a quem chamava e os considerava como “filhos”.

Na fonte analisada nesta dissertação, o Tratado XIX, uma breve passagem contida no capítulo II serve para alimentar estas acaloradas discussões. Entre suas recomendações, prescreve uma receita para fabrico de um óleo depilatório válido para os reis, e se preocupa também em ensinar como eliminar o odor do cosmético, a fim de torná-lo mais agradável ao uso (KATA, II-33.5). Mesmo não os nomeando, Abulcasis se refere a um grupo específico, os reis, que pode se tratar tanto dos califas de al-Andaluz, ou mesmo, de outras figuras importantes dos reinos vizinhos, considerando que Abulcasis escreve para que seu conhecimento circulasse nos diversos espaços aclamados de saber.

A partir desta perspectiva, surgem novas indagações sobre sua atuação e prática médica; onde teria estudado? Com quem aprendeu a arte médica? As respostas para estas questões ainda permanecem no domínio das especulações. Não se dispõe de qualquer informação que ligue o médico a qualquer Escola, apesar de que em Córdoba dos anos 800 fala-se da existência de uma escola com fama dispersa em toda a Europa, talvez o andaluz tenha tido sua primeira instrução neste local. Mas também se pode pensar que poderia ter viajado ao Oriente, com destino a qualquer uma das cidades, tais como: Damasco, Bagdá e Alexandria consideradas grandes centros do conhecimento neste período, onde dezenas de copistas sírios, judeus, árabes teriam iniciado, desde a segunda metade do século VI o movimento de cópias, tradução e organização dos textos de matrizes antigas para o árabe (Tabanelli, 1961, p. 27).

É inegável que Abulcasis teve acesso aos textos de tradição antiga e demais obras de origem árabe circulantes no período. Autoridades greco-romanas e orientais como Dioscórides (I a.C), Cleópatra (I a.C), Críton (I/II a.C), Galeno (129-199) e árabes como al-Rhazes (865-925), foram consultadas como suporte teórico-prático capazes de conferir certa credibilidade aos seus conselhos médicos e cosméticos.

A cargo de reflexão, o fato de o autor dispor destas obras sugere que pode ter ocupado uma posição privilegiada na sociedade do seu tempo, ainda que não mantivesse relações diretas com a corte Omíada. Mas então, como e onde teria tido acesso a estas obras? Alguns destes textos só seriam introduzidos no Ocidente, a partir do século XI por meio do movimento de tradução do árabe para o latim iniciado no Sul da Itália. Escritos como os Críton e Cleópatra não chegaram por completo ao mundo ocidental, dos quais se tem notícias apenas por intermédio das traduções árabes e de demais referências nas suas compilações.

Certamente, tem-se entre os séculos X e XI em *Madīnat al-Zahrā'* no território al-Andaluz, a existência de um homem extremamente erudito que conhecia os princípios da medicina e da manutenção da saúde, e conciliando o conhecimento teórico adquirido nos textos antigos, aplicou-os em sua prática cotidiana. No entanto, Abulcasis não foi o único a se destacar em seu tempo. No tardar do século XI, surge uma outra figura significativa para a medicina feminina medieval e para as práticas correlacionadas aos cuidados e embelezamento corporal, Trotula de Salerno.

Apesar de enorme reputação, pouco se sabe sobre a vida da *Magistra mulier sapiens*, Trotula. É dito ter vivido em Salerno (mapa anexo B), pertencia à antiga e aristocrata família de Ruggiero⁴⁶, provavelmente teria lecionado na renomada *Schola Medica Salernitana*. Sua vida privada parece ter se mesclado à sua carreira profissional, pois à sua biografia é acrescentado o matrimônio com um médico notável da época, Giovanni Plateario (séc. XI), com quem teve dois filhos: Giovanni, o Jovem, e Matteo, ambos expoentes da Escola de Salerno, comumente conhecidos como *Magistri Platearii*.

Era conhecida por vários nomes na Idade Média. Alguns expressam o respeito de seus contemporâneos; *Magistra*⁴⁷, *Uxor Platearii*⁴⁸, *Mulier Sapiens*⁴⁹, *Trotta* ou *Trocta*. Demais seguidores em períodos póstumos se referiam a ela por *Trocula*, *Trotta*, *Trotula*, *Trocta*, *Trottus*, *trott'*, *tt'*, *Truta*, *Trutella*, *Trorula*, "uma" das mulheres de Salerno⁵⁰; e para escárnio de alguns escritores modernos foi apelidada de a *Velha Dama Trotula* (Hurd-Mead, 1938). Independente da alcunha, todos parecem indicar que uma autoridade feminina estava implícita.

É válido salientar que detalhes importantes sobre sua vivência e prática escapam aos seus estudiosos. Isto faz com que a sua biografia seja elaborada, muitas vezes, a partir de

⁴⁶ Por isso de, às vezes, ser referenciada por alguns historiadores e estudiosos como Trotula de Ruggiero.

⁴⁷ Termo feminino para mestre, derivado de *Magister* (masculino).

⁴⁸ A expressão significa “*Esposa Platearii*”, em referência ao seu companheiro, Giovanni, também médico na Escola de Salerno

⁴⁹ Expressão que quer dizer “uma mulher sábia”.

⁵⁰ As mulheres versadas na arte médica eram conhecidas sob o epíteto de *mulieres salernitanae* ou as *damas de Salerno*.

hipóteses nem sempre comprovadas. Monica Green (2001), por exemplo, especialista na *questão Trotula* e em medicina feminina medieval, levanta algumas premissas que permeiam os historiadores que se dispõem a pesquisar essa misteriosa *mulier salernitanae*; qual o exato período em que viveu? Quem foi seu mestre? O latim era a língua dos eruditos no medievo, sendo assim como Trotula se alfabetizou? De fato, não existem respostas concretas (até o momento) a estes questionamentos, e as informações que se tem sobre esta mulher de notável saber, muitas vezes estão associadas a outros fenômenos. No entanto, nem o tempo nem a história se desfizeram de Trotula, existem alguns elementos norteadores.

Por intermédio de referências casuais nos escritos literários e médicos é possível situar Trotula no espaço-tempo medieval. Possivelmente, esteve ativa por volta da década de 1050, data que coincide com o relato do monge anglo-normando Orderico Vitale (1075), que em *História Eclesiástica* descreve o episódio de Rodolfo Mala Corona⁵¹, um viajante normando instruído na prática médica que visita Salerno em 1059, e dado a competições com outros mestres salernitanos, assegura que não havia ninguém mais perito em medicina do que ele, senão uma *mulher sábia*. A maioria dos estudiosos identifica a *mulher sábia* como Trotula, embora não seja feita nenhuma menção direta ao seu nome (Barrilari, 2012, p. 262).

Neste mesmo sentido, existe um outro texto do final do século XII, um *lai*⁵² atribuído a Marie de France⁵³, intitulado *Deus Amanz*, que descreve uma figura feminina nobre, versada em medicina e atuante em Salerno, semelhante em todos os aspectos a Trotula. O *lai* conta a história de dois jovens apaixonados, cujo amor não puderam desfrutar devido a oposição e obstáculos impostos pelo pai da moça. Uma das condições para desposar a jovem seria carregá-la até o topo de uma montanha sem qualquer descanso (Barrilari, 2012, p. 267). O clímax do conto ocorre quando, na tentativa de ajudar o amante nesta empreitada perigosa, a moça resolve consultar uma parente em Salerno:

Tenho um parente meu em Salerno; ela é uma senhora rica, de grande riqueza; ela mora lá há mais de trinta anos; e ela dedicou tanta atenção à arte médica que é bem versada em filtros e remédios. Ela conhece ervas e raízes tão bem que, se você quiser ir procurá-la e trazer uma carta explicando seu caso, ela cuidará disso e pensará a respeito; ela lhe dará tais electuários e tais filtros que todos eles irão confortá-lo e infundi-lo com grande força (Marie de France, *Deus Amanz*. Apud: Barrilari, 2012, p. 267- 268).

⁵¹ Um estudioso das letras desde a infância que frequentou as escolas da Gália e da Itália para aprofundar sua pesquisa sobre os mistérios das coisas.

⁵² Os *lais* de Marie de France são uma série de poemas narrativos curtos escritos em Anglo-Normando, focados geralmente na glorificação dos conceitos do amor cortês e descrição das aventuras de um determinado herói.

⁵³ Pouco se sabe sobre esta figura feminina, apenas que é considerada a primeira poetisa da Francia atuante nos fins do século XII.

Tanto Oderico como Marie de France, mesmo em alusões, testifica o alcance da popularidade da *Sapiens Matrona* para além Salerno, e também apontam para a presença das mulheres nas práticas médicas no sul da Itália medieval. O fato desta autoridade não ter sido nomeada – o que permite fazer associações com Trotula –, talvez possa ser explicado pela magnitude de sua fama na época, que dispensava o uso de seu nome, sendo habitual se referir a ela utilizando títulos como *mulher sábia* empregado por Rodolfo Mala Corona, ou por seu *modus operandi*; hábil na arte da medicina e conhecedora de ervas e raízes, como afirma a personagem de Marie de France.

Nestes termos, foi Salerno que ofereceu condições de existência à Trotula. Logo, sob que circunstâncias, essa cidade do sul da Itália entre os séculos XI e XII, permitiria a ascensão de uma mulher à condição de professora de uma Escola de Medicina? Desde sua fundação no século II, como colônia Romana, Salerno se destacou pela sua peculiaridade. Sua formação cultural somada a sua posição geográfica e o constante esforço de seus governantes teria favorecido o crescimento da cidade, além do florir da ciência médica com a notável participação feminina.

Salerno era uma das várias comunidades urbanas e portuárias prósperas situadas na região da Campânia, rodeada por grandes centros comerciais como Amalfi, Nápoles e Bari. Quando colônia romana, o território era considerado um povoado simples e pouco visível permanecendo assim até ser conquistado pelos lombardos no século VII. A partir de 847 d.C., passa a ser capital do Principado de Salerno, título anteriormente pertencido ao ducado de Benevento. Os príncipes lombardos estavam empenhados em aumentar o prestígio da capital, e gradualmente expandiram o território para as colinas, preocupados com a segurança do Principado. Devido ao prenúncio de novas invasões, a cidade foi fortificada com sólidas muralhas para defesa contra os inimigos árabes que já dominavam a região da Sicília. No século XI, tem-se a construção do porto, o que ampliou a capacidade de envolvimento de Salerno com o comércio marítimo pelo Mediterrâneo, especialmente com o norte da África muçulmana e a vizinha Sicília. Neste mesmo período, foram erguidos palácios majestosos somados à construção da Catedral de Salerno, embora a cidade já contasse com pelo menos algumas dúzias de Igrejas e mosteiros, dentre eles alguns femininos. Além das investidas muçulmanas, existia uma outra ameaça iminente ao Principado lombardo em Salerno; os normandos. Roberto Guiscardo (1057-85) é o grande nome da conquista de Salerno no ano de 1076, transformando a cidade na capital do ducado normando da Apúlia e da Calabria, fruto de uma política expansionista que pretendia reunir em um único reino todos os demais ducados fragmentados normandos (Green, 2001, p. 6-9; Falivene, 2016).

Trotula, possivelmente teria vivido entre a passagem de governo do último Príncipe lombardo Gisulfo II (1052–1077), para o conquistador normando Roberto Guiscardo (1057–85), duque da Apúlia e Calábria, dado a informações contidas nas antigas listas de obituários da grande Catedral da cidade. Neste escrito, contém duas referências a uma certa *Trotta* ou *Trocta*, respectivamente nos anos de 1085 e 1097, porém sem especificar ou detalhar suas identidades⁵⁴. De acordo com uma lenda salernitana – da qual não se sabe as origens – seu funeral foi seguido por uma fila de três quilômetros (Hurd-Mead, 1938, p. 128; Falivene, 2016, p. 232; Simoni; Deplagne, 2018).

A *Opulenta Salernum*⁵⁵ se tornaria no século XI uma *Civitas Hippocratica*. Pela sua localização estratégica no Mediterrâneo, foi um importante centro político e comercial, facilitando a entrada e circulação de pessoas, ideias e mercadorias. Era uma rota frequente dos cruzados que regressavam do Oriente, e neste espaço as culturas gregas e latina entrelaçavam-se com a hebraica, cristã e a muçulmana⁵⁶ (Sousa, 1996). Este ambiente promissor, de bela paisagem⁵⁷ e clima ameno parecia ser um lugar propício à cura e repouso, recebendo doentes e médicos de terras próximas ou distantes. Nesse sentido, foram criadas condições favoráveis para que se estabelecesse uma escola de medicina em Salerno, da qual Trotula foi uma principal representante (Sousa, 1996).

A *Schola Medica Salernitana* no século XI, não era propriamente uma instituição escolar em seu sentido físico e espacial. Segundo Monica Green (2001, p. 4-9), era formada por uma reunião informal de mestres e alunos em prol de se estudar a arte médica. Muitas vezes, essa comunidade (mestres e alunos) autônoma não dispunha de ambientes próprios, assim recorriam a aluguéis de outros imóveis para se estabelecerem, podendo até mesmo os mestres ministrarem aulas ao ar livre.

No caso dessa Escola, nas representações topográficas da cidade não é percebido nenhum edifício – quer cedido pelo poder público ou não – que se relaciona a *Schola*, nem tampouco parece se tratar de uma organização de origem clerical, pois nada sobre este assunto é registrado nos escritos eclesiásticos, o que certamente se fosse o caso, não passaria

⁵⁴ Para dizer a verdade, o nome *Trocta* era um nome bastante comum em Salerno nos séculos XI-XIII.

⁵⁵ Apelido cunhado nas moedas circulantes no século XI a testemunhar o momento de particular esplendor da cidade.

⁵⁶ Monica Green afirma que Salerno mantinha relação comercial com Bizâncio que desde o século IX dominava a região da Calábria, Lucânia e a Apúlia. Além disso, a comunidade judaica em Salerno, conforme relatado pelo itinerante de Benjamin de Tudela, era a maior do sul da Itália contando com mais ou menos 600 judeus. Embora não houvesse comunidades muçulmanas na Cidade, existia o contato via comércio com as Sicílias, na época sob domínio árabe, e os Norte-Africanos.

⁵⁷ O historiador cristão Guilherme da Apúlia escrevendo no século XII, afirma que a própria Roma não era mais luxuosa que Salerno, abundante em navios, mares vinhos, frutas, além de palácios e mulheres belas.

despercebido (Falivene, 2016, p. 64). Alguns historiadores, portanto, confiam na hipótese de que ela era de origem autônoma datada anterior ao século IX, aberta a estudantes de toda a Europa medieval, incluindo muçulmanos, judeus e mulheres⁵⁸. A Escola de Salerno apareceu como uma corporação institucionalizada apenas no século XIII, quando Frederico II (1194-1250)⁵⁹, tentou revitalizá-la ao regulamentar a prática da medicina em Salerno, mas contribuiu para seu enfraquecimento ao estabelecer em 1224, uma universidade rival em Nápoles, na Itália (Green, 2001).

Roberto Guiscardo, não se mostrou contrário a estas atividades desenvolvidas no seio de Salerno. Hurd-Mead (1938) assegura que o governante normando era estimado pelos mestres da Escola que dedicaram a ele um de seus mais notáveis escritos destinados à preservação da saúde, o *Regimento de Saúde Salernitano*⁶⁰. O grande salto de qualidade na medicina salernitana, inicialmente não ocorreu em Salerno, mas sim na abadia beneditina de Monte Cassino, localizada a 120-140 quilômetros a noroeste da cidade. No final do século XI, Roberto com o apoio do Arcebispo de Salerno, Alfano (atuante de 1058 a 1085), patrocinou a vinda do Norte da África de Constantino, o Africano (falecido entre 1098/99) para os domínios salernitanos. Foi recebido na corte de Roberto, mas preferiu se recluser na abadia de Monte Cassino, onde por volta de 1079 e 1090, iniciou-se um movimento de traduções de textos greco-árabes para o latim encabeçadas por Constantino, o Africano. Essas traduções possibilitaram o contato do mundo latino com a tradição hipocrática e galênica sintetizada em grande parte pelos árabes. Os mestres salernitanos foram os grandes responsáveis por tornar esses novos conhecimentos advindos do *galenismo-árabe* verdadeiramente funcionais no Ocidente, além de preparar, sob muitos pontos, a passagem da medicina do rol das artes mecânicas para sua profissionalização e regulamentação nos *Studia Generalia* medievais a partir do final do século XII (Green, 2001; Nutton, 1995). Dito isto, como estes textos aportaram à Escola de Salerno?

Dos poucos registros disponíveis, o corpo docente da escola de Salerno parece ter sido muito diversificado, constituído em grande parte por religiosos, mas também por leigos. O Arcebispo de Salerno, Alfano era um grande admirador da cultura antiga, e por isso foi o responsável pela primeira tradução latina do texto *De natura hominis*, de Nemésio de Emesa (séc. IV). Além disso, por sua formação médica se interessava pelos escritos médicos de

⁵⁸ Existe uma lenda que conta que a Escola de Salerno foi fundada por quatro mestres; um latino, um judeu, um árabe e um grego que trouxe consigo os escritos de Hipócrates.

⁵⁹ Imperador do Sacro império Romano-Germânico de 1220 até sua morte em 1250.

⁶⁰ As inscrições foram alteradas de tempos em tempos para ser dedicado novamente ao novo Rei.

autoridades antigas, e dizem ter lecionado na escola de medicina salernitana, o que teria facilitado a chegada dos novos textos traduzidos do árabe para o latim aos mestres de Salerno. Outros eclesiásticos também são associados à docência em Salerno; Garioponto, Pedro Clérigo, e Petrocelo. Demais nomes aparecem ligados à Escola no século XI e XII; Copho, os Mestres Platearius incluindo a matriarca da família Trotula de Salerno, Bartolomeu, Johannes Platearius e outros mais. Ao assimilar estes saberes, os mestres salernitanos produziram tratados sobre dieta, urina, farmacologia e medicina no geral, e inovações no campo da medicina feminina sob a égide de Trotula (Green, 2001, p. 11-12).

Dada a sua enorme reputação, os seus colegas de profissão também demonstram certo respeito e admiração por sua figura. Hurd-Mead (1938, p. 128) afirma que Copho (séc. XI), o anatomista e mestre na Escola de Salerno no século XI, responsável pela compilação da obra *Anatomia Porci* (Anatomia do Porco) enquanto conferenciava na França, menciona que os médicos deveriam usar os medicamentos que foram elogiados em Salerno, especialmente os de Trotula. Da mesma forma, Matteo Plateario, seu segundo filho, em seus escritos chama a mãe pelo título "*Mater Magistra Platearii*", uma *magistra* nos assuntos femininos e não uma empírica (Hurd-Mead, 1938, p. 128).

A médica atuava numa época em que a medicina não era profissionalizada ou regulamentada por currículos, o que não quer dizer que o estudo e o exercício médico nestas Escolas não visassem à formação de bons profissionais. Associada à Escola Médica de Salerno, a prática de Trotula concentrava-se na observação dos sintomas dos pacientes e no esforço de identificar doenças e outros males para então aplicar o tratamento adequado visando à cura. Por isso, valendo-se do título de *Magistra* decide falar livremente às mulheres em seu primeiro escrito intitulado *Liber de Sinthomatibus Mulierum* (Sobre a Condição das Mulheres);

[...] as mulheres devido à sua fragilidade, por vergonha e embaraço, não ousam revelar a um médico a sua angústia pelas suas doenças (que acontecem num lugar tão privado). Por isso, o seu infortúnio, que deve ser lamentado, e especialmente a influência de uma certa mulher que mexeu com o meu coração, impeliram-me a dar uma explicação clara sobre as suas doenças ao cuidar da sua saúde (LSMT, II, p. 71).

De fato, os escritos de Trotula representam os avanços da medicina feminina cada vez mais direcionada à busca do equilíbrio entre a higiene, a boa alimentação e a beleza, até então

respaldados no corpus hipocrático e na tradição de Sorano de Éfeso (séc. I/II d.C.)⁶¹, sem significativas mudanças (Simoni; Deplagne, 2018; Green, 2001, p. 15-16). Apesar das importantes inovações neste campo, a médica não abandona as autoridades Antigas da medicina, pois uma das qualidades indispensáveis de um bom médico no medievo era o conhecimento das doutrinas, teorias e noções salutareis dos pilares da medicina, bem como a capacidade de aplicá-los à sua própria prática.

Portanto, diante do panorama histórico e biográfico traçado neste tópico, pôde-se reconhecer em Abulcasis e Trotula um mesmo objetivo, isto é, o interesse de ambos nas práticas de cuidados relacionadas à saúde, beleza, e bem-estar corporal.

⁶¹ Natural de Éfeso na Ásia Menor, estudou medicina em Alexandria e foi médico pessoal dos imperadores Trajano (98-117) e Adriano (117-138).

CAPÍTULO 2 – SAÚDE E BELEZA FEMININA NOS ESCRITOS DE ABULCASIS E TROTULA DE SALERNO

2.1 Estrutura das obras e as características gerais da cosmética medieval

Abulcasis e Trotula reconhecem os cuidados com a aparência utilizando produtos cosmético como aliados poderosos na conservação da beleza e saúde. Desta forma, os quadros abaixo apresentam o conteúdo das obras, além da divisão dos capítulos por temáticas e a quantidade de receitas que compõem cada seção.

Quadro 1 – Estrutura dos tratados de cosmética *Kitāb al-Taṣrīf* e *De Ornatu Mulierum*

KITĀB AL-TAṢRĪF		
Capítulos	Título/Assunto	Nº de receitas
Capítulo 1	Sobre as tintas para cobrir os cabelos grisalhos;	26
Capítulo 2	Sobre os remédios que fazem crescer os cabelos, os embelezam e impedem sua queda e os renovam, assim como os que os estragam, destroem e danificam;	38
Capítulo 3	Sobre os remédios que fazem crescer e escurece a cor das sobrancelhas, cílios e a cor azul dos olhos;	23
Capítulo 4	Sobre os remédios que limpam a pele das impurezas, embelezam sua cor, eliminam as sardas e manchas, as rugas, as marcas de varíola, e coisas similares;	47
Capítulo 5	Sobre os remédios que perfumam a boca e o hálito, embelezam e dão cor às gengivas e branqueiam os dentes etc;	17
Capítulo 6	Sobre os remédios que melhoram a voz, são benéficos para a rouquidão e similares;	5
Capítulo 7	Sobre os remédios que hidratam as mãos e os pulsos das mulheres, as põem brancas e as suavizam;	9
Capítulo 8	Sobre os remédios que se empregam para a fetidez das axilas e as zonas pudendas devido ao suor e aos pelos locais;	12
Capítulo 9	Sobre os remédios para manter firmes e duros os peitos das meninas, evitando sua flacidez, assim como também os testículos dos meninos;	10
Capítulo 10	Sobre os remédios que são benéficos para as úlceras das partes íntimas das mulheres e para os humores, os vapores e a fetidez que as afetam, assim como dos que são para o cuidado e a saúde e a higiene do órgão sexual feminino;	12
Apêndice	Sobre os humores do corpo feminino, e um alimento para engordar.	2
DE ORNATU MULIERUM		
Capítulos	Título/Assunto	Nº de Receitas

Capítulo 1	Sobre adornar mulheres – compreende preocupações pertinentes ao uso de depilatórios para tornar a pele lisa e macia;	5
Capítulo 2	Sobre vários tipos de adornos – versa sobre os cabelos, incluindo tinturas, preparações destinadas ao crescimento e perfumação dos fios;	26
Capítulo 3	Sobre o adorno do rosto das mulheres – aborda a produção de cosméticos na forma de óleos, pomadas, cremes etc., visando melhorar o aspecto da pele, bem como embelezar o rosto e tratar adversidades como a rugosidade, queimaduras de sol e aspereza da face etc.;	22
Capítulo 4	Sobre o mesmo – dedicado ao adorno dos lábios;	3
Capítulo 5	Sobre fissuras nos lábios – versa sobre elaborações atinentes ao mau cheiro da boca e gengivas cancerosas e pútridas;	5
Capítulo 6	Sobre o clareamento dos dentes – aborda a limpeza dos dentes, além de vários outros preceitos de natureza ginecológica e alguns sobre depilação e clareamento facial.	13

Fonte: KATA, p. 54-87; DOMT, p. 167-191.

Do mesmo modo, o quadro a seguir registra as receitas dispostas em DCMT destinadas aos cuidados de determinadas partes do corpo por intermédio da produção cosmética.

Quadro 2 – As receitas de cosmética presentes em *De Curis Mulierum*

Capítulos	Cuidados com o rosto	Nº de receita
XXII	Para queimaduras de sol;	1
XXVIII, LXXIII	Para clarear a face;	2
XXIX	Para se avermelhar a face;	1
XXX	Para remover as rugas;	1
XXXI	Sobre as sardas do rosto.	1
Capítulo	Cuidados com a saúde bucal	Nº de receita
XXXII	Para o fedor da boca;	1
XXXVI, LXXIV	Para clarear dentes pretos;	3
XXXIX	Para o afrouxamento dos dentes das mulheres;	1
LXXV	Para dor de dente, clareamento dental e inflamação das gengivas.	2
Capítulo	Cuidados com os lábios	Nº de receita
XXXVIII	Para fissuras dos lábios	3
Capítulo	Cuidados com as mãos e os pés	Nº de receita
LXXXI	Sobre os ácaros das mãos e dos pés;	3
LXXII	Para sarna nas mãos;	2
LXXVI	Para clarear e alisar as mãos.	1
Capítulo	Cuidados higiênicos gerais	Nº de receita
XXVI	No tratamento de piolhos (partes pudendas e axilas).	2

Fonte: DCMT, p. 117-165.

Tendo em vista as informações acima, faz-se necessário reiterar que KATA e DOMT são escritos propriamente de cosmética e, por possuírem estrutura semelhante, redigidos no formato *a capite ad calcem*, ou seja, da cabeça aos pés, buscando abranger a totalidade corpórea feminina, foi-se possível agrupá-los no quadro 1. Já DCMT não obedece esse formato, pois é um tratado de prática médica que visa exclusivamente tratar os problemas das mulheres que, às vezes, necessita do auxílio dos cosméticos. Nestas circunstâncias, para compreender melhor como as receitas estão distribuídas ao longo do texto, optou-se por sistematizá-las separadamente no quadro 2.

No que diz respeito à estrutura geral das fontes, há que se considerar alguns pontos. Como postulado, a obra de Abulcasis é composta por dez capítulos e um apêndice sendo que, cada seção dedica-se a abordar uma parte específica do corpo. Deste modo, o autor propõe instruções detalhadas acerca do preparo de tintas destinadas a tingir os cabelos grisalhos, sucedidos de demais cuidados com os fios e depilação corporal, sobrancelhas e cílios, face, saúde bucal, preocupações com a voz, mãos e pés, axilas e zonas pudendas, seios e, por fim, as partes íntimas. Inicialmente, cogitou-se que esta configuração textual poderia ter alguma relação com o uso de cosméticos em uma sequência pré-determinada. No entanto, uma análise minuciosa realizada na fonte, provou que este modelo no texto árabe serve apenas como princípio organizador, uma vez que, não há quaisquer indícios que sugere o contrário. Sob essa perspectiva, o texto possui caráter fortemente farmacológico, tendo como objetivo principal disponibilizar, em cada capítulo, uma série de receitas que permitam ao indivíduo escolher aquela que melhor se adapte às suas condições pessoais.

Por assim dizer, tal concepção não se estende a DOMT. Ao organizar seu conteúdo em seis capítulos da cabeça aos pés, a médica de Salerno esforça-se por criar uma espécie de vínculo entre os cuidados citados individualmente nas seções, enfatizando o caráter integrador do documento. A fim de se destacar melhor essa questão, no início do segundo capítulo aconselha que “Depois de sair do banho, deixe-a enfeitar o cabelo [...]”, (DOMT, II, p. 169) em referência à primeira parte que trata da depilação, geralmente realizada durante os banhos. O mesmo acontece na terceira seção quando “Depois de embelezar o cabelo, o rosto deve ser adornado [...]” (III, p. 177) e na quarta, pois “As mulheres adornam seus rostos assim, e assim os lábios podem ser adornados. [...]” (IV, p. 185). Considerando os trechos selecionados, pode-se inferir que Trotula estabelece, por meio desses elementos de coesão textual, uma ordem de cuidados que se esperava serem seguidos pelas mulheres salernitanas. Assim, o ritual de beleza em Salerno iniciava-se pela depilação completa do corpo, seguida dos cuidados com os cabelos,

incluindo o uso de tinturas ou outras produções decorativas, e logo após o embelezamento facial e labial.

As formulações cosméticas são minorias em DCMT, por isso a estrutura *a capite ad calcem* não se faz presente neste escrito. Isto não significa, de fato, que Trotula não estivesse interessada na totalidade corpórea feminina, e sim que, apesar de diferir neste aspecto em relação a KATA e DOMT, é possível identificar na obra as partes alvo de seus conselhos. Neste sentido, as recomendações abrangem desde o rosto, lábios e saúde bucal (dentes e gengivas), as mãos e os pés, até questões higiênicas no geral. Ademais, percebe-se, através de uma análise cuidadosa, que o escrito não dispõe de um espaço específico para os cosméticos. As receitas reunidas sob um mesmo tema não pertencem à mesma seção, inclusive, aparecem no decorrer do texto de maneira solta e intercalada a preceitos que abordam outros problemas femininos. A cargo de exemplo, a primeira menção aos cuidados bucais é feita no capítulo XXXII (32) com uma prescrição *para o mau cheiro da boca*, uma outra só aparece no XXXVI (36) *para os dentes pretos*, e posteriormente, o capítulo LXXIV (74) partilha de semelhante propósito.

Os dados contidos nos quadros 1 e 2 também permitem determinar quais os cuidados com o corpo latentes na sociedade andaluza e salernitana medieval. Abulcasis revela por meio das 64 receitas distribuídas ao longo de dois capítulos, que os cabelos lideram as preocupações árabes com a aparência, sendo sucedidos pelo rosto com 47 recomendações, *pálpebras*⁶² com 23, e saúde bucal com o total de 17. Algo similar acontece na tradição cosmética de Trotula. Em DOMT, a médica concede maior atenção aos fios listando 26 prescrições sobre o tema, e na sequência prescreve 22 receitas para os cuidados com a face, e 13 envolvendo os dentes e gengivas, enquanto que em DCMT concentra-se primeiramente na saúde bucal ao destinar 7 conselhos para isto, seguido das preocupações faciais e com as mãos e os pés, cada uma com o total de 6 receitas. Além da superioridade árabe em relação aos textos latinos, no quesito número de prescrições disponíveis por capítulos, de todos os cuidados observados, apenas àqueles associados à higiene corpórea, face e saúde bucal são comuns aos três trabalhos. Diante desta constatação, ambos os autores compartilham o interesse pelos cosméticos, mas possuem suas próprias opiniões acerca das partes corporais e o conteúdo tidos como indispensáveis às suas compilações.

A esse respeito, Abulcasis e Trotula em DOMT, conferem um status importante aos cabelos e à depilação corporal em suas obras. O andaluz considera a depilação como uma extensão dos cuidados capilares e, parte do segundo capítulo, dez prescrições para ser mais

⁶² Abulcasis faz referência aos cílios e sobrancelhas.

exato, são destinadas à fabricação desses produtos. De maneira similar, embora disponibilize menor quantidade de receitas, Trotula reserva a seção primária de seu escrito, composto por cinco receitas, à descrição dos rituais depilatórios, enquanto designa o segundo capítulo aos cabelos. Porém, nenhuma dessas questões foram inclusas no rol de preocupações femininas de DCMT. Talvez, devido ao crescente interesse das mulheres salernitanas por assuntos ligados à aparência, Trotula tenha optado por discuti-los detalhadamente no seu tratado de cosmética DOMT, já que redigiu DCMT primeiro. Este último, por sua vez, discorre sobre a saúde e embelezamento das mãos e dos pés, temática que é central na sétima seção do documento árabe, mas que não encontra correspondentes em DOMT, nem mesmo uma breve menção. Assim, o quadro cosmético de Abulcasis hospeda uma preocupação no mínimo peculiar, a voz. Apesar de ser um elemento oculto e íntimo, a voz melodiosa foi apreciada como um dom de beleza na cultura árabe (Álvares de Morales, 2010, p. 48). Desta forma, para problemas como a rouquidão por recitar e cantar em ambientes úmidos, o autor recorre à Cleópatra, para prescrever um tratamento com pastilhas feitas de goma arábica, mirra, olíbano macho, pimenta branca, açafrão e molho de alcaçuz (KATA, VI-3, p. 80). Esta temática, no entanto, não foi considerada por Trotula.

A título de comparação, a obra árabe oferece um leque de preocupações que não são verificadas nos trabalhos de Trotula, dentre as quais, pode-se citar a atenção especial dada à estética corporal. Este aspecto é expresso no texto de duas formas; pela prescrição de dietas e cosméticos. No que tange à dieta, o médico e cirurgião lista no apêndice um alimento benéfico para o ganho de peso, pois, de acordo com ele, possui eficácia comprovada. O alimento parece se tratar de um caldo feito com farinha de feno-grego, de grão de bico, uma outra farinha muito branca (provavelmente trigo), arroz moído, semente de meimendro e de papoula, videira negra e de copo-de-leite moído, uma porção de óleo de oliva, água e mel, consumido de estômago vazio durante dezessete dias (KATA, XI-2, p. 87). Com relação aos cosméticos, eles auxiliavam principalmente nos cuidados com os seios. Antes, era aconselhado às mulheres não dormirem de barriga para baixo, não os apalpar, não dançarem excessivamente, assim como evitar de saltarem de um lugar alto (IX, p. 84). O cumprimento rigoroso dessas recomendações aliada ao uso de unguentos e enfaixamento da região conservaria os seios túrgidos, redondos e pequenos (IX, p. 84).

Em proveito desta discussão, noutros escritos literários árabes da época prevalecem descrições do corpo feminino ideais que obedecem as seguintes características; boa estatura, bochechas ovais, nariz fino, pescoço longo e esguio, ombros e tronco largos, seios redondos e médios, cintura fina, quadris largos, barriga arredondada, nádegas, coxas e panturrilhas firmes,

braços arredondados, bem como mãos e pés pequenos. Além disso, não poderiam ser nem magras nem gordas, de modo que predominasse um corpo exuberante, livre de gorduras supérfluas para não impedir o andar ritmado e oscilante, considerado o que há de mais belo numa mulher (Álvares de Morales; 2010, p. 47-48; Tena Tena, 2008, p. 50-51).

Os cosméticos parecem ter sido uma solução viável para alguns *problemas* ginecológicos femininos. Abulcasis recomenda remédios benéficos para tratar os humores do útero das mulheres, *frigidez* e odores nauseabundos da vagina. Há também aqueles relacionados à sexualidade, como conselhos em prol de se facilitar a penetração sexual em mulheres virgens ou a produção de afrodisíacos, valendo-se de *sukk*⁶³, cravo e almíscar mesclados com xarope, e envoltos em trapos de linho fino. O médico árabe não detalha a maneira de uso dos afrodisíacos, possivelmente eram carregados junto ao corpo. A respeito da prática sexual, são elencadas substâncias como o alume, bugalho⁶⁴, flores de junco aromático, folhas de lírio e junça, todos macerados com água, assim, a mulher deveria sentar-se sob essa preparação durante dias “[...] e, quando o útero estiver contraído, ela deve pegar uma tripa pequena e fina, introduzir nela o sangue de filhotes de pombos e carregá-lo consigo antes de copular.” (X-8, p. 86). O curioso desta receita é justamente a conclusão que se segue “[...]. Durante a relação sexual, isso aumentará a potência sexual do homem e, ao acelerar seus estímulos, o excitará. Trata-se de um truque e um estratagema sutil” (X-8, p. 86).

O capítulo sexto de DOMT, embora enfatize no título o clareamento dental, abrange também discussões relativas à sexualidade feminina. Dentre as recomendações, figura uma “Para que uma mulher que tenha sido corrompida possa ser considerada virgem.”, (DOMT, VI, p. 189), elaboradas a partir do pó de sangue de dragão, canela, casca de romã, mástique, bugalho e alúmen, e assim introduzidas na abertura que leva ao útero. Além dessa, existem ainda as preparações feitas com hematita, bugalho, bolo armênico, sangue de dragão misturado ao suco de tanchagem⁶⁵, inseridas na genitália por meio de pessários para que o órgão seja contraído. Em DCMT, por pertencer ao gênero médico-ginecológico, tais temas são naturais ao texto, e em decorrência disso, Trotula oferece seis receitas de *um bom constritivo*, pois “[...] existem algumas prostitutas sujas e corruptas que desejam parecer mais do que virgens e fazem uma constrição para esse fim, mas são mal aconselhadas, pois ensanguentam e ferem o pênis do homem.” (p. 147). Neste caso, o pó de natrão era a solução perfeita. Na receita seguinte,

⁶³ Conhecida no Ocidente por Lentilha d’água.

⁶⁴ Também conhecida como noz-de-galha, se forma pela excrescência produzida nas folhas dos carvalhos pela ação de um inseto, geralmente as moscas.

⁶⁵ Planta medicinal do gênero *Plantago Major L.*

aconselha que na noite que antecede o casamento, a mulher deveria “[...] colocar sanguessugas na vagina (mas tome cuidado para que não entrem muito) para que o sangue saia e se transforme em um pequeno coágulo. E assim o homem será enganado pela efusão de sangue.” (p. 147).

As recomendações tecidas pelos autores apresentam muitas camadas. Em primeiro momento, cabe sublinhar a aproximação das temáticas de cunho ginecológicas e sexuais com o domínio cosmético, a medida em que se tornam artifícios eróticos ou um meio para burlar as regras da cultura da castidade. No discurso árabe, parece haver uma aceitação do uso desses dispositivos quando se é para aumentar o prazer masculino. Trata-se, então, de um *truque*, um *estratagema* prescrito por uma autoridade médica masculina e dirigida às mulheres, visando beneficiá-los e não a si mesmas, como bem explicitado na passagem de Abulcasis. Já nos textos latinos, especialmente em DCMT, Trotula mostra-se pouco receptiva às práticas *constritivas*, na verdade, mais preocupada com o que elas poderiam causar nas genitálias masculinas. A princípio, tece comentários pejorativos relacionados às prostitutas – principais interessadas nesses procedimentos –, e vincula essas práticas à arte da *enganação*, resquícios de um apego aos dogmas do cristianismo que valoriza a moralidade e a virgindade feminina. No DOMT, o discurso da médica de Salerno pende para a neutralidade, despido de considerações desse tipo. Trotula, apesar de denotar suas crenças, cumpre seu dever como médica ao prescrever conselhos que poderiam solucionar *problemas* femininos específicos como esse.

Em menor escala, Abulcasis destina alguma atenção aos homens e às crianças. No segundo capítulo, comenta sobre os cuidados com os cabelos e o crescimento da barba masculina. Em momentos oportunos, um mesmo produto poderia ser compartilhado por homens e mulheres, por exemplo, “Receita de um unguento que é bom para os seios e os testículos [...] (IX-9, p. 84), pois “Certamente este tratamento manterá os seios firmes e túrgidos para sempre, assim como também os testículos, evitando a queda e a flacidez (IX-9, p. 84). No que diz respeito às crianças, na seção sobre os cuidados com a voz indica “os remédios simples que limpa a voz das crianças, quando se necessita...” (VI, p. 79). Isto reforça que, embora estejam intimamente vinculados à feminilidade, os cosméticos serviam aos propósitos universais.

Enquanto isso, Trotula direciona seu discurso especificamente às mulheres, uma vez que na cultura medieval, a prática de cuidado com o corpo e seu adorno pertencia relativamente ao domínio feminino. Desta maneira, não menciona preocupação recorrente aos homens, muito menos se desvia da temática a que se propõe: os *assuntos* femininos. O público-alvo são as mulheres, mas a que mulheres Trotula se dirige? Provavelmente, às nobres salernitanas. Em uma passagem contida no primeiro capítulo, a autora prescreve “Uma pomada para as mulheres

nobres que remove pelos, refina a pele e tira manchas” (DOMT, I, p. 169), e posteriormente ao fim desta mesma receita, assegura que “As mulheres nobres salernitanas estão acostumadas a usar este depilatório” (DOMT, I, p. 169). Noutro conselho com enfoque nos cabelos, diz que “[...] as mulheres nobres devem usar almíscar no cabelo [...]” (II, p. 171). Embora essas práticas tenham sido incorporadas à tradição escrita e dedicadas à nobreza feminina na Idade Média latina, elas provêm da tradição empírica, tendo como principais representantes as mulheres comuns de Salerno e as sarracenas⁶⁶, sendo estas últimas a maior fonte de conhecimento de Trotula⁶⁷.

2.2 A influência das concepções médicas medievais nos cuidados com a saúde e a aparência feminina

A vida salutar medieval compreendia inúmeras medidas necessárias a fim de se evitar as doenças ou restabelecer a saúde corporal. Do ponto de vista médico, a cosmética não servia apenas aos propósitos de embelezamento, mas, paralelo a ele, seus efeitos preventivos e reparadores também são considerados. Em detrimento disso, os tratados médicos têm sido um dos principais meios de transmissão desse conhecimento desde a antiguidade. Nestes termos, é sobre a aplicação dos cosméticos na dimensão salutar que este tópico se propõe a tratar. Abulcasis e Trotula, com notável experiência na área médica, usam conceitos e métodos da medicina – herdados da antiguidade – para explicar as causas das enfermidades e outras condições corporais que poderiam interferir diretamente na boa aparência física das mulheres.

Em primeiro momento, é preciso discutir alguns pontos que envolvem o homem e sua relação com o *cosmos* e a *natureza*. Na Idade Média, de acordo com a *Filosofia Natural* aristotélica, o homem e o *cosmos* são conectados, pois ambos possuem origem (e de todas as coisas) na combinação dos quatro elementos primários: água, terra, ar e fogo. Desta ligação em cadeia, o corpo humano estaria sujeito às causas celestes, ou seja, à influência externa em sua natureza constituinte. Além destas questões naturais que permeiam o homem e o *cosmos*, outras teorias médicas dão suporte às explicações sobre as causas dos fenômenos internos e externos ao corpo e são percebidas também nos escritos de cosmética. Todo o conhecimento médico

⁶⁶ No geral, sarracenos era um dos termos usados pelos cristãos da Idade Média para se referirem aos povos árabes ou os muçulmanos, oriundos do Norte da África e habitantes da Península Ibérica.

⁶⁷ A influência árabe-muçulmanas nas práticas de cuidados com o corpo será melhor abordada no item 2.2 deste capítulo.

grego foi sintetizado pelo galenismo árabe sob o epíteto das *coisas naturais*, *as coisas não naturais*, e *as coisas contra a natureza*.

A primeira, *as coisas naturais*, estão intimamente ligadas à fisiologia corporal e se classificam em sete: 1) os quatro elementos (água, fogo, ar e terra) que constituem o universo, 2) as compleições, 3) os humores, 4) as partes sólidas do corpo, 5) as operações, 6) as faculdades e 7) os espíritos. *As coisas não naturais*, referem-se àquilo que é exterior ao corpo, porém essencial para seu bom funcionamento: 1) o ar e o meio ambiente, 2) os alimentos e as bebidas, 3) a retenção e a expulsão, 4) o exercício e o repouso, 5) o sono e a vigília e 6) as paixões da alma. E por fim, *as coisas contra a natureza*, são as enfermidades originadas quando o equilíbrio das leis naturais é rompido (Santos; Fagundes, 2010; Fagundes, 2006, p. 61).

No que tange à cosmética, sobre *a terceira coisa natural* (os humores), Abulcasis demonstra ser um grande conhecedor dos preceitos médicos de Galeno de Pérgamo, especialmente aqueles relativos à constituição do corpo explicados pela *teoria humoral*, aplicando-os, por exemplo, no trato dos cabelos. Segundo o andaluz, dispondo da versão árabe do texto *Kitāb al-adwiya al-murakkaba* (Livro dos Medicamentos Compostos), Galeno declara que:

Se as mulheres colocam alcatrão na cabeça antes de irem ao banho, durante três ou quatro horas, e o fazem uma vez a cada quatro ou cinco dias, o cabelo certamente escurece sem ser danificado ou castigado como ocorre com outras tinturas, **embora seja conveniente tomar precauções para que a cabeça não esquente, pois, o alcatrão é muito quente e neutraliza o frio e os humores da cabeça.** Para evitar isso, você pode misturar o alcatrão com qualquer um dos óleos ou remédios contra a queda de cabelo, que serão mencionados no próximo capítulo, onde são explicados os dois benefícios de seu uso. Se não tiver alcatrão, pegue piche líquido, misture em óleo adstringente até ficar com textura e consistência de alcatrão e depois use (KATA, I-26, p. 58-59. Grifo nosso).

De acordo com os princípios da *teoria humoral*, o humor predominante na cabeça/cérebro é a fleuma, compreendendo todas as secreções mucosas, que possuem o par de qualidades quaternárias frias e úmidas. Dentro desse sistema de explicação, a doença surge de um desbalanceamento entre os componentes humorais do corpo humano, que o próprio ambiente ou demais fatores internos poderiam desencadear. Neste caso, o alcatrão é o elemento, que se usado de maneira despreocupada, poderia provocar o desequilíbrio no corpo, cuja propriedade quente e neutralizante se opõe ao humor dominante na cabeça/cérebro (frio), podendo levar à temida queda de cabelo. Ao fim da receita menciona que, além de escurecer os cabelos, esse preparado evita o aparecimento dos fios grisalhos sem que seu uso os danifique,

além de alertar para o uso de bugalho que pode causar doenças malignas, obstruindo os poros e revertendo os vapores⁶⁸ de volta ao corpo (KATA, I-26, p. 58-59). Noutra receita de mesma temática, Abulcasis enfatiza que um mesmo sabão servia para perfumar, fortalecer, escurecer e reparar os cabelos, e também “[...] fortalece o cérebro e beneficia o catarro causado pelo frio [...]” (I-25, p. 58), ou seja, era benéfico para equilibrar os humores frios.

Os trabalhos analisados trazem exemplos práticos de cuidados pessoais baseados nas teorias médicas. Trotula de Salerno, no prólogo intitulado Cura de DCMT, inicia seu tratado com esta prerrogativa “Para que possamos fazer um resumo conciso do tratamento das mulheres, deve-se notar que certas mulheres são *quentes*, enquanto outras são *frias*” (DCMT, Cura, p. 117). Nesse breve trecho, a *Sapiens Matrona* demonstra compreender as concepções que cercam a prática salutar, bem como ressalta a importância de se conhecer a *compleição* do paciente para então administrar o tratamento adequado. Abulcasis, por sinal, numa dada receita do capítulo V, recomenda uma espécie de *palitos* na limpeza dos dentes e fortalecimento das gengivas, entretanto era válido antes do uso, observar sua *compleição*, se fria ou quente (KATA, V-17, p. 79). A *compleição*, a segunda *coisa natural* em termos simples, pode ser entendida como a mistura dos quatro elementos (água, terra, ar e fogo), dos humores (sangue, fleuma, bile negra e bile amarela) e das quatro qualidades (quente, seco, frio e úmido) no corpo. Assim, conforme as autoridades antigas e medievais, este jogo determinava o temperamento (*compleição*) do indivíduo que poderia ser quatro; fleumático, melancólico, sanguíneo e colérico (Peña; Giron, 2006, p. 38-39). Neste quadro teórico, se no indivíduo predominasse a *compleição* quente (sanguíneos ou coléricos), Abulcasis sugere a produção de palitos a partir de folhas ou galhos de palmeira, galhos de tamargueira, de *safsāf*⁶⁹, *arāk*⁷⁰ e alfarroba, empregados após submergi-los em água de rosas e vinagre. Se pendesse para a fria (fleumáticos ou melancólicos), que fossem feitos com galhos de oliveira ou de lentisco, fruto do terebinto ou de noz submergidos em água de tomilho, hortelã (menta) e Na’na⁷¹ (KATA, V-17, p. 79).

Além destas questões relativas à constituição corporal de cada indivíduo, algumas condições tratadas pela cosmética têm sua causa na ação do meio externo sobre o corpo, e por isso, associadas à *primeira coisa não natural*, o ar e o meio ambiente. Na Idade Média, o ar e o ambiente eram considerados agentes necessários para se reestabelecer a saúde, mas também

⁶⁸ Na medicina hipocrática-galênica, os vapores são uma das formas de o corpo evacuar aquilo que não é mais necessário ou útil a seu funcionamento, após o processo de digestão. O acúmulo de vapores no corpo poderia desencadear doenças devido ao excesso de maus-humores.

⁶⁹ Também conhecido como *Jilāf*, uma espécie de salgueiro egípcio que se encontrava ao longo do Delta do Nilo.

⁷⁰ Árvore de mostarda oriunda da região da Pérsia e a Índia.

⁷¹ Nome genérico em árabe para citar as diferentes classes de menta que possuem as mesmas propriedades medicinais.

podiam desencadear enfermidades em igual medida. Na vida cotidiana, o clima, as estações do ano (primavera, verão, outono e inverno) afetavam diretamente na qualidade do ar, podendo oscilar entre seco, úmido, frio ou quente, com presença de ventos, neblina ou outros fenômenos. Dependendo de como manifestavam, estes aspectos qualificariam um local de assentamento como saudável ou insalubre (Fagundes, 2006).

Por esta razão, as medidas de proteção contra os efeitos negativos ocasionados, por exemplo, pelas estações do ano incluem a produção de cosméticos. Os textos analisados revelam uma preocupação quanto à exposição ao sol, frio e ventos. Abulcasis, por sua vez, sugere um “[...] potente protetor solar, na medida em que evita que o viajante queime o rosto [...]” (KATA, IV-20, p. 73). De modo similar, no enunciado de um preparado contido em DCMT – que possui igual correspondente no escrito DOMT, aproveitando quase que os mesmos elementos –, Trotula assegura que uma pomada é muito boa “[...] para queimaduras solares e fissuras de qualquer tipo, e especialmente para aquelas causadas pelo vento, e é bom para pústulas causadas pelo ar e manchas e escoriações do rosto [...]” (DCMT, XXII, p. 135). Noutro momento, chega a afirmar que “[...] há mulheres que sofrem fissuras nos lábios causadas pelo ar e pelo vento e causas semelhantes” (XXXVIII, p. 143). Sendo assim, a produção cosmética na Idade Média partia do pressuposto de que as plantas também participam do jogo dos elementos primários e das qualidades. Diante disso, para se tratar enfermidades de *natureza quente* (as queimaduras solares), geralmente os físicos⁷², práticos e boticários⁷³ fundamentavam-se na teoria galênica do *uso dos contrários*, que consistia basicamente no emprego de ingredientes com propriedades opostas (frias) às da enfermidade, que teoricamente poderiam restaurar o equilíbrio humoral do corpo (Siraisi, 1990). Neste caso, Abulcasis e Trotula costumavam empregar a água de rosas ou óleo de rosas, classificadas como detentoras das qualidades frias⁷⁴.

A higiene corporal era um pilar importante para a conservação da saúde na Idade Média, além de ser a atividade basilar das práticas de cosmética. Estava diretamente relacionada à *terceira coisa não natural*, a retenção e a expulsão, mais especificamente a esta última. A medicina medieval, baseada nos princípios da medicina antiga, entendia que a evacuação era necessária para se manter o equilíbrio salutar, pois permitia que o corpo eliminasse as *coisas*

⁷² Termo usado para se referir aos médicos formados nas Escolas de Medicina ou nos *Studia Generalia* medievais, considerados os intérpretes da natureza (*physis* ou *natura*), pois dominavam o conhecimento teórico e prático da medicina.

⁷³ Os boticários eram os práticos que confeccionavam medicamentos, perfumes, cosméticos, etc., e os vendiam nas boticas.

⁷⁴ Esta temática será melhor discutida no capítulo terceiro desta dissertação.

supérfluas como o resto das digestões, isto é, substâncias produzidas pelos órgãos (sêmen) e humores em excesso. Sob esse viés, o banho, a sangria, o uso de ventosas, os laxantes, os vomitivos e as relações sexuais estão entre os procedimentos que auxiliam o organismo na expulsão (Peña; Giron, 2006, p. 375-377).

Em particular, o banho é um dos métodos mais recomendados por Trotula antes do uso de qualquer cosmético. No início do primeiro capítulo de DOMT, assim ela nos diz “[...] antes de tudo deixe-a ir aos banhos, e se ela não estiver acostumada a fazê-lo, que seja feito para ela um banho de vapor desta maneira” (DOMT, I, p. 167). Dentre as inúmeras modalidades de banhos medievais⁷⁵, a *sapiens matrona* recomenda o banho de vapor, pois era capaz de remover as impurezas da pele e facilitava a depilação. Do ponto de vista médico, segundo o *Corpus Hippocraticum*, esse tipo de banho era sugerido aos indivíduos de complexão fria e úmida, pois a água quente dilatava e umedecia tudo que estava dentro do corpo (Peña; Giron, 2006, p. 386-390). Abaixo, segue a descrição de um banho de vapor contida em DOMT,

[...] Pegue azulejos e pedras em brasa e com estes colocados no banho de vapor, deixe a mulher sentar-se nele. Ou então pegue azulejos quentes ou pedras pretas quentes e coloque-os no banho de vapor ou em um poço feito na terra. Em seguida, coloque água quente para produzir vapor e deixe a mulher sentar-se sobre ela, bem coberta com panos, para que ela sue. E quando ela tiver suado bem, deixe-a entrar em água quente e lavar-se muito bem, e assim deixe-a sair do banho e enxugar-se bem com um pano de linho (DOMT, I, p. 167).

No DCMT, especificamente no capítulo XLVIII dedicado ao suor fétido, Trotula relata que “Há algumas mulheres que têm suor que fedem além da medida. Para estas preparamos um pano mergulhado em vinho em que houve folhas fervidas de mirtilo, ou os próprios mirtilos.” (DCMT, XLVIII, p. 149), e assim, ungir o corpo. Abulcasis não menciona diretamente como se dava na prática a organização dos banhos árabes como faz Trotula, embora recomende a produção de cosméticos como o sabão auxiliar na limpeza de determinadas partes do corpo (cabelos e o rosto), e demais procedimentos que deveriam ser realizados após a atividade higiênica.

Apesar de circularem informações controversas a respeito dos banhos no medievo, os tratados em questão atestam o envolvimento do Sul da Itália e da região do al-Andaluz com as práticas higiênicas. Neste último território, existiam locais específicos para sua realização,

⁷⁵ Nas obras médicas medievais, sobretudo nos regimentos de saúde, é apresentado algumas modalidades de banhos, como por exemplo; os banhos em água doce, com água do mar e com águas minerais, sugeridos conforme as necessidades de cada paciente.

comumente chamados *ḥammâm*, que faz referência a casas de banho públicas extremamente difundidas entre as cidades andaluzas. Supõe-se que havia cerca de oitocentas em Córdoba capital do califado Omíada neste período. Nas casas de banho femininas, além da higiene e purificação do corpo, também acontecia uma espécie de ritual de embelezamento que poderia durar um dia todo, geralmente feito uma ou duas vezes na semana. Nestes espaços, as mulheres recebiam cuidados de outras mulheres que aplicavam a hena, unguentos, perfumes e óleos em seus corpos, zelavam de seus cabelos e faziam massagens etc. Salerno, por sua vez, nos séculos XI e XII é marcada pela presença de múltiplas fontes e casas de banho públicas, ainda que o costume de se lavar nesses ambientes tenha diminuído à medida que os que podiam pagar construíram suas próprias casas privativas (Tena Tena, 2008, p. 57,58; Álvarez de Morales, 2010, p. 56, 59; Green, 2001, p. 6).

Ademais, são notados, nos documentos, outros procedimentos auxiliares na evacuação do organismo, que estão relacionados à beleza e ao bem-estar físico. O capítulo XXXII de DCMT, estabelece que o mau cheiro da boca pode ser causado por um distúrbio do estômago. O tratamento adequado consistia numa bebida à base de mirtilos cozidos no vinho, tendo em primeiro momento, purgado o estômago. Segundo os *Regimentos de Saúde* medievais, esta parte do corpo atraía humores de todos os órgãos por ser o local onde ocorre a digestão (Fagundes, 2006). Desta forma, os purgantes eram outro meio de se purificar o organismo evacuando os humores espessos que se acumulam nesta região, que provocava entre várias dolências, o mau-hálito. Em igual medida, DOMT também compartilha destes preceitos. De maneira mais detalhada, “Se houver mau cheiro da boca causado pelo estômago ou pelo intestino [...]” (V, p. 187), trate-a com um *xarope* de suco de absinto misturado ao aloé e “Deixe-a tomar quatro colheres disso todos os dias ao nascer do sol e, tendo-as tomado, deixe-a tomar a mesma quantidade de mel e ela ficará curada” (V, p. 187).

Ainda neste assunto, numa receita listada como benéfica para as sardas e a lepra, Abulcasis destaca que “[...] é conveniente que, antes de aplicar o remédio, o enfermo empregue a sangria e elimine a bÍlis negra.” (KATA, IV-21, p. 73). A sangria também servia aos propósitos de evacuação, e poderia ser feita empregando sanguessugas, ventosas ou flebotomia cirúrgica. Além disso, regras e recomendações eram previstas de acordo com o tipo de paciente (*compleição*) e casos individuais, estações do ano, fases da lua e horários do dia para se realizar a operação (Siraisi, 1990). Tendo em vista estas questões, o creme produzido a partir da farinha de tremço, amêndoa amarga, bórax⁷⁶, semente de rabanete, amassados com mucilagem de

⁷⁶ Mineral alcalino derivado da mistura de sal hidratado de sódio e ácido bórico.

feno-grego, deveria ser aplicado no rosto depois de massagear as áreas afetadas com água quente ou imediatamente após o banho (KATA, IV-21, p. 73).

Na Idade Média, uma tez naturalmente branca acompanhada de um leve rubor era valorizada entre as mulheres⁷⁷. No entanto, uma tez muito avermelhada poderia indicar excesso de sangue na região, logo um desequilíbrio humoral (sangue), tratado com sangrias. De acordo com Trotula em DCMT, para se remover a vermelhidão em demasia no rosto, coloca-se “[...] sanguessugas de várias cores que estão em juncos, mas primeiro lavamos com vinho o local ao qual elas devem aderir [...]” (XXIX, p. 141), geralmente ao redor do nariz e das orelhas em ambos os lados, ou também poderia fazer uso de ventosas entre as omoplatas.

Sob o viés da saúde, entendia-se que uma boa aparência advinha de um corpo saudável e em perfeito equilíbrio. Neste sentido, algumas doenças são referenciadas pelos autores nas fontes analisadas, com o intuito de fornecer tratamento adequado àquelas capazes de afetar a uniformidade da aparência física. Além da queda capilar, preocupação pungente em KATA e DOMT, Abulcasis cita a *eczema*⁷⁸ quando prescreve um produto benéfico para o crescimento dos pelos. No documento latino tal problema não é mencionado. Entretanto, a *Sapiens Matrona* faz referência à *tinea* e ressalta que o pó obtido da mesclagem de cal viva e ouro-pigmento serviam como estimulantes para o crescimento dos fios na cabeça de pessoas com essa condição (I, p. 167). No que se relaciona ao rosto, a maioria das receitas contidas na obra andaluza ocupam-se das manchas, marcas e cicatrizes de doenças comuns ao período, como a lepra, tratada com compostos à base de vegetais e minerais, após massagear a zona afetada com água quente ou logo após sair do banho (KATA, IV-21, p. 73), e a varíola remediada tanto por vias cosméticas quanto com banhos de submersão regulares (IV-30, p.74). Outra dolência destacada pelo andaluz é o *cancro*⁷⁹, cujas sequelas eram amenizadas com cremes resultantes da mistura de vegetais e substâncias animais como a gordura de pata de cabra (IV-32, p.74). Demais condições dermatológicas são relatadas: caroços, espinhas e outras impurezas semelhantes, além de medidas preventivas contra a *piorreia*⁸⁰. Tais doenças citadas não foram verificadas nos trabalhos latinos.

Em DCMT, a médica salernitana concentra-se em problemas menores como as queimaduras solares, coceira e escoriações nos pés e nas mãos causadas por sarna e ácaros, abscessos surgidos na pele após o parto, bem como os “*vermes do rosto*” que provocam a queda

⁷⁷ Este assunto será discutido melhor no próximo item.

⁷⁸ Nas concepções médicas atuais, o eczema é uma inflamação da pele, que causa coceiras, bolhas de água e crostas, comumente relacionadas a uma reação alérgica.

⁷⁹ Basicamente se refere ao câncer, doença já conhecida pelos povos medievais

⁸⁰ Se trata de uma inflamação que acomete a gengiva.

capilar. Convém destacar as fístulas, que, segundo Trotula, são incuráveis quando localizadas perto dos olhos, pois qualquer medicamento ou incisão poderia prejudicar a substância tenra ocular. Por outro lado, se estivesse em local de melhor acesso, vegetais misturados ao mel e vinho são bons para tratar essa condição (DOMT, III, p. 183).

Nesse primeiro momento, procurou-se apontar a influência das teorias salutare nas produções cosméticas, mas quais fontes Abulcasis e Trotula se basearam para redigir seus trabalhos? O quadro a seguir relaciona as autoridades pertencentes ao mundo Antigo, latino e árabe e o número de vezes que foram citadas pelo médico andaluz.

Quadro 3 – Autoridades citadas por Abulcasis

AUTORIDADES ANTIGAS			
Autoridades	Nº de citações	Autoridades	Nº de citações
Cleópatra VII	3	Dioscórides	3
Críton (I/II d.C.)	1	Galeno	5
AUTORIDADES MEDIEVAIS			
Abū ‘Alī Al-Jurāsānī	1	Ibn Al-Ŷazzār	1
Al-Rhazi	15	Ibn Māsawayh	6
Hunayn b. Ishāq	1	Ishāq b. ‘Imrān	1
Ibn Al-Ŷabalī Al-Mutatabbib	1	Paulo de Egina	1

Fonte: KATA, p. 54-87.

Considerando as informações no quadro acima, nota-se um aspecto em comum entre os autores listados: todos estavam envolvidos com o ofício médico. Assim sendo, Abulcasis recorre a autoridades médicas antigas como Cleópatra VII (3), Dioscórides (3), Galeno (5) e Críton (1) para fundamentar sua obra. Em todo o texto apenas dois escritos do total de doze autores citados foram devidamente nomeados e referenciados. O primeiro diz respeito ao *Livro do Adorno e da Beleza (Cosméticos)* atribuído à rainha egípcia, a qual o árabe revela ter retirado duas receitas relacionadas ao crescimento, volume e espessura dos cabelos. O segundo texto é identificado como *Kitāb al-adwiya al-murakkaba* (Livro dos Medicamentos Compostos) de Galeno, do qual são tomadas três prescrições destinadas à produção de um óleo protetor para os cabelos, tinta para escurecer os fios e um cosmético para remoção de manchas faciais. Noutra passagem, menciona um composto depilatório retirado de uma obra de Galeno, mas indica que a receita pertence originalmente a Críton. A respeito deste último, era médico pessoal do Imperador Romano Trajano (53 d.C. – 117 d.C.), vivendo entre os séculos I e II d.C. Diz-se

que foi o compilador do tratado de Cleópatra VII e de demais médicos, tendo reunido em torno de um escrito estruturado em quatro livros, os assuntos cosméticos (Ferreira, 2023, p. 225, 226).

Apesar de amparado nos preceitos dos mestres da Antiguidade, o médico árabe também se mostra interessado na atualização de seus conhecimentos. Para isto, emprega autores medievais, que em sua maioria são de procedência árabe, com exceção de Paulo de Égina, um naturalista bizantino do século VII. A principal fonte medieval de Abulcasis é o médico árabe Rhazes (865-925), cujas contribuições distribuem-se em temas relativos aos cabelos (4), pomadas depilatórias (3), manchas no rosto e corpo (2), halitose (1), eliminação de tumores e durezas das mãos e corpo⁸¹ (2), fortalecimento dos seios (1) e por fim, remédios afrodisíacos e preparações lubrificantes para a mulher (2). Rhazes é sucedido por Ibn Māsawayh (? – 875) referenciado nos assuntos ligados aos cabelos (2), limpeza e eliminação de manchas no rosto (1), combate à halitose e o fortalecimento das gengivas (3). Neste quadro, embora citado uma única vez, a primeira autoridade medieval a ser mencionada por Abulcasis foi Hunayn b. Ishāq (séc. IX), um dos principais transmissores da ciência grega ao mundo árabe na Idade Média. Contemporâneo ao médico andaluz, figura um certo Abū 'Alī Al-Jurāsānī (980 - 1037), suspeito de ser o ilustre físico persa Avicena, porém não é certo que o autor em exame obteve acesso a algum de seus escritos, logo são hipóteses baseadas em débeis vestígios (Arvide Cambra, 2010, p. 52).

Em certo momento do texto, o médico andaluz demonstra estar familiarizado com as práticas de cuidados com o corpo da cultura hindu, principalmente aquelas relacionadas à limpeza e fortalecimento da cabeça e da barba, e perfumação dos cabelos⁸². Apesar de não revelar a autoridade por detrás do preparado, a prescrição traz em sua extensão uma quantidade considerável de ingredientes, incluindo substâncias aromáticas, além de técnicas de preparo variadas que envolvem a moagem, fervura e mistura dos elementos em recipientes específicos, como panelas de cerâmicas de boca estreita e de base forte (KATA, II-16, p. 61).

Enquanto o autor árabe baseia-se nos preceitos de autoridades antigas e medievais, a *Sapiens Matrona* recorre às práticas locais femininas. Em breves passagens contidas nas fontes latinas, a médica além de citar as *mulieres salernitane*, sugere que os saberes relacionados à

⁸¹ Se refere às áreas ásperas e grosseiras do corpo.

⁸² As interações entre povos árabes e hindus podem ser estabelecidas principalmente por vias médicas. Por volta de 260, foi fundada durante o governo sassânida uma Escola de Medicina em Jundishapur, localizada na região de Alam (atual Cuzistão), um importante centro que buscou reunir a filosofia clássica grega, a cultura indiana e a herança científica persa. De acordo com o professor e pesquisador Mehmet Mahfuz Söylemez (2005), a cidade e o território da Índia eram interligados por rotas comerciais favoráveis ao estabelecimento de estudiosos e comerciantes em Jundishapur, bem como a entrada de textos médicos. Neste ambiente promissor, alguns sânscritos começaram a ser traduzidos para o árabe, e assim, inseridos no currículo da faculdade de medicina de Jundishapur.

introdução dos cosméticos na literatura salutar foram retirados de suas práticas cotidianas. No enunciado de uma receita contida em DOMT, Trotula afirma que “As mulheres salernitanas põem raízes de briônia branca e vermelha no mel [...]”, (III, p. 183) em referência a um preparado para se avermelhar o rosto. Em uma outra prescrição pertencente ao DCMT, informa que há “Uma pomada que as mulheres salernitanas fazem que é muito bom para queimaduras [...]” (XXII, p. 135). Pode-se, portanto, inferir que estas receitas são uma representação das práticas de cuidados diários com o corpo feminino, que em Salerno, foi geralmente transmitido de geração para geração por intermédio da oralidade.

Estas *mulieres salernitane* não nominadas, também conhecidas como as *Damas de Salerno*, desfrutaram de extensa fama nos vários escritos médicos do século XI. A maioria das menções está associada a terapias que incluem distúrbios gastrointestinais, problemas de pele, bem como remédios ginecológicos e pediátricos. Apesar de envoltas nas práticas salutaras, são consideradas meras praticantes empíricas, conhecem as propriedades das plantas e seus usos, mas suas contribuições não chegam a ser indispensáveis aos livros médicos (Green, 2001, p. 48-49). Trotula é a única mulher salernitana cujo nome está associado a escritos médicos e aproveitou este espaço para incluir os assuntos cosméticos. Sendo o público feminino as maiores interessadas nesses produtos, uma receita prescrita e testada por uma mulher passaria maior credibilidade. Por isso, ela foi amplamente citada por autores posteriores, como Pedro Hispano no século XIII, ao discutir *questões* femininas e cosmética.

Afora, existem outras identificadas como as principais fontes em DOMT, são elas: as mulheres sarracenas. Portanto, múltiplos preparados são creditados a elas ao longo do texto, a começar pelos cabelos. Se a mulher desejasse dispor dos fios completamente negros, a médica destaca “Uma preparação sarracena comprovada. [...]”, (II, p. 171). Noutra passagem do quarto capítulo, ao enumerar os elementos necessários para se produzir uma cor composta, aconselha que deveria ser usada nos moldes árabes “As mulheres dos sarracenos tingem seus rostos desta maneira [...]” (III, p.185). Em determinado momento do sexto capítulo, sugere ter presenciado algumas das práticas dessas mulheres, “Vi uma certa mulher sarracena libertar muitas pessoas com este medicamento.” (VI, p. 189), em referência a uma prescrição relativa ao mau-hálito.

Isto confirma, de fato, a enorme influência da cultura árabe no Ocidente medieval, sobretudo no sul da Itália. É dito que durante o domínio muçulmano na Sicília, vizinha de Salerno, esta influência não se demonstrou apenas por vias textuais, mas também através – e principalmente – das interações cotidianas de mulheres cristãs sicilianas que adotaram as práticas relativas aos cuidados pessoais comuns às mulheres muçulmanas (Green, 2001).

No DCMT, Trotula cita uma outra autoridade medieval denominada *Magistrum Ferrarium* ou *Mestre Ferrarius*, a quem atribui uma única prescrição para o tratamento de fissuras labiais. Contudo, nada se sabe sobre este autor, talvez a abreviatura original se referisse a *Johannes Ferrarius*, mas tal personalidade ainda não foi documentada noutras fontes médicas de Salerno (Green, 2001). Possivelmente, pode ter sido mestre em medicina contemporâneo a ela, pois suas recomendações são adotadas pela médica em seu escrito.

Ao se observar como eram fundamentadas e veiculadas as informações e práticas cosméticas na cultura árabe e latina, um contraste se estabelece entre o discurso masculino e feminino. Abulcasis demonstra, portanto, enorme erudição ao realizar um trabalho de mapeamento dos autores que desenvolveram a temática dos cosméticos em suas obras, conferindo, de certa forma à cosmética um caráter científico, necessário à época. Trotula, por sua vez, traz para seus escritos a realidade cotidiana relativa aos cuidados pessoais femininos, transmitidos, sobretudo, pela oralidade. No entanto, o fato de basear-se nos conhecimentos de outras mulheres não interfere em seu pioneirismo em transformar tais saberes num gênero próprio e à parte de outras questões salutareas.

Enquanto as mulheres, sejam elas sarracenas ou salernitanas, constituem-se nas principais fontes da médica, a fonte mais antiga do *corpus* documental de Abulcasis fora produzida por uma mulher, Cleópatra VII. O aspecto realmente interessante não reside tanto no conteúdo extraído de seu escrito, mas sim no ato de incluí-la em seu texto, valendo-se de sua reputação como autoridade precursora nestes assuntos, assim como Galeno é para a medicina. Apesar disso, ela é a única mulher citada pelo andaluz para se referir às práticas indubitavelmente associadas ao universo feminino. Independente de tais distinções, este esforço por parte dos autores, comprova que essas atividades eram levadas tão a sério quanto quaisquer outros procedimentos que englobavam a saúde corporal.

2.3 Os aspectos e as características da aparência feminina medieval

Em seus respectivos trabalhos, Abulcasis e Trotula buscaram tecer conselhos que abrangessem a totalidade corpórea feminina. Partindo deste pressuposto, este item está organizado segundo o modelo *a capite ad calcem* observado nas fontes, para que se possa percorrer sobre os pontos de sincronia e de diacronia entre os autores, tendo como tema norteador as principais preocupações com a aparência feminina.

2.3.1 Os cuidados gerais com a superfície do corpo

A Idade Média compreendia as práticas de embelezamento como pertencentes ao domínio da saúde da mulher. Dentre as preocupações atinentes aos cuidados gerais com o corpo figura o uso de depilatórios, empregados segundo Trotula “Para que uma mulher possa se tornar muito macia e suave e sem cabelos da cabeça para baixo [...]” (DOMT, I, p. 167), e assim, suscetível à experiência do toque. Esta noção está diretamente associada às distinções entre os sexos no medievo, sendo a cosmética uma aliada importante capaz de reforçar antigas concepções referentes à distribuição de pelos nos corpos femininos e masculinos (Cabré, 2010).

No discurso do médico andaluz, essa questão ganha contornos mais delineados. O autor dedica às mulheres múltiplas receitas com o mesmo propósito: “Certamente, esta preparação retarda bastante o crescimento do cabelo e, com a vontade de Deus, pode até impedir seu crescimento para sempre” (KATA, II-33.10). Em contrapartida, aos homens são ofertados cuidados benéficos para fortalecimento da raiz dos fios, limpeza da cabeça e para combater a umidade danosa da barba (II-15, p.61), aspectos que ressaltavam a virilidade masculina, de acordo com as concepções da época. Contudo, isso não quer dizer que não utilizassem desses compostos, mas que seu uso se restringia às partes íntimas. Sendo assim, é seguro afirmar que depilatórios, bem como alguns conselhos para os cabelos, e questões higiênicas são temáticas compartilhadas por homens e mulheres na cultura árabe medieval. O médico andaluz não faz distinção entre os gêneros quando se trata destes assuntos, e por vezes, seus conselhos se estendiam até mesmo às crianças.

Em maior medida, a depilação corporal parece, portanto, ter sido uma atividade frequente e amplamente difundida entre mulheres andaluzas e aristocráticas de Salerno. A este respeito, Abulcasis cita brevemente entre uma receita e outra que deveriam ser desempenhadas durante os banhos. Do contrário, Trotula denota que se trata de práticas bem elaboradas relacionadas à intimidade feminina, possuindo uma sequência correta de reprodução, a começar pela preparação de banhos quentes de vapor, seguidos da aplicação dos depilatórios corporais e faciais, geralmente feitos mesclando cal virgem ou qualquer outro mineral com ervas e plantas, e depois do tempo de ação do produto, a remoção dos pelos:

Quando a mulher tiver se ungido com este depilatório, deixe-a sentar-se num banho de vapor muito quente, mas não se deve esfregar porque os seus membros serão escoriados. Mas quando ela tiver ficado ali um pouco, tente arrancar os pelos da zona púbica. Se eles não caírem facilmente, deixe-a verter água quente sobre ela e deixe-a lavar-se por todo o lado, desenhando suavemente a palma da mão [sobre a sua pele]. Pois se ela se esfregar

vigorosamente quando a pele estiver tenra, ela será rapidamente escoriada por este depilatório. Tendo feito isto, deixem-na entrar em água morna e deixem-na ser bem lavada (DOMT, I, p. 169).

A passagem acima testifica como eram realizados os rituais de depilação feminina, além dos cuidados que deveriam ser tomados para se evitar possíveis escoriações que comprometeriam a maciez da pele. Este tipo de cosmético também servia como dispositivos para o asseio corporal, pois a eliminação dos pelos precavia o mau-cheiro das partes pudendas e axilas. Trotula menciona no DCMT, por exemplo, que piolhos podiam proliferar na área púbica, axilas e nos cílios, mas foram tratados com uma mistura de cinzas e óleo (XXVI, p. 137). Apesar disso, não cita nenhum cosmético relacionado à depilação, preocupação pungente no DOMT e KATA.

Na Idade Média, havia uma preocupação com o fétido e o perfumado. Sob a perspectiva social e salutar, maus odores afetavam principalmente a convivência causando repugnância e afastamento, considerado assim um problema do grupo. Nas cidades medievais, por exemplo, a causa para isto poderia provir de diversas fontes, incluindo resíduos humanos e animais (fezes, cadáveres, etc.), o que levou os físicos a atribuírem a proliferação de doenças à corrupção do ar. A rejeição de certos cheiros motivou os primeiros esforços de saneamento urbano e a produção de tratados médicos preventivos no período medieval (Jorgensen, 2013). Em contrapartida, os bons aromas evocavam sensações de conforto e bem-estar. Os árabes, por sua vez, confeccionavam recipientes⁸³ específicos para conservar ou facilitar o uso de fragâncias e outros elementos aromáticos nas salas dos palácios, nas cerimônias de recepção dos convidados pelos seus anfitriões, além dos rituais religiosos. Além disso, as roupas em al-Andaluz costumavam ser borrifadas ou incensadas com o objetivo de afastar as pragas ou mantê-las perfumadas quando guardadas em baús, para suprimir o mau cheiro das partes ou apelar à sensualidade através do uso de perfumes (Calvé, 2022).

Desta forma, a fetidez corporal era condenada entre os árabes, que buscavam velar seus corpos, sobretudo, no “verão, durante a época de calor intenso e quando se sua muito” (KATA, VII-2, p. 82). Dentre as medidas preventivas relativas ao corpo, tem-se a indicação de banhos e a higienização das partes ou a produção de cosméticos desodorantes, preferencialmente no formato de pós, feitos à base de especiarias aromáticas como o mástique misturado a cânfora,

⁸³ Dentre os quais se pode citar os caldeirões e incensários que assumiam formatos diversos incluindo a forma de animais, essencieiros de prata de pequeno porte para transportar substâncias aromáticas e perfumes, além de caixinhas ornamentadas.

folhas de rosas, sândalo ralado, nardo, rosa almiscarada, etc. (VIII, p.82). Assim, os produtos desodorantes eram fabricados nestes moldes:

Pegue 5 dirhemes mástique; 2 dirhemes de alúmen iemenita, mirra vermelha, de chumbo-cádmio, folhas de rosa vermelha e folhas secas de murta; 1 dirhem de canela da China, nardo e semente de manjerição; 3 dirhems de sândalo ralado; e 1/2 dirhem de cânfora. Os medicamentos são triturados, amassados com xarope envelhecido e transformados em pastilhas, deixadas para secar; e, quando necessário, são diluídos em água e aplicados nas axilas e zonas íntimas do corpo de homens, mulheres e crianças (VIII-6, p.83).

Como mencionado anteriormente e agora melhor fundamentado pelo trecho acima, Abulcasis, ao prescrever esse tipo de cosmético, buscava solucionar o problema dos odores fétidos exalantes dos corpos, independente do sexo ou idade, dado que era uma condição universal.

Neste viés, as interações do dia a dia requeriam proximidade para se falar livremente. Logo, combater o mau hálito é um interesse compartilhado tanto pelos físicos medievais quanto pela cosmética. Disto, Abulcasis ao tratar deste assunto recorre a outras autoridades árabes praticantes da medicina como Ibn Māsawayh, Abū ‘Alī Al-Jurāsānī (pseudo-Avicena) e Ishāq b. ‘Imrān para embasar suas recomendações. O mau hálito poderia ter diversas causas, embora nenhuma delas possuía origem na ausência de higienização bucal, e sim atrelada aos odores desagradáveis de alho e cebola. Na maioria dos casos, é observada a indicação de substâncias aromáticas para neutralizar estes odores, tais como: o almíscar, o cravo, a canela, a noz moscada etc. No DOMT, há exemplos concretos de como o mau hálito poderia interferir diretamente na intimidade do casal “Por isso recomendo que dia e noite e principalmente quando ela tiver relações sexuais com alguém, ela mantenha essas coisas sob a língua” (IV, p. 189). Neste trecho, é possível deduzir que as mulheres salernitanas usavam cosméticos feitos com aloé vera, canela, rosas secas, funcho, salsa, folhas de louro, almíscar, mirtilo e etc., como artifício capaz de tornar a relação sexual mais agradável, pelo menos ao olfato. O DCMT comprova essa dimensão erótica dos cosméticos ao assegurar que “Há algumas mulheres que sofrem de fissuras nos lábios, e isso por causa dos abraços excessivos de seus amantes e seus beijos com os lábios esfregando sobre eles” (XXXVIII, p. 143). A proximidade excessiva é citada como causa das fissuras labiais.

2.3.2 Os cuidados e os adornos do cabelo

O cabelo era considerado um dos principais adornos naturais do corpo feminino na Idade Média⁸⁴. Por ser um componente relevante da aparência pessoal, havia uma certa ligação entre o tamanho, a forma e a disposição dos fios com as regras e tabus de natureza sexual, principalmente por serem percebidos como um elemento erótico capaz de influenciar o jogo da sedução a favor das mulheres. Na cultura Ocidental, a maneira como eram cuidados, acomodados em penteados e até mesmo a cor podia assinalar a camada social a que pertencia. Não era costume manter os cabelos prontamente soltos, apenas as jovens costumavam usá-los assim, ou presos a arranjos feitos com tranças ou mesmo em chapéus, indicando estarem disponíveis ao compromisso. Já as mulheres casadas usavam sobre suas cabeças véus que simbolizavam a união estável (Macedo, 1998; Hughes, 1990).

Os véus ou mesmo os toucados eram acessórios comuns às mulheres, e ao que apontam os historiadores, se tratava de um hábito oriundo da cultura muçulmana. Podiam ser decorados ou funcionais, de tecido colorido ou bordado, feitos geralmente de linho ou lã, ou de seda quando utilizados pela nobreza feminina. Seu uso estava intrinsecamente ligado aos padrões de modéstia, pois cobrir os cabelos evidenciava aspectos da castidade feminina (Diener, 2019). A própria Trotula é retratada em cópia de seus manuscritos do século XIV⁸⁵, usando um véu que cobria por completo seus cabelos, orelhas, queixo e pescoço, estendendo-se até os joelhos, o que pode ser um indicativo de sua origem nobre. Também fazia parte do adorno o uso de alfinetes produzidos a partir do latão, estanho, bronze ou prata para segurar os véus e as tranças, além de redes para conter e enfeitar os cabelos, faixas bordadas ou decoradas com pedras. A disposição dos arranjos, bem como os acessórios variavam de acordo com a região e cultura, as mulheres italianas, por exemplo, costumavam trançar seus cabelos com fitas ou os prendiam em formatos de caracóis sobre a testa. As andaluzas, por outro lado, seguiam a moda das mulheres orientais, adornando-os com enfeites que poderiam ser de ouro, se usados pelas mais afortunadas, ou de prata, para as classes mais pobres (Diener, 2019; Álvarez, 2006, p. 161).

Diante disso, tanto os enfeites quanto os variados tipos de véus exigiam que os cabelos se mantivessem belos e bem conservados. Tal noção permitiu que estes assuntos ocupassem um espaço privilegiado nas fontes analisadas. Abulcasis, por sua vez, dedicou dois capítulos inteiros a temas que envolvem a composição de cores capazes de cobrir os fios brancos, e “[...] remédios que fazem crescer o cabelo, o embelezam e impedem sua queda e o renovam, assim como os que o estraga, destroem e o ferem” (KATA, II, p. 59). Ainda que as mulheres árabes

⁸⁴ Também era considerado adorno natural do corpo: o umbigo, as gengivas, as sobrancelhas e os seios.

⁸⁵ A imagem compõe o Ms. 544 (fólio 65), intitulado *Liber Trotile*, que integra a *Miscellanea medica* XVIII – disponibilizada pela Wellcome Library Trust, em Londres.

não exibissem seus cabelos e os cobrissem com véus, isso não as impediu de realizar diligentemente esses cuidados. Trotula não se mostra alheia a estas atividades e, prescreve assiduamente conselhos valiosos para que as mulheres fiquem “[...] longe de vinho forte e produtos de limpeza fortes porque eles corroem ou corrompem o cabelo” (DOMT, II, p. 173), além de recomendar diversas técnicas e preparados para embelezar os fios, incluindo tinturas e outros cosméticos voltados à saúde capilar.

Nestes termos, a beleza dos cabelos era apreendida pelos sentidos. O sentido da visão captava a harmonia e a disposição dos fios, se longos ou grossos etc., os arranjos e os ornamentos, mas era pelo sentido do tato que se experienciava a suavidade e maciez dos fios, e ainda, através do olfato que se percebia o aroma que deles exalava. Cabelos limpos, fortalecidos, abundantes, volumosos, longos, grossos, brilhantes, de aspecto saudável foram características identificadas nos escritos de ambos os autores. Trotula, por exemplo, prescreve que para se ter cabelos macios, suaves e finos deveria lavar os fios frequentemente com a água que foi fervido o natrão e ervilhaca⁸⁶ (II, p. 171), ao passo que, para se obtê-los longos, Abulcasis indica a lavagem com água de acelga mesclada com um pouco de mostarda (II-25, p. 63). A *natureza* capilar, se lisos ou ondulados, não era obstáculo para que as mulheres os tivessem como desejassem. O médico árabe propõe receitas para que as andaluzas pudessem escolher diferentes formas de usar a cabeleira independentemente do seu estado natural. A única ressalva sobre estas atividades é que “Convém que a pessoa que queira alisar o cabelo esteja bastante descansada e bem alimentada [...]” (KATA, II-30, p.63), certamente em virtude do longo processo feito com a ajuda de cosméticos à base de mucilagem e óleo. Acerca dos cachos, aconselha-se uma mistura à base de pinhão queimado e triturado com óleo de murta até ter a textura do mel, depois basta aplicar em toda a cabeça pela manhã e a noite (II-32:2, p. 64). Embora partilhem do mesmo objetivo, Trotula aconselha “Moer raiz de sabugueiro-anão com óleo e ungir a cabeça, e amarrá-la na cabeça com folhas” (DOMT, II, p. 175). O conteúdo desta receita pode parecer um tanto confuso à primeira vista, mas pode-se inferir que o cosmético age como uma espécie de creme ou pasta para conservar os cachos moldados com o auxílio das folhas.

Entre uma receita e outra, a médica de Salerno demonstra estar ciente das modas insurgentes relativas à disposição dos fios. Numa prescrição a fim de tornar os cabelos grossos, diz “Cozinhe tudo isso com leite de cabra ou água e lave a área (depois de raspar)” (DOMT, II, p. 175). Por este pequeno trecho, entende-se que possivelmente esteja se referindo à moda dos

⁸⁶ Uma leguminosa herbácea, de raízes profundas e ramificadas.

penteados altos que exigiam a remoção dos pelos da testa até as entradas dos cabelos com produtos depilatórios⁸⁷ (Hughes, 1990).

Ademais, cabe destacar o hábito de perfumar os fios com o objetivo de induzir a sensação de bem-estar por meio do sentido do olfato. As mulheres andaluzas utilizavam uma variedade de produtos, incluindo um sabão aromático para higienizar a cabeça, bem como óleo feito de oliva, cardamomo, malvaíscos etc. Já as salernitanas, para que os cabelos exalassem um aroma agradável, era de costume que junto ao “[...] véu com o qual a cabeça está amarrada deve ser colocado com cravo e almíscar, noz-moscada e outras substâncias de cheiro doce.” (DOMT, II, p. 171).

Um outro composto que fornece informações relevantes sobre as preferências, questões identitárias e possíveis padrões de beleza na Idade Média são as tinturas. No discurso árabe masculino, as tintas tinham como principal finalidade enegrecer os cabelos grisalhos, além de que, Abulcasis não se mostra interessado em alterar a cor para nenhum outro tom que não o negro. De certa forma, isto define o público-alvo das receitas: as mulheres *mais velhas*. Nessa perspectiva, os cabelos grisalhos contrastam com as longas e voluptuosas madeixas escuras, característica marcante e distintiva das mulheres árabes na sociedade medieval. Portanto, esse cosmético representava uma maneira prática de minimizar os efeitos ocasionados pela velhice sobre os fios. Por outro lado, no discurso de Trotula, as tintas são abordadas de uma forma diferente. Nos enunciados desse tipo de cosmético, lê-se assim “Se, de fato, você deseja ter cabelo [...]” (DOMT, II, p. 171), sugerindo que, provavelmente, as mulheres tinham autonomia quanto à cor dos fios, se loiros ou negros, acompanhando gradualmente as modas lançadas.

Sabe-se que no Ocidente, como bem fundamentado na tradição literária cortesã e por fontes imagéticas, os cabelos loiros, longos, esvoaçantes e, por vezes, soltos em cachos ou arrançados em penteados compunham o ideal de beleza feminina (Cabré, 2010). Na tradição cosmética de Trotula, as tinturas indicam que esta coloração era procurada entre àquelas que não dispunham de uma cabeleira clara, mas o ambiente culturalmente diversificado do sul da Itália nos séculos XI-XII, faz com que os cabelos pretos também se tonassem alvos das mulheres salernitanas. Esta região era etnicamente diversificada, compreendendo uma mistura entre os povos antigos, bem como lombardos, normandos, árabes e judeus (Green, 2001). Por conseguinte, pode-se inferir que uma variedade de tons teria sido comum neste período, embora Trotula atribua a autoria das receitas para o escurecimento dos fios às mulheres sarracenas,

⁸⁷ Estas práticas se tornaram mais visíveis e difundidas entre as mulheres cortesãs do século XII e XIII.

sugerindo que havia uma intensa troca de conhecimentos e experiências entre estas mulheres de culturas diferentes.

2.3.3 A face, as sobrancelhas e os cílios

O rosto era uma das partes mais visíveis do corpo da mulher, tão logo, a beleza era medida, sobretudo, a partir da tez. Sob este prisma, havia alguns elementos comuns às tradições medievais, como o apreço por uma pele uniforme em textura e cor. A valorização desse aspecto pode ser denotada no capítulo quarto, onde Abulcasis partilha de “[...] um remédio que compôs Ibn Māsawayh para limpar o rosto, eliminar as manchas, os caroços e as espinhas, e suavizar as máculas, e também clarear e dar brilho a *cútis*” (KATA, IV-14, p. 72). Com efeito, preocupações semelhantes são encontradas no discurso da *sapiens matrona*. No enunciado de um depilatório facial contido em DOMT, afirma que o preparado “[...] refina a pele e torna o rosto bonito, remove os pelos e torna todas as manchas bem coloridas e claras.” (III, p. 177-179). Nesse mesmo texto, ela tece considerações importantes sobre a finalidade dos cosméticos no rosto. Ao iniciar a seção assegura que o rosto deve ser adornado “[...] [porque] se o seu adorno for bem-feito, embeleza até as mulheres feias” (DOMT, II, p. 177). Ademais, o breve trecho sugere a discussão de um ponto importante: o contraste estabelecido entre a beleza e a fealdade. De acordo com as fontes, quais características tornariam uma mulher *feia* na Idade Média? Dada as qualidades da beleza neste período, presumivelmente as mulheres *feias* mencionadas por ela seriam aquelas que não atendiam aos padrões harmônicos faciais, bem como as mulheres enrugadas, ou com disformidades estéticas como as sardas e manchas. Abulcasis, por sua vez, não menciona diretamente a fealdade, mas o conteúdo de suas receitas alude a essas mesmas concepções.

Assim, a aparência de uma tez jovem era um aspecto físico valorizado entre os povos da Idade Média. Os cosméticos representavam o melhor caminho para se retardar o envelhecimento e a decrepitude da pele percebida pela aparição de afecções como as rugas, verrugas ou perda do brilho natural, como aponta Trotula em DCMT e DOMT. As rugas, na cosmética latina, eram tratadas com uma preparação que envolvia gordura de veado fervida em água mesclada ao pó de cristal e verniz. Isto devolveria a luminosidade do rosto (III, p. 181). Abulcasis, por sinal, apresenta uma solução diferente que dispensa o uso de gordura animal. Sua preparação é feita à base de folhas de murta, farinha de ervilha preta misturada à água até se obter uma textura semelhante ao mel, e depois, aplica-se ao rosto (IV-41, p. 75). Da mesma forma, o andaluz concentra-se no cuidado da pele do pescoço, que também servia para indicar

o estado do corpo. Nestes moldes, prescreve “um remédio que elimina as manchas do pescoço e que, se nos lavarmos com ele, suaviza o corpo, eliminando as asperezas e as rugosidades...” (KATA, IV-42, p. 75).

As sardas é outra temática recorrente nas fontes. Abulcasis considerava as sardas um obstáculo à uniformidade da pele e a enquadrava sob o epíteto “doença”, cujo tratamento deveria ser realizado “durante alguns dias, quando a doença se encontra no princípio.” (KATA, IV-8, p. 71). No caso de DCMT, seu aparecimento no rosto pode ser decorrente de uma causa acidental, talvez pela exposição excessiva ao sol, e assim, tratada fazendo uso de água de rosa ou água de farelo ou migalhas de pão pela manhã até sua remoção por completo (XXXI, p. 141). Por outro lado, DOMT às interpreta como uma disfunção da compleição e declara que o melhor caminho seria a mulher ungir o rosto com óleo de *tartarum*⁸⁸ “[...] por sete noites e tantos dias, e até mesmo por quinze dias se ela tiver uma tez com abscessos ou uma compleição sardenta” (III, p. 177). Apesar da abordagem distinta, todos os três escritos partilham o desejo de eliminá-las. Desta forma, para ambos os autores, os cuidados regulares com cosméticos eram o melhor aliado para se prevenir os efeitos do tempo e as intempéries na pele da mulher.

Dentre os hábitos de beleza, figuram os cosméticos que alteravam efetivamente a cor natural do rosto. Estes compostos serviam para disfarçar temporariamente as imperfeições cutâneas e, sobretudo, conferir aspecto branco à pele, semelhante, em tese, à *maquiagem* atual⁸⁹. Eram produzidos a partir de substâncias vegetais, animais ou minerais, e geralmente assumiam o formato de unguentos⁹⁰ ou pomadas, *cerotum*⁹¹ ou pós. Em DOMT a autora assinala que as mulheres de Salerno ungiam suas faces como as “mulheres dos sarracenos” que “[...] colocam qualquer uma das substâncias acima mencionadas para branquear o rosto, como um *cerotum* ou qualquer outra coisa, e uma cor mais bonita aparece, combinando vermelho e branco” (DOMT, IV, p. 185). Um *cerotum* com o qual o rosto pode ser ungido todos os dias é feito assim:

Coloque óleo de violetas ou óleo de rosa com gordura de galinha num recipiente de barro para ferver. Deixe a cera muito branca ser dissolvida, depois adicione clara de ovo e misture pó de chumbo branco bem pulverizado e peneirado e, novamente, cozinhe um pouco. Em seguida, passe-o por um pano e, a essa mistura fria coada, adicione cânfora, noz-moscada e três ou quatro cravos da Índia. Embrulhe tudo isso em pergaminho. [...] (DOMT, III, p. 179).

⁸⁸ O tópico 3.2 desta dissertação aborda como se preparava o óleo de *tartarum*.

⁸⁹ Estes produtos, se analisados sob o viés da cosmética atual, podem ser entendidos como pertencentes ao domínio da maquiagem, porém, Trotula também os relega a condição de ornatus, sem estabelecer uma relação dicotômica entre cuidado e enfeite.

⁹⁰ Trata-se de um medicamento feito à base de gordura.

⁹¹ Os preparados levam este nome por serem fabricados a partir de ceras vegetais.

Apesar de ela denunciar a influência sarracena nos costumes de beleza salernitanos, a produção de compostos pigmentados para o rosto não é verificada no trabalho árabe. Neste sentido, os médicos andaluzes atêm-se aos cosméticos de cuidado que prezam pela manutenção da boa cor da face, opondo-se à palidez leitosa, condição tratada com um preparado de íris azul e heléboro branco adicionado à cocção de cevada ou leite (IV-25, p.73).

A palidez excessiva ou a vermelhidão em demasia – comentada anteriormente – era a antítese de uma das principais características da beleza física feminina medieval; a face corada. Esse estado resultante da ação de venis “sangue” era o aspecto que atestava um corpo são e saudável (ECO, 2004, p. 113). Tal percepção permeava o imaginário da Alta Idade Média, assim, Isidoro de Sevilha em *Etimologias*, comenta que “Por isso, também chamamos “belas” àquelas pessoas (*formosus*) cujo sangue produz um rubor atrativo com o seu calor” (EIS, XIX-7, p. 377). Portanto, o rubor moderado de que comenta o bispo de Sevilha poderia ser atingido por meio do uso de cosméticos: para àquelas mulheres que possuíssem seus rostos branqueados artificialmente quanto para aquelas que tinham uma *compleição* naturalmente branca. Inclusive, Trotula aconselha que “[...] uma cor vermelha apareça como se fosse natural” (DCMT, XXIX, p. 139).

Se por um lado Abulcasis não diz nada acerca da *maquiagem* facial, por outro, sugere a fabricação de pigmentos para as sobrancelhas e cílios. Devido aos códigos morais e de vestimentas, estas partes estavam entre as poucas áreas descobertas do corpo da mulher, e consequentemente, uma das mais adornadas na cultura árabe. Com o propósito de melhorar o aspecto das sobrancelhas e cílios, bem como delinear, enegrecer os pelos e conferir volume ao olhar, o médico aconselha o fabrico de *alcohol*, um composto na forma de pó similar ao *kol* egípcio, feito a partir do antimônio (Colón Caderón, 1995). O curioso, é que tais preocupações não possuem correspondentes nos trabalhos da médica salernitana. Nas representações imagéticas medievais, as mulheres latinas costumavam ser representadas sem maquiagem nos olhos com as sobrancelhas quase invisíveis, isso talvez explique a ausência deste tipo de cuidados em DCMT e DOMT⁹². Sendo assim, um *alcohol* árabe é feito nestas condições: “Pegue atutía e nardo, de cada coisa 16 meticais; e de cobre queimado, de sal-gema, de pimenta branca e de *alcohol* de antimônio, de cada coisa 12 meticais. Os medicamentos são muito bem triturados e aplicados” (III-19, p. 69). Como se pode observar, o médico árabe não revela detalhes sobre como esses cosméticos são aplicados, mas através de pesquisas referentes à

⁹² As imagens observadas estão contidas na obra *História da Beleza* de Humberto Eco, 2013.

temática, pode-se inferir que foi com o auxílio de palitos, pincéis, *pincetas*, ou muitas vezes, usando os próprios dedos (Colón Caderón, 1995, p. 75).

Outras questões vinculadas à beleza feminina também são verificadas no escrito. Por razões puramente estéticas, é receita uma espécie de *álcool* destinado ao escurecimento da cor azul dos olhos. Estas práticas parecem não ter origem na tradição árabe, pois o médico se utiliza de autoridades antigas como Dioscórides, e atribui-lhe um preparado à base de avelã queimada misturada ao óleo e aplicado na *fontanela*⁹³ de uma criança que promete escurecer as pupilas e os cabelos (KATA, III-21, p. 69).

2.3.4 Os lábios e a saúde bucal

Os lábios tinham grande influência na composição harmônica do rosto. Nas explanações de Abulcasis, o tema aparece de maneira tímida acoplada às preocupações concernentes a saúde bucal, precisamente nestes moldes “Receita de um dentifrício que fortalece as gengivas, dá cor aos lábios e perfuma o hálito da boca [...]” (KATA, V-7, p. 77). Desta breve passagem, pode-se depreender que um mesmo preparado servia a três propósitos diferentes, incluindo o de pigmentar os lábios. No entanto, nada mais sobre o assunto é comentado por Abulcasis, apesar da médica de Salerno mencionar que as mulheres árabes são referência na arte dos pigmentos. Todavia, Trotula dedica maior atenção ao tema. No texto de DOMT, afirma que os lábios, assim como outras partes do corpo, carecem de cuidados e ornamentação. Com a finalidade de mantê-los sempre com aspecto macio e hidratados, combina uma pomada à base de mel com demais hábitos cotidianos “[...] lavam-nos com água quente à noite e de manhã; solidifica a pele dos lábios, refina-a e torna-a extremamente macia e preserva-a de qualquer ulceração e, se surgirem ulcerações, isso as curas” (DOMT, IV, p.185). Neste trecho, é possível notar ainda o caráter preventivo do preparado.

Ademais, as mulheres de Salerno costumavam adornar não só os lábios, mas também as gengivas com cosméticos de pigmentos. Para realçar estas partes, Trotula prescreve uma cor composta de tonalidade avermelhada, aplicada nos lábios de forma a contrastar com a brancura artificial provocada no rosto e conceder às gengivas uma aparência saudável. Em suas palavras, a cor composta deve ser feita assim,

Pegue a erva marinha com a qual os sarracenos tingem o couro de verde. Deixe ferver em uma vasilha nova de barro com clara de ovo até reduzir a um terço. À substância coada [desta] acrescente pau-brasil bem picado e deixe ferver

⁹³As fontanelas são regiões da cabeça de um recém-nascido que não são envolvidas pelos ossos do crânio.

novamente. E deixe esfriar novamente. E quando estiver morno, adicione pó de alúmen e depois coloque-o em uma jarra de ouro ou de vidro. Reserve para uso [posterior] (DOMT, IV, p. 85).

A aplicação do produto consistia em “[...] colocar algodão sobre os dentes e gengivas e deixe-a mergulhar em uma cor composta, e com este algodão deixe-a ungir os lábios e as gengivas por dentro” (DOMT, IV, p. 185).

Uma preocupação puramente estética surge entre as recomendações de DOMT, e pode indicar uma preferência por um determinado formato de lábio. No enunciado da receita lê-se assim “A espessura dos lábios é atenuada com uma unção de mel [...]” (V, p. 187). Trotula não sugere nenhum procedimento estético invasivo, apenas untar a região com o preparado específico. A partir desta informação pode-se, portanto, concluir que lábios grossos ou um tanto carnudos podem não ter sido tão valorizados na Idade Média Ocidental. A beleza física neste período residia na harmonia e na proporção das formas, isto talvez explique a existência de medidas empregadas por Trotula para disfarçá-los. Nada do tipo foi verificado no texto de DCMT, muito menos no escrito árabe.

O Ocidente medieval buscou formas de tratar os dentes enegrecidos, bem como mantê-los firmes e alinhados, seja por meio do uso de cosméticos ou mesmo por intervenções estéticas. No que se relacionam aos cosméticos, os conselhos de Abulcasis seguem a mesma premissa “Receita de um dentifricio popular para limpar, branquear e polir os dentes e para eliminar as manchas dentais” (KATA, V-16, p. 79). Noutro tratado de viés odontológico, escreve sobre o fabrico de dentes substitutos feitos de ossos de boi, ligados aos são por um fio de ouro ou prata, ou ainda, a prática de cerrar os dentes proeminentes com uma *lima indiana* – principalmente das mulheres e escravos –, embora esta técnica já estivesse presente nos escritos de Paulo de Egina no século VII (MOLIENER-BROGI, 2012).

Semelhantemente, a Escola de Salerno⁹⁴, e especialmente a mais importante de seus mestres, Trotula, percebe os dentes como um dos principais componentes da beleza facial. Assim, o escurecimento desta parte do corpo poderia surtir impacto negativo na aparência de uma mulher. Por conseguinte, DCMT prioriza o tratamento de dentes pretos e mal coloridos com “[...] conchas de noz bem limpas da casca interior, que é verde, e esfregamos os dentes três vezes ao dia, e quando eles forem bem esfregados, lavamos a boca com vinho quente e com sal

⁹⁴ No Regimento de Saúde Salernitano, estas preocupações se materializam na escrita de conselhos para a preservação e manutenção da saúde bucal no geral; receitas benéficas para os dentes, tratar uma boca malcheirosa ou odor persistente, bem como curar possíveis doenças e desconfortos dentais.

misturado, se desejado” (XXXVI, p. 143). O escrito DOMT compartilha destas mesmas preocupações, porém apresenta um outro caminho,

[...] A mulher deve lavar a boca após o jantar com um vinho muito bom. Então ela deve secar bem [os dentes] e enxugá-los com um pano branco novo. Finalmente, deixe-a mastigar todos os dias funcho ou levístico ou salsa, que é melhor mastigar porque exala um cheiro bom e limpa bem as gengivas e torna os dentes muito brancos (DOMT, VI, p. 187).

De acordo com as passagens acima, torna-se perceptível que a higienização dental era uma atividade imprescindível para se dispor de dentes brancos e bem conservados. A médica salernitana também destaca que estas práticas deveriam ocorrer com frequência, pelo menos três vezes ao longo do dia.

2.3.5 As mãos e os pés

Os cuidados com o corpo feminino no medievo estendiam-se às mãos e aos pés. Por estarem constantemente expostos, muitas vezes tornavam-se alvo de inúmeras adversidades. Algumas delas são listadas por Abulcasis como a rugosidade da pele, aspereza e durezas, que podem ser interpretadas como calosidades. O seu discurso dirige-se especialmente às mulheres jovens, a quem aconselha a não descuidar destas partes e a mantê-las sempre saudáveis, limpas e hidratadas. Com esse propósito, os cuidados diários incluem lavagens com decocção de cevada e leite de vaca todas as manhãs e logo após aplicar sob o local algum óleo (KATA, VII-4, p. 81), bem como fazer uso contínuo de tragacanto⁹⁵ diluído no mel (VII-3, p.81). De modo semelhante, o andaluz prescreve inúmeras outras preparações combinadas ao enfaixamento dos braços e mãos, a fim de potencializar o tratamento.

Além dos cuidados cosméticos, a boa aparência dessas áreas poderia ser potencializada com o uso de adornos como as joias ou as pinturas corporais. Na sociedade andaluza, era comum as mulheres pintarem o dorso das mãos, os braços, os pés e as unhas com cosméticos à base de henna. Esta prática também estava intimamente associada à religião, pois se acreditava controlar e prevenir manifestações sobrenaturais negativas bem como atrair boa sorte. No mesmo sentido, as mãos e os pés eram decorados com braceletes, argolas e anéis nos dedos (PEÑA; GIRON, 2006, p. 138; CASTILLO, 2014, p. 77).

⁹⁵ Uma goma natural obtida de espécies leguminosas oriundas do Oriente Médio.

Diferente do escrito árabe, nos textos de Trotula os cuidados com as mãos e os pés pendem mais para a terapêutica do que para o embelezamento. Em DCMT, ela especifica algumas dolências que poderiam afetar estas áreas, ao citar a coceira provocada pela ação dos *vermes e as sarnas* nas mãos. Seu único conselho destinado ao embelezamento gira em torno de se clarear e alisar as mãos. No entanto, não fica claro no conteúdo da receita se o produto se destinava ao clareamento de certas disformidades como as manchas, ou mesmo, buscava conferir um aspecto branco à pele. Se levar em consideração que os rostos das mulheres salernitanas eram branqueados com auxílio de cosméticos, era natural e harmônico que as mãos assumissem esta mesma aparência.

Em suma, segundo as fontes, os cosméticos estiveram atrelados à saúde e ao embelezamento dos cabelos, face, cílios e sobrancelhas, axilas, lábios, dentes e gengivas, mãos e os pés. Nesta perspectiva, o desejo de preservar e cuidar da aparência fez com que surgisse produtos específicos para cada área do corpo, assunto que será melhor discutido no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3 – OS TIPOS E FORMATOS DOS COSMÉTICOS: A MATÉRIA, AS TÉCNICAS E OS INSTRUMENTOS

3.1 Os medicamentos *simples* e a farmacopeia cosmética

A cosmética exigia um nível de conhecimento dos seus praticantes em relação às substâncias utilizadas na fabricação dos produtos de beleza. Na Idade Média, os cuidados com o corpo, seja para se restabelecer a saúde outrora corrompida pelas doenças ou para se preservar e reparar aspectos da aparência, dependia essencialmente da manipulação de medicamentos. Por medicamentos neste período, entendem-se todas as drogas oriundas dos reinos: vegetal, animal e mineral que detivessem propriedades terapêuticas capazes de produzir alterações no organismo.⁹⁶ Neste viés, o arsenal cosmético de Abulcasis e Trotula de Salerno era formado por medicamentos *simples* e *compostos*. Na farmacologia medieval, ervas e plantas, assim como os demais ativos animais e minerais, considerados isoladamente, são agrupados sob o título de *simplicia*, enquanto que a mistura de dois ou mais *simples*, constituía os *composita*. Na verdade, o uso de uma droga nas preparações médicas e cosméticas dependia de suas qualidades e virtudes intrínsecas, previamente definidas por meio de métodos específicos⁹⁷.

De acordo com os conceitos terapêuticos medievais, tudo o que é ingerido ou usado sob a pele pode nutrir ou matar. Dentro desta concepção, os medicamentos situam-se entre os venenos e os alimentos (Aguirre de Cárcer, 1999). Em um primeiro momento, é válido reiterar que, na Idade Média, o universo e todos os seres e coisas nele existentes possuem origem a partir do jogo dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Nesta perspectiva, os compostos vegetais, animais e minerais – formados a partir dessa complexa interação –, detêm as mesmas qualidades: quente, seco, frio e úmido, encontradas nos seres humanos, nas estações do ano e no *cosmos*. Incorporados à teoria humoral galênica, em cada elemento predominava um par de qualidades (quente e seco ou frio e úmido), que determinava seu *temperamento*, e assim, suas propriedades fundamentais. Portanto, a identificação das drogas, a descrição de sua natureza e de seus efeitos no organismo nas proporções corretas são áreas centrais do conhecimento médico.

Desde os tempos mais remotos, muitos profissionais da saúde buscaram catalogar, classificar e enumerar em ordem alfabética, as substâncias de acordo com as suas virtudes e

⁹⁶A prática terapêutica na Idade Média se dava por vias medicamentosas ou regras dietéticas. O primeiro encarregava-se, através da liberação de suas qualidades no organismo, de restaurar o equilíbrio humoral, enquanto que os alimentos nutriam e revitalizava o corpo, dado que suas virtudes eram absorvidas pelo organismo.

⁹⁷Os métodos para se determinar as qualidades predominantes numa substância serão melhor abordadas no decorrer deste capítulo.

utilidades medicinais. Grande parte do conhecimento disponível ao medievo baseava-se, sobretudo, nos saberes antigos preservados em obras enciclopédicas, usadas como manuais indispensáveis aos médicos na arte da cura. Escritos como *De Materia Medica* de Dioscórides, *História Natural* de Plínio, o Velho, e um extenso tratado de Galeno sobre os *simples* denominado *De simplicium medicamentorum temperamentis et facultatibus* são apontados como os pilares do saber farmacológico, por fornecer informações relevantes referentes a origem, *habitat*, condições de cultivo, doenças que curavam, produtos aos quais estavam associados, substitutos, possíveis falsificações, bem como imagens ilustrativas de ervas e plantas a fim de se evitar a confusão com outras de aspecto parecido (Aguirre de Cárcer, 1999; Ausécache, 2006).

Apesar da influência expressiva dos antigos na ciência médica latina e árabe, estes últimos, não se acomodaram. Na verdade, foram eles os responsáveis por estimular o desenvolvimento da farmacopeia medieval através de suas contribuições inéditas. O território andaluz, tal como no Oriente, fora o berço de notáveis mestres; Mäsaryawayh. Hunayn b. Ishāq, Isaac Israeli, al-Rhazes, dentre outros nomes que ofereceram subsídios importantes para o aperfeiçoamento deste ramo da ciência médica (Aguirre de Cárcer, 1999). Não é à toa que Abulcasis tenha recorrido a alguns destes autores na compilação de seu trabalho cosmético, posto que em *Kitab*, inclui temas relativos aos diferentes tipos de medicamentos benéficos para cada parte do corpo, além da descrição dos ativos e como prepará-los adequadamente.⁹⁸

Inicialmente no Ocidente latino, a literatura farmacológica estava organizada nos *herbários*, escritos práticos que listavam inúmeras ervas e plantas empregadas na terapêutica e também nos antidotários. Sobre este último, convém citar o *Antidotarium Nicolai*, um livro de receitas para a fabricação de medicamentos à base de plantas e minerais, datado do final do século XI ou início do XII, que acredita-se tratar de uma compilação resultante do trabalho de respeitáveis médicos pertencentes à Escola de Salerno. A Escola de Medicina salernitana revelou-se ser um ambiente promissor para o desenvolvimento da farmacologia latina. Sob a égide do movimento de traduções de textos árabes para o latim, a maioria das obras farmacológicas insurgentes está intimamente ligada à instituição, das quais se pode mencionar o *Liber de Simplicibus Medicinis*, comumente conhecida como *Circa Instans* atribuída ao mestre Platearius, companheiro de Trotula de Salerno (González Hernando, 2014; Ausécache, 2006, p. 251-254; Monnier-Benoit, 2018, p. 103). Algumas outras compilações médicas contavam com seções específicas dedicadas aos fármacos, como o *Regimento de Saúde*

⁹⁸ Basicamente, em todos os tratados que compõe o *Kitab*, o médico andaluz expressa a *materia medica* benéfica para tratar determinada doença.

Salernitano.

Dada a importância da literatura farmacológica para a prática salutar, sob quais princípios se determinava as qualidades terapêuticas dos *simples* no medievo? Para uma melhor compreensão faz-se necessário recorrer a um outro mestre andaluz que bebeu diretamente na fonte dos autores médicos antigos. Segundo Avicena, com base nos ensinamentos de Galeno, o temperamento das drogas *simples* poderia ser determinado por intermédio da *experiência* e por dedução ou analogia. A respeito do primeiro método havia regras que deviam ser seguidas à risca: 1) a substância deve ser considerada individualmente, estando livre de qualquer alteração accidental⁹⁹; 2) o experimento deve ser baseado em uma única doença, para que se possa determinar com precisão suas propriedades e potências; 3) uma mesma droga deve ser experimentada no tratamento de doenças mistas, ou seja, em doenças opostas (quente e fria), a fim de verificar sua ação curativa; 4) o medicamento a ser utilizado experimentalmente deve ser proporcional à natureza da doença. Noutras palavras, a droga deve ser mais potente do que a enfermidade, do contrário é considerada inapta para tratá-la; 5) após a administração do medicamento, monitorar seu efeito no organismo, se acontecer rapidamente o efeito é natural, caso contrário é apenas accidental; 6) observar atentamente o processo para saber se a ação será a mesma em todos ou na maioria dos casos; 7) é importante que o experimento seja feito em um ser humano. Se a droga for experimentada no corpo de um animal, os efeitos podem ser demasiadamente diferentes, dada a constituição dessemelhante¹⁰⁰ (OCA, p. 28-30).

Outra forma de se testar os *simples* é por meio da dedução ou analogia. O método consiste em investigar se um medicamento exposto a condições adversas pode ser transformado com rapidez ou com dificuldade. De acordo com os princípios básicos da dedução ou analogia, tudo o que aquece mais rápido é considerado quente e tudo o que esfria mais cedo é chamado de frio, ainda que o agente (frio ou calor) seja o mesmo. Avicena explica que, “A razão é porque embora tenha aquecido temporariamente (tendo ficado sob a influência de algo quente), sua natureza inerente é a de ser frio. O mesmo se aplica a uma droga ou substância que esfria rapidamente.” (OCA, p. 31).

Além dessa concepção, o sabor, o odor e as cores poderiam fornecer informações valiosas para sua classificação. O sabor é mais importante do que a cor ou o odor, pois o gosto é sentido quando se está realmente em contato físico com a substância, e não apenas presente

⁹⁹A alteração accidental de que comenta Avicena pode ser provocada pelo calor ou frio; alguma transformação que tenha ocorrido no próprio medicamento, ou causada pela sua combinação com demais outros.

¹⁰⁰ Segundo o médico árabe, um medicamento pode ter uma propriedade em relação a um corpo e outra em relação a outro corpo. Por exemplo, o ruibarbo é muito frio para um cavalo, embora seja considerado quente para o corpo humano.

aos seus sentidos, como os outros dois (cor e odor). Desta forma, a farmacologia medieval classifica os gostos de acordo com nove tipos, sendo oito reais e o nono insípido. Se o sabor é acre¹⁰¹, cortante ou picante¹⁰² e azedo¹⁰³ indica que o temperamento predominante é frio. De modo similar, o gosto amargo¹⁰⁴, salgado¹⁰⁵ e pungente¹⁰⁶ sugere qualidades quentes. Caso apresente gosto gorduroso¹⁰⁷, doce¹⁰⁸ e insípido¹⁰⁹ indica um temperamento moderado. No que diz respeito ao cheiro, todos os odores que causam irritação ou tenham tendência adocicada são considerados quentes, enquanto os odores sentidos em substâncias ácidas, mofadas ou úmidas são frios¹¹⁰. As cores, ao contrário dos odores, apresentam um aspecto particular; cada cor poderia corresponder a uma das qualidades dos temperamentos, quente, frio, úmido ou seco. Aqueles elementos naturalmente brancos detinham qualidades frias, e por sua vez, aqueles que têm tendência às cores vermelha ou preta possuem qualidades quentes (OCA, p. 34-43). A analogia das cores pode ser observada principalmente nos corantes de Trotula, a briônia vermelha, por exemplo, foi frequentemente usada na fabricação de cosméticos cujo propósito era de se avermelhar a face, enquanto as abelhas – provavelmente considerando a cor do mel – empregues em preparações para se obter os fios dourados.

Após identificar as qualidades predominantes, deve-se considerar o seu *grau* de intensidade que se divide em quatro: fraco, sensível, médio e extremo. Essa expressão farmacológica servia para determinar a potência de uma droga, que se classificada como fria e seca, qual seria o seu grau de frieza e de secura? De acordo com Galeno de Pérgamo na obra *De simplicium medicamentorum temperamentis et facultatibus*, as substâncias frias em 1º grau (fracas) são aquelas obscuras aos sentidos, necessitando do uso da razão para identificá-las; aquelas em segundo grau (sensíveis) são perceptíveis aos sentidos; as frias, em terceiro grau (médio), referem-se àquelas que, quando experimentadas, esfriam com moderação; já no quarto grau (extremas), estão as frias a ponto de causar necrose quando expostas ao organismo. Condições análogas acontecem com as qualidades quente, seca e úmida. Diante deste complexo

¹⁰¹ Um sabor acre pode indicar adstringência quando manifestada de forma fraca, mas se forte tem o poder de aplicar pressão.

¹⁰² Um gosto amargo é indicativo de droga constipante, espessante, endurecedora e retentiva.

¹⁰³ As drogas azedas são desobstrutivas.

¹⁰⁴ Um sabor amargo indica que a droga será purificadora e endurecedora, além de tênues e desobstrutivas.

¹⁰⁵ Um gosto salgado indica que o medicamento é diluente, secante e resistente à putrefação.

¹⁰⁶ Um sabor pungente indica que a droga está se dissolvendo, dilacerando e apodrecendo.

¹⁰⁷ Um sabor gorduroso é indicativo que o medicamento estará amolecendo, deslizando e amadurecendo ligeiramente.

¹⁰⁸ O sabor doce indica que a droga é madura, suavizante e nutritiva.

¹⁰⁹ Um exemplo de substância insípida seria a água. Segundo Avicena, o paladar é uma sensação sentida imediatamente, não pode ser passivo, pois não existe gosto passivo.

¹¹⁰ Nesta categoria estão inseridos os perfumes, considerados quentes, e o mesmo se aplica a todas as especiarias aromáticas, salvo a cânfora, uma droga úmida, cujo aroma acalma a alma e a mente.

emaranhado, não bastava apenas encontrar um medicamento com qualidades opostas à da enfermidade, era imprescindível garantir que contivesse, por exemplo, o calor necessário para aquecer o organismo e curar doenças ocasionadas pelo frio (Vogt, 2008, p. 307).

Nos textos de cosmética estudados, os autores não se preocuparam em indicar diretamente o grau de frieza, aquecimento, secura e umidade das drogas em suas fórmulas, o que não implica que não tenham sido cuidadosos na seleção de substâncias. Diante disso, alguns aspectos merecem ser ressaltados. Numa prescrição pertinente ao tratamento de queimaduras de sol em DCMT e DOMT, Trotula procurou incluir apenas ingredientes com propriedades frias, como a cânfora, o lírio e as rosas. Pode-se, portanto, inferir que esses elementos possuem frieza suficiente a ponto de curar uma doença quente (queimaduras de sol), posto que a rosa e o lírio mesmo não sendo frios em quarto grau, os cremes feitos com eles têm um efeito refrescante na pele. De igual modo, a médica salernitana no texto de DCMT aconselha, num preparado destinado ao clareamento do rosto feito com raiz de bistorta, raiz de lírio e raiz de lírio-arum, deixa-lo repousar durante a noite e pela manhã adicionar água fresca de madressilva ou de rosas, pois este processo repetido por cinco dias permite “[...] reprimir [as ervas] propriedades duras para que não causem lesões no rosto.” (p. 139).

No capítulo quarto de seu trabalho, Abulcasis enumera os medicamentos suaves e potentes usados simples ou compostos no embelezamento do rosto. No que se refere aos suaves, prescreve do mundo vegetal, a amêndoa doce, semente e polpa de melão, goma arábica e goma de tragacanto, do mundo animal, excrementos de pássaros e leite, e do mundo mineral, o lápis-lazúli. Sabe-se que uma das razões pelas quais as amêndoas doces eram recomendadas pelos médicos, é por serem classificadas como quentes em primeiro grau e úmidas em primeiro grau, semelhantes à constituição humana (Scully, 2008, p. 137). Na categoria de medicamentos potentes estão inclusos vegetais como o lírio celeste, açafrão, urtiga, mirra vermelha, canela da China, o ruibarbo dentre outros; já os pertencentes ao reino animal encontram-se o sangue de coelho e o castóreo¹¹¹, além de minerais como o sal gema, bórax e o amoníaco. No decorrer do texto, também se utiliza da pimenta, considerada pelos físicos medievais fria ao toque, porém quente em quarto grau, enquanto o mástique é tido como quente em segundo grau. Noutro momento, para compor cosméticos destinados ao mau odor das axilas e zonas pudendas, informa que a mistura depois de pronta pode ser mesclada com madeira de aroma, cânfora ou almíscar “[...] dependendo do grau de suavidade e frescura desejado” (KATA, VIII-1, p. 82). Em suma, toda substância tem o poder de agir de uma forma ou de outra sobre os seres vivos,

¹¹¹ Refere-se a uma secreção oleosa glandular produzida pelo castor.

dependendo de suas propriedades inerentes e do grau em que se manifestam. Assim, podem provocar o aquecimento e resfriamento, secagem e umedecimento, bem como o amolecimento, apodrecimento, supuração, oxidação, cicatrização, descamação, efeito adstringente e tônico, e similares.

Considerando a importância dos *simples* no cuidado corporal, o quadro abaixo apresenta a matéria vegetal empregue por Abulcasis nas suas composições cosméticas.

Quadro 4 – A matéria vegetal árabe

ERVAS E PLANTAS		
Abrótano	Erva-de-Santo-Antônio	Mirra vermelha
Absinto	Ervilha-de-pombo	Mostarda
Absinto grego	Espicanardo	Murta
Acácia	Favas	Narciso
Açafrão	Feno-grego	Nardo
Acebuche (arbusto)	Freixo	Nardo Índico
Agrião	Funcho	Palmeira
Aipo	Gálbano	Pistache
Alcaçuz	Gengibre amargo	Plantago
Alcaparra (arbusto)	Gengibre da Índia	Poejo
Alfarroba	Goiveiro	Poejo da montanha
Alho poró	Heléboro	Polipódio (samambaia)
Alho-dos-campos	Hena	Pomelo
Anêmona	Hissopo	Psyllium
Aristolochia	Íris-amarela	Rabanete
Arroz	Jujuba-espinho-de cristo	Rami
Artemísia	Junco	Repolho
Árvore de Mostarda (<i>arāk</i>)	Junípero	Rosa vermelha
Aspargo	Lentisco	Rúcula
Avenca	Linho	Ruibarbo
Bdélío branco	Líquén	Rutabaga silvestre
Briônia branca	Lírio	Salgueiro
Briônia negra	Lírio-amarelo	Sândalo amarelo
Camomila	Madeira de aroma	Sândalo branco
Campeche	Malvaíscó	Sândalo vermelho
Cana	Maná de bambu (secreção cristalina)	Sésamo
Cardamomo	Manjerona	Sumagre
Cártamo	Meimendro branco	Tamargueira
Carvalhinha do mar	Meimendro negro	Tomilho
Cebola albarrã	Meliloto	Trevo alexandrino
Centauro	Menta	Verbasco
Cevada	Menta sativa	Videira
Ciclâmen	Mirobalano emblica	Violeta
Citronela	Mirra	Yero
Cravo	Mirra vermelha	
Cubeba		

AS PARTES APROVEITADAS DAS ERVAS E PLANTAS		
Raiz/Cascas	Folhas/Flores	Semente/Grãos/Condimentos/fruto
Raiz de Aspargo Raiz de Cana Raiz de Freixo Raiz de Jarro-dos-campos Raiz de Lírio celeste Raiz de Malvaíscio Raiz de Nardo Raiz de Rúcula Canela Canela da China Casca de Cidra Casca de Melão Casca de Nozes verdes Casca de Pinhão queimado Casca de Romã Zaranbad ¹¹²	Folhas de Acelga Folhas de Alcaparra Folhas de Alfarroba Folhas de Cidra Folhas de Ciprestes Folhas de Espinha de Cristo Folhas de Figueira Folhas de falso Pistacheiro Folhas de Lentisco Folhas de Lírio Folhas de Maça Folhas de Murta Folhas de Oliveira seca Folhas de Pêssego Folhas de Rosa Vermelha Folhas de Terebinto Folhas de Videira Folhas de Palmeira Folhas Salgueiro Ramos de Alfarroba Ramos de Lentisco Ramos de Oliveira Ramos de Palmeira Ramos de Tamargueira Flor de Nogueira Flor de Romã Flores de Junco Flores de Meimendro Rosa Violeta	Amêndoa amarga Amêndoa doce Amêndoa dourada Amoras frescas Azeitona Bagas de zimbro Bugalho Caroço de Tâmara Cereja descascada Ervilha preta Feijão Grão de ben ¹¹³ Grão de bico Grão de bico preto Grãos Grãos de Murta Lentilha Noz Noz de ciprestes Noz moscada Pistache Semente de Acelga Semente de Ápio Semente de Aspargo Semente de Ben Semente de Cavalinha Semente de Linho Semente de Marroio Semente de Marmelo Semente de Meimendro branco Semente de Melão Semente de Mirra Semente de Mostarda Semente de Pepino do mar Semente de Rabanete Semente de Repolho Semente de Rosas Sementes de Abóbora Tremoços

Fonte: KATA, p. 54-87.

De igual modo, o quadro 2 lista as substâncias vegetais utilizadas por Trotula de Salerno nas receitas de cosmética dos escritos latinos *De Curis Mulierum* e *De Ornatu Mulierum*.

¹¹² *Zingiber zeumbet rosc*, um tipo de gengibre.

¹¹³ Ao que parece refere-se ao fruto da moringa.

Quadro 5 – A matéria vegetal dos escritos latinos

MATÉRIA VEGETAL			
DE CURIS MULIERUM			
Ervas e plantas	Raiz/Casca	Folhas/ Flores	Semente/Grãos/ Condimentos/fruto
Alho de urso Balsamita Balsamita Bistorta Cravo Crisântemo Fumária Galanga Gengibre Íris Florentina Lírio Madressilva Meimendro Murta Nardo Pimpinela escarlate Plantago Rumex aquaticus	Canela Raiz de Bistorta Raiz de Briônia branca Raiz de Briônia vermelha Raiz de Lírio Raiz de Lírio de Arum Palha de Aveia	Folhas de mirtilo Rosas	Azeitona Carço de tâmara Conchas de noz Grãos Mirtilo Noz Pimenta do reino Tâmaras
MATÉRIA VEGETAL			
DE ORNATU MULIERUM			
Ervas e plantas			
Abrótano Absinto Açafraão oriental Agárico (cogumelo) Agreicho Agrião Agrimônia Aloe Aristolochia Bistorta Briônia branca Briônia vermelha Buxo Cana-do-reino Cebola-albarrã Celidônia Centauro	Cevada Ciclâmen Coloquintida Cominho Cravo Ébulo Ênula Erva marinha Erva-benta Erva-doce Ervilhaca Escrofulária Figueira Filipendula Galanga Gengibre Giesta	Hena Íris Florentina Junco Levístico Linhaça Lírio de Arum Louro Madeira de Alcaçuz Malva Meimendro Mostarda branca Mostarda selvagem Murta Pau – Brasil Pepino-de-São Gregório Pistache	Rabanete Repolho roxo Ruiva-dos-tintureiros <i>Rumex aquaticus L</i> Salgueiro Salsinha Sálvia Esclareia Sangue de dragão Saxifraga Verbasco Verbena Videira
Raiz/Casca		Folhas/Flores	Semente/Grãos/ Condimentos/fruto
Raiz de Agrimônia Raiz de Bistorta Raiz de Bryonia branca Raiz de Lírio Raiz Raiz de Celidônia Raiz de Ebulo Raiz de Junco	Canela Casca de noqueira Casca de Buxo Casca de Noz Casca de Olmo Casca de Romã Palha de Aveia Palha de Cevada	Flor de Giesta Flor de Murta Folhas de Louro Rosa Rosa Mosqueta Violeta	Amêndoas Bugalho Carço de Tâmara Grãos de rabanete Noz Noz moscada Semente de Saxifraga Tremoços amargos

Raiz de Salgueiro Raiz de Sálvia Raíz de Repolho Raiz de verbasco Raiz de verbena			
---	--	--	--

Fonte: DCMT, p. 117- 165; DCMT, p. 167-191.

Conforme as informações dispostas nos quadros 4 e 5, quanto ao uso de ervas e plantas na produção de cosméticos, os trabalhos analisados expõem uma disparidade considerável quando comparados entre si. No escrito árabe, foram identificadas mais de uma centena de substâncias oriundas do reino vegetal, enquanto que são ofertadas em torno de sessenta tipos diferentes em DOMT, e no DCMT apenas dezessete plantas. A discrepância maior reside no DCMT em relação à segunda obra de Trotula e a de Abulcasis, embora exista uma explicação plausível para isto. Diferentemente de KATA e DOMT, o DCMT não é um texto propriamente cosmético, inclusive disponibiliza poucas receitas sobre o assunto em suas páginas. Portanto, um mesmo elemento era frequentemente reaproveitado noutras produções. Um bom exemplo disso é o lírio, usado no tratamento de queimaduras solares e para compor cosméticos destinados ao clareamento da pele do rosto. Ao que parece, a médica salernitana não julgou necessário adicionar tantos outros *simples* ao seu *corpus* farmacológico.

A rica farmacopeia de Abulcasis e Trotula de Salerno inclui uma ampla variedade de espécies vegetais distribuídas entre ervas e plantas medicinais e aromáticas, arbustos, flores, árvores e madeiras aromáticas, além de elementos que poderiam ser encontrados na alimentação medieval, tais como: hortaliças (o rabanete, ruibarbo, rúcula e o repolho), cereais (arroz e a cevada), frutas (cerejas, melão e uvas), especiarias (gengibre, louro, cravo, canela etc.), nozes (noz moscada e amêndoas) e os grãos (grãos de bico, ervilha e feijão). Nesta categoria, também se destaca as gomas, resinas e mucilagens¹¹⁴, frequentemente manuseadas na fabricação de medicamentos compostos. A respeito das gomas são elencadas: a goma arábica, de hera, tragacanto, de terebinto e o mástique. Quanto às resinas, prescreve-se o estoraque, láudano, a sandáraca, o olíbano, gálbano e a cânfora. Em relação às mucilagens, particularidade das preparações de Abulcasis, percebe-se a de *psyllium*¹¹⁵, de favas frescas, de feno-grego, de semente de linhaça, de sementes de marmelo, de sementes de maro, e de raiz de malvaíscio.

Os quadros 4 e 5 demonstram as principais partes aproveitadas dos vegetais na produção de cosméticos. Por conseguinte, a cosmética se utiliza de raízes, cascas advindas de frutos/frutas e especiarias (como a canela, obtida a partir da casca de árvores do gênero *Cinnamomum*), bem

¹¹⁴ Trata-se de uma substância vegetal viscosa encontrada principalmente nas raízes e sementes das plantas.

¹¹⁵ O *psyllium* é uma fibra natural derivada da casca da semente do *Plantago*.

como de folhas e ramos, flores e sementes. Em alguns casos, os autores divergem quanto às partes benéficas para as preparações, porém isso depende, em tese, da finalidade dos produtos. Considerando os cuidados com os cabelos, Abulcasis no capítulo II de sua obra, acredita que a flor da romã deveria ser usada para este propósito, e sua casca auxiliaria no alisamento de cabelos enrolados. Apesar de concordarem sobre o uso da romã nos cuidados capilares, Trotula no capítulo II de DOMT, ressalta que a casca da romã é suficiente para tingir os fios, e não menciona nada sobre sua flor. Noutros casos, concordam de antemão que a raiz do lírio é uma das melhores substâncias para se zelar da face.

Além do lírio, demais elementos em comuns podem ser observados nos três textos, a citar a briônia branca e vermelha, o meimendro, e especialmente, as rosas. Já outros *simples* parecem desconhecidos aos autores; o andaluz faz uso extensivo das cascas, sementes e polpa do melão, enquanto que Trotula não faz menção à fruta. Nos textos latinos, a galanga – uma planta medicinal de origem oriental –, é aproveitada diversas vezes pela *Sapiens Matrona*, mas Abulcasis não a cita uma única vez.

Por seu turno, inúmeros medicamentos *simples* são feitos a partir do uso destas partes, e incorporados às preparações cosméticas. Sendo assim, é verificado nos escritos latinos e no árabe a produção de óleos¹¹⁶, de sucos (de casca de noz, de bolota, de acelga, de alho-poró, de cruz de malta, de íris- florentina, de pimpinela escarlata, de sempre-viva, de ciclâmen, de briônia vermelha e branca, de bistorta, de lírio-arum, de centauro, de absinto, de agreicho, de rabanete, de erva moura, de espinho-do-deserto, de meimendro verde); de vinagres (de uva verde, de vinho) e, por fim, de vinhos (vinho doce, de passas, de lírio, de manjerição, de mel e vinho aromático).

Grande parte da matéria cosmética era composta por ervas e plantas, o que implica a necessidade de fácil acesso a esses elementos. Durante a Alta Idade Média, os *simples* foram cultivados nos jardins e herbários dos mosteiros e abadias locais.¹¹⁷ Posteriormente, em paralelo ao desenvolvimento da medicina, estes espaços popularizaram-se nos centros urbanos, adentrando o interior dos *Estudos Gerais e Hospitais*, bem como as *Officine Vegetali*, lugares informais onde os boticários e alquimistas cultivavam ervas e plantas e fabricavam medicamentos e cosméticos (Monnier-Benoit, 2018, p. 102-103; González Hernando, 2014).

¹¹⁶ A respeito da fabricação de óleos ver o item 3.2.

¹¹⁷ De acordo com a pesquisadora Gaelle Monnier Benoit, os jardins de ervas surgiram ligados ao fenômeno monástico, derivado diretamente do *ora et labora* de São Bento (480-547), que previa que os monges deveriam realizar tanto o trabalho intelectual quanto o manual. Assim, a horta do mosteiro era composta por diversas partes: o pomar (com legumes), o viridário (com árvores de fruto), o jardim do claustro (para meditação) e a ervanária (com plantas aromáticas e medicinais).

A cidade palatina de *Madînat al-Zahra* contava com inúmeras boticas ou *farmácias* privadas, geralmente situadas nos bairros próximos ao comércio, e eventualmente, junto a algum consultório médico. Nestes moldes, parece ter existido nos aposentados palacianos uma *farmácia* particular fundada pelo califa Omíada al-Hakam II, considerada o primeiro núcleo de boticários em al-Andalus, com profissionais capacitados responsáveis não somente pela saúde dos indivíduos que pertenciam à corte, mas também atendia, quando necessário, algum público externo¹¹⁸ (Álvarez de Morales, 1991, p. 1095). Dada a riqueza e precisão do conhecimento farmacológico de Abulcasis, acredita-se que o médico possa ter tido acesso a este local, pois a sua imagem é constantemente associada à vida salutar da corte Omíada de Córdoba, apesar de não existir quaisquer evidências que confirmem este fato. Ainda que não possuísse ligações diretas com o palácio, o médico árabe é tido como um mestre de enorme prestígio e de poder aquisitivo equivalente à sua fama, logo, pôde ter contato com a *matéria medica* sem nenhuma dificuldade aparente.

Este cenário não fora diferente na cidade portuária de Salerno. Os *simples* vegetais eram recolhidos nos *Orti dei Semplici*, denominação dada aos locais destinados ao cultivo de drogas medicinais a fim de se confirmar seus efeitos terapêuticos. Nesta premissa, destaca-se o *Giardino della Minerva*, um jardim localizado no centro antigo de Salerno, numa zona chamada *Plaium montis*, que servia de *Hortus Sanitatis* para os estudantes da Escola de Medicina de Salerno (*Giardino della Minerva*, 2016; Pinho, 2016, p. 29-30).

O *jardim de Minerva* abrigava inúmeras espécies de ervas e plantas nativas ou importadas de outras regiões, dentre as quais se pode citar a agrimônia, aristolochia, aspargos, ciclâmen, cominho, fumaria, íris branca, malvaíscos, murta, plantago, rosas, ruiva-dos-tintureiros, sálvia, sempre-viva, verbasco, verbena e violetas. Ao observar atentamente estas plantas mencionadas em conjunto com as informações contidas no quadro 2, é possível verificar que alguns dos vegetais cultivados no jardim salernitano correspondem à quase toda a farmacopeia descrita por Trotula nos textos latinos. Como membro da *Schola*, Trotula provavelmente teve pleno acesso à matéria médica cultivada nas redondezas, uma vez que, é documentado que os mestres de Salerno costumavam recomendar que se desse prioridade ao uso dos simples comuns encontrados em campos, bosques e prados, ao invés dos produtos importados, por serem mais baratos e eficazes (Ausécache, 2006, p. 252).

Neste cenário, em seu trabalho sobre o uso de substâncias na preparação de cosméticos, Avicena indica caminhos e tece conselhos acerca da coleta de vegetais, a fim de se conservar

¹¹⁸ Acredita-se que havia no mínimo doze assistentes à disposição dos médicos da corte Omíada.

intactas as propriedades terapêuticas. Segundo o mestre árabe, é necessário que as drogas a serem usadas estejam frescas, e que tenham atingido seu peso máximo. Aquelas coletadas em florestas e locais expostos aos raios solares tendem a ser mais benéficas que as de locais sombreados, úmidos ou mesmo nas estações chuvosas (OCA, p.59-60). Em determinado momento, afirma que as ervas que crescem na natureza são mais fortes do que as cultivadas nos jardins e hortas. Por isso, na farmacologia medieval, era comum a tentativa de recriar condições favoráveis ao cultivo de plantas, pois facilitava a aquisição de substâncias que só poderiam ser encontradas nas florestas, bosques e colinas ou obtidas através do comércio.

Além da matéria vegetal, outro importante reino fornecia substâncias necessárias para a composição de cosméticos, o animal. Havia alguns princípios gerais que um praticante deveria conhecer em relação às drogas animais, visto que elas devem ser selecionadas entre os animais jovens apanhados preferencialmente na primavera, com seus corpos completos e com todos os órgãos intactos. Logo, animais que tenham morrido de alguma doença não devem ser considerados (OCA, p. 61). Neste sentido, o quadro abaixo demonstra toda a matéria animal utilizada por Abulcasis e Trotula de Salerno em suas respectivas obras.

Quadro 6 – Matéria animal e seus derivados

MATÉRIA ANIMAL E DERIVADOS		
DE CURIS MULIERUM	DE ORNATU MULIERUM	KITAB
Clara de ovo Gordura animal Gordura de porco Mel Osso de choco (lula) Ovos Sanguessugas	Abelha Almíscar Clara de ovo Esterco de pomba Gordura de porco Gordura de urso Lagarto verde Leite de cabra Sebo de cabra Marfim Meula do boi ou da vaca, Mel branco Mel desnatado Osso de choco (lula) Ovos Pés de caranguejo	Alción ¹¹⁹ Almíscar Castóreo Caracol queimado Carne de carneiro Cal de concha Cal de alción Carne de galinha Carne de pato Cascos de cabras Cérebro de carneiro Cérebro de cervo Coral queimado Coelho do mar ¹²⁰ Chifre de cervo Escorpião Estrela do mar Excremento de pássaro Esterco de bode Excremento de mosca Excremento de rato Fígado de cabra fresco

¹¹⁹ Uma espécie de ave. Na antiguidade, esteve presente na mitologia grega da qual se dizia fazer o ninho sobre o mar calmo, e que era considerada portadora de felizes presságios.

¹²⁰ Trata-se do molusco *Jorunna Parva*, cuja aparência lembra as orelhas de um coelho.

		Gemas de ovo Gordura de bezerro Gordura de burro Gordura de cabra Gordura de raposa Gordura de víboras Leite Leite de burra Leite de vaca Manteiga de urso Medula de pata de vaca Medula de perna de vaca Moscas Ossos de animais mortos Ossos de peixes Ovo de formiga Rabo de peixe Sangue de coelho Sangue de tartaruga Secreção do castor Ouriço-do-mar Urso
--	--	---

Fonte: KATA, p. 54-87.

De acordo com os escritos, as drogas animais de Abulcasis e Trotula podem ser classificadas em quatro grupos: os que caminham ou rastejam na terra, os que habitam nos mares, lagos ou rios, as aves e os insetos. No primeiro grupo, estão inclusos o porco, a vaca, bezerros, cabra, carneiro, bode, cervo, urso, rato, lagarto, raposa, coelho, escorpião, as víboras, e etc. Entretanto, a maioria mencionada pertence à farmacopeia de Abulcasis. De todos os animais listados, os três textos têm apenas um em comum; a gordura de porco. Com relação ao DOMT, o escrito árabe partilha, além do porco, a cabra, o urso e a vaca. O segundo grupo é composto pelo choco¹²¹, tartarugas, corais, estrela-do-mar, coelho do mar, ouriço do mar e caranguejos, geralmente encontrados nos mares, bem como peixes e sanguessugas comuns aos lagos e rios. Nenhum dos animais presentes nesta categoria foi registrado em todos os documentos, exceto o choco que aparece somente nos textos Trotula. O *corpus* animal árabe parece favorecer animais marinhos de difícil acesso, como estrelas do mar, ouriços-do-mar e coelhos-do-mar, usados em cosméticos depilatórios. O terceiro grupo, referente às aves, inclui a galinha, pombas, patos, o alción e outros pássaros não especificados por Abulcasis. O DCMT não faz uso direto das aves, embora use a clara de ovo, presumivelmente obtida da galinha.

Por fim, no último grupo, estão inseridos os insetos aproveitados nas receitas relacionadas aos cabelos e depilação. A abelha é citada em DOMT como medicamento *simples* essencial para se alcançar cabelos dourados, e as moscas, mencionadas pelo andaluz, são usadas

¹²¹ Uma espécie de lula.

em composições cosméticas destinadas ao crescimento capilar e combate à queda. É perceptível nos dois textos o uso dos ovos de formiga para impedir o crescimento dos pelos. Lê-se assim em DOMT “A fim de remover permanentemente os pelos. Pegue ovos de formiga, ouro-pigmento vermelho e goma de hera, misture com vinagre e esfregue as áreas.” (II, p. 175). De modo similar, escreve Abulcasis “Receita de um remédio que destrói e debilita o pelo. Pegue ovo de formiga, semente de meimendro, plantago, alume e ópio e se aplica com vinagre após a depilação. [...]” (KATA, II-36, p. 66). No que concerne ao conteúdo e estrutura, as receitas apresentam semelhanças irrefutáveis, talvez devido à forte influência das práticas mulçumanas no cotidiano das mulheres salernitanas, apesar de que, a receita de Trotula aparenta ser uma adaptação da prescrição árabe, conservando apenas os ovos de formiga e o vinagre. Abulcasis recomenda que se use após a depilação, enquanto que Trotula aconselha que se empregue como depilatório. Novamente, DCMT não lista nenhum animal pertencente a esta categoria.

Tal como os vegetais, nem todas as partes dos animais eram utilizadas na cosmética medieval. Nas palavras de Abulcasis, “Entre os medicamentos simples, temos, entre outros: a gordura de todos os animais do ar, da terra e da água; o sangue de todos os animais; a medula dos ossos [...]” (KATA, VII, p. 80-81). A gordura era uma das substâncias-bases das preparações compostas, devido às suas propriedades emolientes que facilitavam a adesão de elementos. Desta forma, são aproveitadas nas fórmulas cosméticas de ambos os documentos: a de porco, urso, bezerro, burro, cabra e víbora. O sangue é outro ativo importante na cosmética de Abulcasis. Na medicina medieval, considerava-se como *matéria* vital aos seres vivos, originado no coração, estava responsável pelo transporte de nutrientes aos órgãos, o que pode explicar o seu uso na produção de medicamentos. De acordo com as receitas, o sangue de tartaruga mesclado ao óleo, alcíon e semente de meimendro constituía-se num eficaz e potente depilatório, ao passo que, o de coelho, é considerado detentor de qualidades quentes e excelente para o tratamento de quaisquer doenças de pele. Segundo Avicena (OCA, p. 67), estava entre os medicamentos simples poderosos nos cuidados com o rosto. Ademais, outras partes são referidas neste mesmo texto: a carne (de caneiro, galinha e pato), o cérebro (de carneiro e de cervo), a medula (de pata de vaca e de perna de vaca), os chifres (de cervos), o fígado fresco (de cabra) e os cascos (de cabras). Destas partes, Trotula partilha o uso da medula (de boi ou de vaca), mas ao contrário de Abulcasis, ignora as outras, atendo-se somente a farmacopeia animal básica (gorduras, ossos e medula), reflexo da prática médica descomplicada da Escola de Salerno.

Além disso, também é observado o uso de ossos e excrementos de animais. Em relação ao primeiro, os escritos latinos mencionam apenas os ossos de choco, porém com propósitos

diferentes; no DCMT serve para tratar as sardas, enquanto que em DOMT, é usado no tratamento de queda capilar, sarna intensa no rosto, para atenuar as espessuras dos lábios e no clareamento facial. Em compensação, o texto árabe cita os ossos de qualquer animal morto ou de peixes como sendo fundamentais no combate às marcas de varíola e cancro. De maneira equivalente, as excrecências animais são constantemente aproveitadas nos produtos de beleza na Idade Média. O médico andaluz combina vários outros *simples* ao excremento de mosca para deter a queda capilar; o de rato para compor cosméticos destinados ao crescimento de pelos nas sobrancelhas e barba; e o de pássaro como medicamento *simples* basilar na correção de manchas e sardas do rosto. No caso de Trotula, a médica assegura no DOMT o esterco de pomba como elemento essencial no clareamento facial, enquanto que em DCMT nada do tipo é mencionado.

Grande parte das fórmulas analisadas possuem entre os ingredientes principais, produtos derivados de animais, tais como leite, clara e gema de ovo, mel e demais secreções aromáticas: o almíscar, obtido de uma espécie de cervo, e o castóreo. Segundo a classificação geral de Abulcasis, o leite é tido como um medicamento suave, enquanto que o castóreo é considerado potente. Cabe ressaltar que, em pormenor, os autores também utilizaram substâncias humanas no preparo de cosméticos. Na obra árabe, o leite de mulher é mencionado três vezes no decorrer do texto, e se associa às receitas dedicadas à coloração dos cabelos, remoção de manchas e embelezamento do rosto. No caso das obras latinas, a urina de criança é citada uma única vez no DOMT, como ingrediente eficaz no combate aos abscessos faciais. Entretanto, DCMT não partilha destas concepções.

Ao lado da matéria vegetal e animal, o último reino que compõe a farmacopeia cosmética de Abulcasis e Trotula de Salerno é o mineral. Neste grupo, estão inclusos a água, os metais, as rochas, os gases, argilas, as pedras (comuns e preciosas) e etc. De tal modo, estes elementos são conhecidos pela humanidade desde a pré-história, assim, suas aplicações permeiam diversas áreas do saber, tais como: a mineralogia, medicina e farmácia, astronomia e astrologia, magia e a cosmética, sendo frequentemente usados na fabricação de ferramentas de trabalho, armas, no artesanato, na metalurgia, cerâmica, na produção de corantes e acessórios. Na verdade, na Idade Média, o conhecimento da *matéria* mineral estava contido nos *lapidários*, uma espécie de livro – semelhante aos tratados dos *simples* vegetais – rico em informações sobre as características, virtudes e demais usos de vários destes ativos (Rabelo, 2019, p. 43-44).

Conforme o pensamento medieval, como as plantas e os animais, as substâncias minerais também detinham qualidades inerentes e determináveis, embora alguns fossem considerados prejudiciais à saúde se manuseados incorretamente, como a *cerusa* que poderia causar lesões gravíssimas na pele quando usada em longo prazo, ou o mercúrio e o arsênio que

agem silenciosamente no corpo. Em relação à seleção e aplicação na farmacologia, o físico Avicena afirma que os exemplos livres de adulteração são os melhores para as preparações medicamentosas, principalmente aqueles extraídos de minas conhecidas¹²², além de ser fundamental que a peça mantenha sua cor e sabor característicos passíveis de identificação (OCA, p. 60). Sendo assim, o quadro três relata os minerais envolvidos diretamente com as produções cosméticas.

Quadro 7 – Matéria mineral das fontes

MATÉRIA MINERAL		
<i>KITĀB AL-TAŞRĪF</i>	<i>DE CURIS MULIERUM</i>	<i>DE ORNATU MULIERUM</i>
Alume	Alume	Alume
Alume iemenita	Tartarum (Bitartarato)	<i>Tartarum</i> (Bitartarato)
Amônia	Bórax	Bórax
Antimônio	Cerusa	Bolo armênico
Atutia de cobre	Pedra-pomes	Cal viva
Arsênio	Sal	<i>Cerusa</i>
Bórax		Colofônia
Bolo armênico		Cristais
Cadmia		Enxofre natural
Cadmia de chumbo		Litargírio
Cal viva		Pó de Mármore
Cerusa		Mercúrio
Chumbo queimado		Natrão branco
Cobre		Óleo de bitartarato
Cobre queimado		Ouro-pigmento
Enxofre		Ouro-pigmento vermelho
Estibina		Pedra-pomes
Lápis-lazúli		Sal
Litargírio		Sal-gema
Natrão		
Pedra-pomes		
Sal-gema		
Sal índico		
Verdete		
Vitriolo ¹²³		
Raspaduras de prata		

Fonte: KATA, p. 54-87; DCMT, p. 117- 165; DOMT, p. 167-191.

No geral, com base nas informações acima, nota-se uma quantidade significativa de minerais na composição de cosméticos. Ademais, uma comparação entre os trabalhos demonstra a superioridade das indicações de Abulcasis, totalizando vinte e sete contra dezenove de Trotula em DOMT, e apenas seis indicações da médica no DCMT. Apesar da desvantagem numérica do último texto, com exceção do *tartarum* que consta em DOMT, os cinco elementos restantes compõem o *corpus* mineral dos outros dois documentos. Nestas condições, são

¹²² Avicena cita o vitríolo verde advindo das minas de Chipre e o vitríolo de Kerman.

¹²³ Basicamente ácido sulfúrico.

comuns aos três textos o alume, o bórax, a *cerusa*, a pedra-pomes e o sal. Neste sentido, por apresentar uma cosmética simplificada em relação à KATA e DOMT, pode-se sugerir que estes ativos formavam a base da farmacopeia mineral, e consequentemente, os mais aproveitados na farmacologia medieval.

O alume, por exemplo, é mencionado noutras produções textuais circulantes na Idade Média, ao citar o *Regimento de Saúde Salernitano* e a obra cosmética de Avicena, mas seus usos medicinais remontam à Antiguidade. Dioscórides no Livro V de sua enciclopédia médica relata que poderia ser encontrado nas minas de metais do Egito, em Melos, na Macedônia, nas Ilhas Lipari (na Itália), na Sardenha, em Hierápolis da Frígia, na Líbia e na Armênia. Componente indispensável na prática salutar antiga, possuía virtudes caloríficas, estípticas e purificadoras, que quando combinadas a outros *simples* servia para tratar queimaduras de sol, mau odor nas axilas e virilhas (DMMD, V, p.218). Do mesmo modo, o bispo Isidoro de Sevilha no capítulo XVI intitulado *De lapidibus et metallis* de *Etimologias*, completa que o mineral é classificado como uma substância da terra, produzida durante o inverno a partir da água e da lama e amadurecida pelo sol do verão (EIS, XVI-II:2, p. 317-318). Avicena, por sua vez, observa que o alume usado com água de colofônia é benéfico no tratamento de piolhos, halitose e mau cheiro nas axilas (OCA, p. 63).

As fontes analisadas não se distanciam dessas premissas. No documento árabe, o alume é citado quinze vezes e se relaciona às seguintes finalidades; escurecimento dos cabelos (4); impedir o crescimento dos pelos (1); limpar as impurezas e excrecências do rosto (1); limpar, polir e branquear os dentes (1); contra o excesso de suor, mau odor das axilas e partes pudendas (3); fortalecer os peitos das mulheres, melhorar a frigidez e facilitar a penetração em mulheres virgens (5). Por outro lado, em todo o texto de DCMT, é citado uma única vez, na receita referente ao afrouxamento dos dentes das mulheres pelo frio. Neste caso, a médica vale-se da *teoria dos contrários*, ao prescrever um mineral, dotado de qualidade quente para curar o desconforto causado pela frieza. Como contraponto, o alume é mencionado cinco vezes nas prescrições de DOMT, e seus usos se assemelham, ainda que em menor medida, às do escrito árabe; para coloração dos cabelos (dourados e negros) (2); para compor um *cerotum* e cor composta destinados aos cuidados e embelezamento da face (2); e para que uma mulher corrompida possa ser considerada virgem novamente (1). Desta forma, suas aplicações na cosmética parecem ser amplas.

De maneira equivalente, o sal, produzido espontaneamente de diferentes formas e em diferentes lugares, inclusive a partir da água do mar ou falésias evaporadas pelo sol, segundo Isidoro de Sevilha, possui múltiplas virtudes, dentre as quais, adstringência, purificantes e ação

resolutiva, razão pela qual é muito útil de acordo com Dioscórides (EIS, XVI- II:2, p. 318; DMMD, V, p. 220). Diante disso, o sal foi aproveitado por Trotula e Abulcasis no clareamento de dentes pretos, tintas e fortificantes para os cabelos, em preparações para tratar ácaros (piolhos), e refinar a pele do rosto. Já a pedra-pomes (*pumex*) que se solidificou devido à densidade da espuma, detém qualidades secas e um grau de resfriamento elevado, além de ser adstringente (EIS, XVI -III:7, p. 319; DMMD, V, p. 219). Por isso, fora utilizada especialmente como dentifrício branqueador. O bórax era capaz de tratar cicatrizes devido suas características purificantes, adstringentes, aquecedoras, suavemente corrosivas e pouco cortantes, aparece nas prescrições de Abulcasis como um medicamento *simples* potente para cuidados relacionados à face: manchas e marcas de lepra, na fabricação de pastas dentais clareadoras nos textos de Trotula e em demais preocupações com a tez. Avicena comenta que melhora a aparência da tez, contudo, alerta que o uso desmedido causa o escurecimento da pele (OCA, p. 67). O mesmo se aplica a *cerusa*, que compunha a maior parte das receitas para o embranquecimento facial.

Outros elementos minerais destacam-se na obra de Abulcasis e Trotula de Salerno, tais como a cal viva, litargírio, natrão, cobre, prata, ouro-pigmento e o chumbo. Todos associados às preocupações relativas aos cabelos, face, dentes e o mau cheiro do corpo. Também são citadas pedras como os cristais e o lápis-lazúli, argilas benéficas como o bolo armênico e alguns derivados minerais produzidos, como a cadmia.

3.2 Os *simples*, as especiarias e os cosméticos

O conjunto das prescrições cosméticas dos três escritos revelam que, além das espécies de plantas, animais e minerais locais, os autores recorreram aos produtos e especiarias¹²⁴ importadas do Oriente para o Ocidente por vias marítimas. Os comerciantes envolvidos, nesta atividade, estavam interessados em mercadorias leves e de elevado valor, cuja comercialização poderia gerar grandes lucros, uma vez que estes ativos serviam a benefícios múltiplos; eram empregues na cozinha, na medicina, perfumaria, cosmética, tinturaria e áreas afins (Monnier-Benoit, 2018, p. 103). Ambos os autores em exame, nos respectivos capítulos e receitas destinadas a perfumar o hálito, denunciam o consumo em larga escala de especiarias nos territórios da Andaluzia e de Salerno. A *sapiens matrona* menciona a canela, cravo, nardo, matique, olíbano, grãos, absinto, tâmaras e azeitonas, enquanto o médico e cirurgião árabe

¹²⁴Por especiarias entende-se uma multiplicidade de objetos de vários tipos e origens: condimentos, ervas e plantas, corantes, cera, coral, óleo, mel e até alguns metais. Portanto, bastava que um produto proviesse do Oriente para ser classificado como especiaria.

recomenda:

O almíscar, a madeira de aroma, o cravo, o *sukk*¹²⁵, canela da China, caule de cravo, a noz moscada, erva-doce, cubeba, o cardamomo pequeno e o cardamomo grande. Se empregam todos estes medicamentos simples ou compostos” (KATA, V, p. 76).

Em relação à produção de cosméticos, são verificados nos textos os seguintes elementos: a canela, açafão oriental, cravo, aloé, galanga, noz-moscada, gengibre, manjerona, sandárac, estoraque, o sândalo, almíscar, âmbar, olíbano, mirra, cânfora, bugalho damasceno, óleo de jasmim da Arábia, óleo de *transporte*¹²⁶, alume Iemenita, nardo Índico, absinto grego, argila (ou terra) da Armênia, breu da Gália, sabão francês e outros mais. Estes elementos possuíam origens diversas e testemunham, sobretudo, o envolvimento ativo das Penínsulas Ibérica e Itálica no comércio externo medieval. No geral, alguns provêm de regiões da Índia, China, do Médio e Extremo Oriente, da África, de países banhados pelo Oceano Índico, da Pérsia e da Ásia Central e bacia mediterrânica (Balard, 2017). Contudo, de que maneira estes produtos adentravam o território Ibérico e Itálico?

Um dos caminhos consistia nas rotas marítimas orientais que atravessavam o oceano Índico em direção à Península Ibérica. Os navios, que partiam das cidades do Oriente, não avançavam diretamente para os portos comerciais ocidentais, pois havia sistemas de paradas estratégicas para abastecê-los com novos produtos. Um bom exemplo disso, são as paradas que os mercadores muçulmanos realizavam nas famosas Ilhas de Sumatra e de Java (na atual Indonésia), e lá recolhiam produtos como a cânfora, o aloé indiano, o sândalo, o cravo, entre outros. Também existiam as rotas náuticas pelo mediterrâneo, mas os conflitos com os cristãos nas terras peninsulares dificultavam a navegação por estas águas. Apesar disso, os produtos chegavam ao mar Mediterrâneo e ao Al-Andaluz por vias terrestres, através da rota Iraque-Síria-Palestina ou Núbia-Alto Egito-Delta do Nilo. Uma vez adentrado o território, os mercadores percorriam inúmeras rotas para comercializar suas iguarias em cidades importantes como Almeria, Córdoba, Granada. No caso da Península Itálica, desde o século XI, as atividades mercantis das cidades italianas, em especial Gênova e Veneza, dominaram o espaço mediterrânico. Tendo o poder marítimo como principal elemento na acumulação de riquezas, as cidades de Gaeta, Nápoles, Salerno e Messina, Crotone, Cofone, Chio, uma ilha no Chipre, Pera a norte, Rodes e Famagusta ao sul, eram pontos de paragens indispensáveis nas rotas para a Romênia, o Próximo Oriente e o Egito etc (Calvé, 2022, p. 15-16).

¹²⁵ Conhecida no Ocidente por Lentilha d'água.

¹²⁶ Chamado assim, pois era importado de regiões como a Síria e a Palestina.

Diante deste cenário, Salerno esteve plenamente envolvida no mercado de drogas e ervas, considerado um dos centros de distribuição e intercâmbio mais visíveis entre o Oriente e o Ocidente. Sabe-se que neste período, Salerno mantinha estreitas relações comerciais com os povos árabe, habitantes da Sicília. Especiarias, resinas, minerais e outros itens de matéria médica estão incluídos entre os produtos comercializados (Green, 2001). Isto teria permitido às mulheres salernitanas acesso a ingredientes específicos usados nas preparações árabes para compor formulações destinadas, por exemplo, ao tingimento dos fios, como a romã uma fruta nativa do Mediterrâneo oriental, e assim reproduzí-las facilmente. Ademais, as mercadorias que adentravam a penínsulas Ibérica e Itálica, eram distribuídas nas feiras e nos principais portos latinos, incluindo Gênova e Veneza, e em Marcella e Aigues Mortes, em torno de Montpellier, na França (Green, 2001; Monnier-Benoit, 2018, p. 102)

Após o século XI, devido ao aumento da comercialização, representantes do poder dos reinos e das mais importantes cidades portuárias adotaram medidas em relação às substâncias obtidas através de importações ou cultivadas localmente. Os ativos usados nas produções cosméticas passam a ser regulados pelas leis que regiam o comércio das especiarias e remédios. As autoridades locais buscavam controlar ou limitar o fácil acesso a elementos que, se dosados ou prescritos incorretamente, poderiam ser perigosos para aqueles sem os conhecimentos e habilidades necessárias ¹²⁷ (Monnier-Benoit, 2018).

Os custos e os inúmeros percalços acometidos aos navios na travessia dos mares, associada à raridade dos produtos importados, tornava-os bastante caros, e geralmente seu consumo se restringia aos mais abastados. Na ausência de determinados elementos usados nos cuidados com a saúde, os boticários, médicos e demais praticantes aconselhavam sua substituição por outros que detivessem propriedades semelhantes ou equivalentes, ou simplesmente adaptavam as receitas usando ativos de fácil acesso. Na maioria das vezes, isso dependeria do público a que se dedicavam os tratados. Na seção sobre como alisar os cabelos cacheados, Abulcasis fornece informações valiosas de como se dava na prática a substituição de substâncias.

Lave regularmente a cabeça com mucilagem de raiz de malvaíscio ou mucilagem de psyllium, mucilagem de feno-grego ou mucilagem de semente de linhaça. Tem as mesmas propriedades: folhas de sésamo, clara de ovo, cocção de cevada, mucilagem de sementes de marmelo e mucilagem de

¹²⁷ O Imperador do Sacro Império Romano-Germânico Frederico II, o responsável por regulamentar a prática médica em Salerno e na Universidade de Nápoles, estabeleceu no século XII, a *Constituição de Melfi* ou o Édito de Melfi, e na parte designada ao comércio, regula e estabelece preços e um quadro legal para a venda de medicamentos. Posteriormente, estas leis foram aplicadas em demais reinos e pelos governos das cidades portuárias.

sementes de maro, simples e compostos (KATA, II-29, p. 63).

Nos escritos da *sapiens matrona* isso é feito de forma mais tímida, Trotula não se demora nas explicações, apenas apresenta outros elementos que poderiam ser empregados em seu lugar. Dito posto, em DOMT aconselha numa determinada receita destinada ao clareamento do rosto, que “[...] pela manhã deixe-a lavar-se vigorosamente com migalhas de pão, ou com pó feito de feijão, ou com farinha de tremoços. E se ela não pode ter isso, deixe-a simplesmente se lavar bem.” (III, p. 179-181). De maneira similar em DCMT afirma que os cosméticos para o tratamento de sardas poderiam ser misturados à água de rosas ou à água de farelo ou migalhas de pão.

3.3 Os *compositas* cosméticos

A medicina, bem como a farmacologia e a cosmética medieval acreditavam que a combinação de dois ou mais elementos oriundos dos reinos vegetal, animal e mineral, selecionados a partir de suas propriedades naturais, garantiriam o sucesso do tratamento. Tal concepção, herdada de antigas teorias médicas, foi intensamente estudada e propagada na Escola Médica de Salerno, onde um dos seus principais professores o mestre *Platearius*, explica de forma clara e concisa no prefácio de seu trabalho *Circa Instans*, a importância dos medicamentos compostos para a terapêutica.

Há vários casos para os quais os medicamentos compostos foram inventados, casos em que os medicamentos simples não eram suficientes, a saber: a violência da doença, o mal-estar do paciente e a falta de cura. Há doenças que são tão fortes e enraizadas que nunca podem ser curadas por remédios simples, como a epilepsia e a lepra, para as quais os remédios simples tinham de ser misturados para aumentar suas virtudes (*Circa Instans*, apud: Ausécache, 2006, p. 252-253).

Nessa perspectiva, embora as virtudes da matéria médica fossem cumulativas, os ativos não eram escolhidos aleatoriamente. Aplicava-se também às preparações compostas, a *regra dos graus*, sendo necessário saber quais substâncias e quais qualidades mesclar entre si e em que condições (Ausécache, 2006). A associação dos elementos corretos resultaria numa droga balanceada e poderosa capaz de restabelecer o equilíbrio corporal interno ou, no caso dos cosméticos, provocar alterações externas propositais, como por exemplo, as tintas usadas para se modificar a cor dos cabelos¹²⁸. A ausência de certo rigor comprometeria a integridade do

¹²⁸ Sobre este assunto, Abulcasis no capítulo quarto de sua obra, aconselha um creme potente a fim de se eliminar as marcas do rosto. A receita diz assim: “Pegue 5 dirhemes¹²⁸ de amêndoas descascadas; 2,5 dirhemes de semente

paciente, ao se tornar veneno.

Por sua vez, os *compositas* possuem diferentes tipos e formatos dependendo da combinação de drogas, da sua finalidade e do local de aplicação. Os mais comuns na medicina medieval eram as pomadas, unguentos, emplastos, pastilhas, pílulas, compressas ou supositórios, antídotos, xaropes, eletuários, e demais outros. O *Regimento de Saúde de Salerno* caracteriza alguns desses medicamentos citados;

Se chama **emplastro** qualquer preparação consistente
 Usamos uma embrocção quando borrifamos os membros com um líquido.
 Com panos úmidos só faz a promoção
Sinapismo é a aplicação externa de pó exclusivamente.
 Toda decocção amarga é chamada de **xarope**
 Existe um encantamento quando a parte doente é colocada nas ervas
 Se coletar a fumaça, chama-se **fumigação**
 A cessação é obtida com um saco cheio de suco.
 Apenas o cozimento de sucos é chamado de **epítima**
 Mas você faz um **cataplasma** quando coloca suco e ervas
 Como dizem em árabe, uma poção é chamada de **xarope**
 O **eletuário** leva o nome das ervas escolhidas.
 O pó moído é obtido das ervas secas.
 Mas você deve dizer que o **antídoto** é composto por mais ervas
 Os **opioides** devem receber o nome de ópio (RSSA, p. 259-261).

Os *medicamentos compostos* previamente preparados costumavam ser adicionados às elaborações cosméticas. No trabalho de Abulcasis, percebe-se a utilização de um medicamento denominado *ramich* (*ramik*) feito de bugalho, passas de uvas, mirabolano emblica e óleo de oliva, além de xaropes à base de bugalhos ou de amoras frescas, que como mencionado no trecho do *Regimento de Saúde salernitano*, trata-se de um medicamento de origem árabe, sem correspondentes nos escritos latinos de Trotula. Semelhantemente, a médica de Salerno cita em DOMT o *unguentum álbum*¹²⁹ e o *populeon* para sedar queimaduras por depilatórios, e a *dialtea*¹³⁰ no auxílio à remoção de pelos. Todos estes medicamentos compõem a farmacologia médica latina, possuindo um elevado grau de dificuldade de reprodução devido às incontáveis substâncias usadas na sua produção. Algo parecido acontece em DCMT, em que a fumigação

de rabanete, semente de urtiga, costo e aristolochia longa; 3 dirhemes de bórax; e 1,5 dirhemes de pimenta”. No início da seção, o médico ressalta que substâncias como a aristolochia, a urtiga, o costo, o bórax e a pimenta são mais potentes em relação a amêndoa, que é mais suave. Neste caso, ocorre uma espécie de balanceamento, já que a medida empregue para a amêndoa (5 dirhemes) é maior que a das substâncias potentes, mesmo que estes últimos estejam em superioridade numérica. Tudo dependeria do grau de potência e suavidade das drogas. Apesar disso, ele enfatiza que o propósito da preparação é ser mais forte que as outras prescritas anteriormente.

¹²⁹ O *unguentum álbum* ou unguento branco, trata-se de um composto de consistência pastosa produzido mesclando cerusa, litargírio, olíbano e mástique ao óleo.

¹³⁰ *Dialtea* ou *Unguentum dialtea malasticon et calausticon*., é assim chamado assim em função de ser feito a partir da raiz do malvaíscio (*altea*), *malasticon* porque amolece e *calausticon* porque produz calor.

aparece como solução para se,

[...] extrair o verme das mãos e dos pés, isto é a coceira [...], pegue uma telha aquecida e qualquer tipo de recipiente cheio de água, e depois deixe o meimendro ser colocado sobre a telha em chamas. E deixe o paciente segurar os pés acima da fumaça, e você verá os vermes caindo na água igual cabelos (DCMT, p. 155).

Portanto, a cosmética de Abulcasis e Trotula é constituída majoritariamente pelos *compositas*. Assim, são identificados os unguentos ou pomadas, cremes, gel, máscaras, limpadores, sabão, óleos, tintas, depilatórios, dentifrícios, pílulas e pastilhas. Contudo, pretende-se abordar cada um desses produtos individualmente nos tópicos a seguir, buscando compreender os aspectos sincrônicos e diacrônicos da cosmética andaluza e salernitana na Idade Média.

3.3.1 *Limpadores, sabão e as tintas*

Tendo em vista as formulações estudadas, os respectivos preparados envolvem, quase que exclusivamente, os cuidados com os cabelos. Assim, faz-se necessário começar pelos cosméticos de higiene (sabão e limpadores), para depois atentar-se àqueles destinados à beleza (tintas). Por *limpadores* e sabão, entendem-se os produtos responsáveis pela remoção da sujidade de determinadas partes da superfície corpórea, que associados aos banhos, compunham a rotina higiênica das mulheres árabes e salernitanas. No documento árabe, o sabão surge como um cosmético indispensável à etapa de higienização dos cabelos, além de contar com múltiplas funções intrínsecas; perfumar, endurecer, dar volume aos fios e fortalecer sua raiz. A princípio, os *limpadores* parecem se tratar de compostos similares em forma e finalidade ao sabão árabe, exclusivos ao texto DOMT. Todavia, em DCMT é dito brevemente que uma pomada para queimaduras solares também servia como um *limpador* facial.

Neste sentido, pode-se inferir que havia uma distinção entre os cosméticos de higiene salernitanos, e isto, necessariamente dependeria da parte do corpo em que eram aplicados. No DOMT, onde é possível realizar uma investigação detalhada, a distinção torna-se mais aparente. Quando Trotula refere-se à limpeza dos fios aconselha de pronto a produção de *limpadores*, à medida que indica o uso de sabão com água morna como meio de purificar as excrecências do rosto. Ao longo do texto, chega a mencionar outro tipo de sabão, o francês, embora não explique do que é feito nem a maneira de prepará-lo. Apesar da escassez de informação, Abulcasis é capaz de sanar algumas dúvidas em relação à produção de sabão na Idade Média, porém tais

produtos pouco diferem dos *limpadores* salernitanos:

Pegue 2 onças de anémona, láudano, funcho, cravo, noz-moscada, junça, casca de tinteiro, árvore de Maria (ciclâmen) e folhas de oliveira silvestre; 3 onças de casca de noz aromática húmida ou seca e de noz de cipreste; e 1,5 onças de dentelaria índica e bálsamo emblica. Tudo é triturado e peneirado; depois são tomados 20 dirhems dele juntamente com 30 meticais de malvaíscos e 10 meticais da sua gordura, amassados e aplicados na cabeça (KATA, I-25, p. 68).

[...]. Pegue as cinzas da videira queimada, a palha dos nós da cevada e a madeira de alcaçuz (para que brilhe mais forte) e ciclâmen; ferva a palha e o ciclâmen em água. Com a palha, as cinzas e o ciclâmen, encha-se uma vasilha que tenha no fundo duas ou três pequenas aberturas. Derramar na panela a água em que o ciclâmen e a palha foram previamente cozinhados, de modo a que seja esticada pelas pequenas aberturas. Com este produto de limpeza, a mulher lava a cabeça (DOMT, II, p. 169-171).

As preparações partilham o uso do ciclâmen, que na obra árabe corresponde à árvore de Maria, e, sobretudo, prescrevem a transformação da matéria vegetal em pó, que mescladas à gordura vegetal do malvaíscos no caso de Abulcasis, e a água por sugestão de Trotula, dava forma ao sabão e aos *limpadores*.¹³¹ No decorrer das receitas, cada autor procurou explicitar os cuidados a serem tomados após a aplicação dos cosméticos. Se por um lado, o médico andaluz ressalta que o sabão deve ser retirado “[...] com água na qual foi fervido um pouco de *mirobálano* emblica, cascas de noz húmidas ou murta, e deve ser aplicado um pouco de óleo, se necessário, como o óleo de flor de parede.” (KATA, I-25, p. 68). Por outro, Trotula, atesta que “[...]. Após a lavagem, deixe-o secar sozinho, e o seu cabelo ficará dourado e brilhante” (DOMT, II, p. 169-171).

Ademais, esses agentes de limpeza poderiam ser feitos com inúmeras substâncias distintas. As fórmulas dos sabões andaluzes continham sal, açúcar e malvaíscos misturado a qualquer um dos óleos, seja o de rosa, de *transporte* ou sésamo. Também eram fabricados com folhas de murta, de maçã, de salsa, de rosas vermelhas e de cipreste, flor de romã, sumagre, *mirobálano* emblica e bugalho, todos mesclados a um medicamento composto denominado *ramich*. Algo semelhante ocorre no texto latino DOMT que, receita mais três variações do cosmético limpador, dentre os quais, alguns se originam das cinzas de aveia ou videira, outros da combinação de cinzas de repolhos e palha de cevada, ou ainda, da mesclagem de talos e

¹³¹ Diferente dos produtos de Trotula e Abulcasis, Teresa Criado Vega (2011, p. 884) comenta que especificamente o sabão poderia ser encontrado na sua forma sólida, como aponta outros tratados de beleza castelhanos do século XV. Geralmente os preparados destinados à lavagem da cabeça, tinham seus ingredientes triturados separadamente, depois incorporados às misturas e expostos ao sol até endurecerem. Quando secos, são feitos pequenos bolos com as mãos umedecidas em *lixívia*, e deixados secar novamente ao sol.

raízes de repolho, aparas de buxo ou marfim pulverizados. Independentemente da forma como eram produzidos, ao final da atividade higiênica, as mulheres continuavam normalmente os cuidados desejados, que incluem o adorno dos fios valendo-se de acessórios diversos e substâncias aromáticas ou o uso de tintas.

Em termos de uso, as tintas representam uma das maiores expressões da cosmética medieval nas culturas árabe e latina. Do ponto de vista cosmético, tais produtos resultado da combinação de múltiplos elementos advindos dos três reinos da natureza; vegetal, mineral e animal, variavam entre composições mais simples ou complexas. No que tange às elaborações mais simples, convém sublinhar que isto não quer dizer, em hipótese alguma, que fossem facilmente reproduzíveis, mas sim que envolviam, em grande parte dos casos, um número reduzido de ingredientes e um método de preparo menos elaborado.

Sob essa premissa, interessado apenas no escurecimento dos fios frente aos cabelos grisalhos, o médico andaluz assinala que “Primeiramente se tinge o cabelo com hena e então se lava. Depois se tinge com hena amassada em vinagre e lava-se novamente com água e depois com *yero*. O resultado é bom” (KATA, I-8, p. 56). Na receita seguinte, assegura que a tinta produzida nestas condições: “Se tritura trigo com murta verde, se mescla com óleo e se aplica” (I-9, p.56), é *estupendo* e tem eficácia comprovada. Trotula compartilha tais características em seus escritos, quando destaca em DOMT que “Se a mulher deseja ter os cabelos longos e pretos, pegue um lagarto verde, e tirando-lhe a cabeça e o rabo, cozinhe-o em óleo comum. Unte a cabeça com este óleo.” (II, p. 171). A mistura de pó de galanga com o suco de uma noz fervida surtia efeito semelhante. Já para aquelas mulheres que almejassem a cabeleira dourada, indica que se “[...] cozinhe borras de vinho branco com mel até a consistência de um *cerotum* e unte o cabelo [...]”. (II, p. 173). A agrimônia da terra mesclada ao leite de cabra tinha a mesma finalidade (II, p. 173).

Por outro lado, as formulações mais complexas exigiam uma maior quantidade de elementos e um tempo de preparo delongado que podia durar dias ou meses. As receitas abaixo revelam alguns destes aspectos fomentados; a primeira, de autoria árabe versa sobre a composição de tinta para se enegrecer os cabelos, à medida que, a segunda visa torná-los dourados, aspecto sobressaliente nas mulheres salernitanas.

Pegue 1 porção de óleo de sésamo e leve ao fogo para ferver, depois acrescente aos poucos a quantidade de anêmona que ele aceitar, e sempre que derreter e dissolver acrescente outra fatia até atingir consistência. Deixa-se ferver muito bem até que o óleo adote mais ou menos a textura original e, a seguir, é colocado em um recipiente de chumbo e enterrado em esterco por quarenta dias, trocando-o e substituindo-o a cada cinco dias. Em seguida,

pegue a casca de noz verde, deixe em local úmido até escurecer, esprema o óleo misturado com a anêmona e leve ao fogo. Em seguida, adicione casca de noz vômica¹³² da mesma forma que fez com a anêmona, uma fatia após a outra. Se espreme, se reserva, e aromatiza com âmbar e almíscar e aplica ao se pentear (KATA, I-12, p. 56).

Em seguida, coloque um corante feito de açafão oriental, sangue de dragão e hena (cuja maior parte foi misturada com uma decocção de pau-brasil), e assim deixe a mulher permanecer por três dias, e no quarto dia lave-a com água quente e nunca [essa coloração] será removida facilmente (DOMT, II, p. 171-173).

Pelas passagens, pode-se notar o nível de complexidade das formulações expressas de maneira distinta em cada uma. Na prescrição árabe, a complexidade habita no método de preparo do cosmético, que leva cerca de quarenta dias para ser concluído. Em contrapartida, no texto latino tal aspecto aparece no modo de uso. Trotula salienta que a tinta deve permanecer na cabeça por três dias ininterruptos. A respeito dos ingredientes, ao contrário do médico andaluz, ela elenca elementos conhecidos por suas propriedades corantes desde a antiguidade, ao citar a hena e o açafão. Contudo, o diferencial do andaluz reside na incorporação de substâncias aromáticas (âmbar e o almíscar), a fim de tornar a experiência menos desagradável às mulheres, ao passo que Trotula se mostra pouco interessada neste fato, preocupando-se apenas com os bons resultados.

Independente da escolha da tinta, numa dada passagem de DOMT, a médica afirma que, “Primeiro o cabelo é preparado da maneira acima mencionada para que esteja pronto para a coloração [...]” (DOMT, II, p. 173). Este trecho faz referência a um procedimento realizado nos cabelos dias antes da aplicação de tinturas de forma a facilitar sua adesão aos fios. O processo ocorria com o auxílio de um cosmético fabricado com casca de noz, casca da árvore de noz, alume e bugalho, “[...] e com essas coisas misturadas você untará a cabeça (depois de lavá-la), colocando sobre os cabelos folhas e amarrando-as com barbantes por dois dias; você poderá colorir [o cabelo]” (DOMT, II, p. 171-173). Nada relacionado à preparação dos fios foi identificado no documento de Abulcasis, muito menos em DCMT, que nem chega a discutir a temática.

Por último, através da análise das prescrições, percebe-se uma questão no mínimo interessante acerca da influência e da adaptação de receitas conforme a região e a disponibilidade de acesso a determinados produtos. Surge no quadro cosmético de ambos os autores uma receita com fortes semelhanças entre si:

¹³² Uma semente da família das *loganiáceas*, muito venenosa, porém em medidas adequadas era empregada na medicina como emética e febrífuga.

Receita de tinta que escurece o cabelo: pegue uma colocíntida amarela, escava a cabeça e tira sua polpa; depois preencher com óleo de jasmim da Arabia, que recebeu o nome de “a pasta”, tampe e leve ao fogo até ferver. Em seguida, é retirado do fogo, reservado e aplicado nos cabelos (KATA, I-4, p. 55).

Se, de fato, deseja ter cabelos grossos e pretos, pegue colocíntida e, tendo jogado fora o interior, deixe-o ser preenchido com óleo de louro ao qual foram adicionadas sementes de meimendro e um pouco de ouro-pigmento. E deixe o cabelo ser ungido com isso frequentemente (DOMT, II, p. 171).

As passagens selecionadas abrem margem para a interpretação de alguns pontos importantes: 1) a cosmética de Trotula recebe influências significativas das práticas árabes, e ela mesma declara noutros momentos, que a autoria de certos preparados pertence às mulheres sarracenas; 2) se levar em consideração o lapso temporal de mais ou menos dois séculos entre os escritos, não há indícios relevantes que comprovem que a obra árabe tenha sido traduzida em Salerno ou em suas proximidades¹³³. Logo, supõe-se que a semelhança das receitas se deve e, ao mesmo tempo reflete, o quanto estas práticas foram replicadas no cotidiano medieval e inseridas na tradição oral e escrita de ambas as culturas, devido, talvez, a sua eficácia; e por fim 3) a adaptação da matéria utilizada para a composição de tintura conforme a realidade de Salerno. Ao invés do óleo de jasmim da Arábia, Trotula prescreve o de louro difundido nas preparações médicas e comum à região mediterrânica, além do uso das sementes de meimendro e ouro-pigmento. Contudo, conserva a mesma base, o escopo da colocíntida.

3.3.2 Óleos e depilatórios

Esta seção inclui dois produtos basilares para se cuidar da superfície corpórea na Idade Média: os óleos e depilatórios. No que diz respeito ao primeiro, de acordo com a obra *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, “O *oleum* é uma substância pura, misturada com mais nada.” (EIS, IV-XII:6, p. 115), que está intimamente associada aos costumes, saúde, beleza e também aos rituais litúrgicos de povos judeus, cristãos e não-cristãos desde a Antiguidade (Paxton, 1992, p. 93).¹³⁴ Na cosmética medieval, é considerado uma das composições mais versáteis por possuir aplicação em diferentes áreas como a depilação, rosto, cabelos e etc. Eram comumente elaborados a partir de um único elemento ou combinando múltiplos *simples* visando formar

¹³³ A primeira tradução da obra árabe teria sido feita por Gerardo de Cremona no século XII.

¹³⁴ Na Antiguidade, era de costume a queima de óleos aromáticos, incenso e perfume para os deuses. De maneira semelhante, as comunidades cristãs mediterrânicas desenvolveram modos de resposta à presença de doenças, e uma delas previa a unção com óleo.

uma preparação composta.

Conforme informações obtidas pela análise das fontes, o óleo extraído de vegetais foi o mais aproveitado na cosmética, sendo frequentemente empregues: o de oliva, sésamo, murta, rosa almiscarada, nardo, de *transporte*, goiveiro, rosas e violetas. De todos mencionados, o de rosas foi sem dúvida o mais aconselhado. Seu uso está associado ao tratamento de queimaduras, composição de pomadas e cremes para clareamento facial e outras preocupações acerca do rosto e cabelos. Embora fosse útil à cosmética, nenhum dos autores predispôs-se a escrever sobre seu preparo, talvez, por se tratar de um saber milenar, dispensasse maiores comentários. Em compensação, Trotula através de DOMT ensina como preparar um *oleum* mineral de *tártaro*, excelente para problemas faciais, além de fissuras labiais e cuidados com as mãos, como assegura nas páginas de DCMT.

O óleo de *tártaro* é feito assim. Pegue o *tártaro* e [quebre-o] em pedacinhos, embrulhe-o em um novo pedaço [de pano] e mergulhe-o em vinagre forte para que fique bem encharcado, e depois deixe-o ser colocado no fogo até virar carvão. Depois coloque-o sobre uma tigela de ferro e misture-o entre os dedos com óleo. E assim, durante três ou quatro noites, deixe-o exposto ao ar, e deixe-o ficar num local inclinado para que o óleo possa escorrer. Depois de coletar esse óleo em uma jarra, deixe a mulher untar o rosto [...] (DCMT, III, p. 177).

A fabricação deste óleo mineral envolve inúmeras etapas (trituração, lavagem, queima e mistura) que deveriam ser seguidas à risca para se obter um bom produto. Após o processo de fabricação, a recomendação por parte da médica salernitana é que “[...] se ela tem vergonha de untar o rosto durante o dia, deixe-a untá-lo à noite, e de manhã deixe-a lavá-lo com água morna na qual se dissolvem resíduos gordurosos de amido para amolecê-lo” (DCMT, III, p. 177). Por sinal, o trecho acima é a única menção à preparação de óleo nos textos latinos. Nada do tipo – acerca de compostos oleosos minerais – é observado no trabalho de Abulcasis, que por sua vez, ateu-se à produção de óleos visando à proteção dos cabelos e a depilação corporal. Em referência aos cabelos, tais produtos “[...] o fortalecem, dá volume e o embelezam; além disso evita seu debilitamento e sua queda, e melhora seu cheiro. É assombroso [...]” (KATA, II-12, p. 60). Nesta perspectiva,

Pegue 1 onça de folhas de cipreste, flor de romã, murta seca, poejo da montanha seco, folhas secas de maçã, folhas de salgueiro, de folhas de oliveira e folhas de acelga; e ½ onça de absinto, avenca, malvaíscio, zedoária, cardamomo e zimbro. Misture tudo, cozinhe em 7 libras de água e 3 libras de óleo de sésamo aromático em fogo baixo, até que o óleo atinja a textura e consistência de remédio e a água tenha sido consumida; Em seguida, é reservado, deixado esfriar até ficar morno, coado em um recipiente de vidro e

aplicado regularmente no cabelo. Certamente isso o embeleza e protege (KATA, II-12, p. 60).

Ademais, cita outro exemplo de óleo capilar feito com a mesclagem de folhas de murta verde, de terebinto, poejo da montanha, azeitonas secas, salgueiro, bugalhos, sumagre, flor de romã, e nardo índico, nas mesmas condições ordenadas acima. Ainda, preceitua uma receita do médico árabe Rhazes que promete fortalecer os fios se usados com frequência, à base de plantas e especiarias.

Além de ser um agente importante nos cuidados com os cabelos femininos, também servia aos propósitos de remoção dos pelos corporais, por isso figura entre os produtos depilatórios árabes. Sendo assim, um óleo depilatório era confeccionado dispondo-se de carbonato de sódio, cal viva e arsênio mesclados à água e óleo, postos pra cozinhar até que a água desaparecesse e o óleo permanecesse, e “[...]. Depois ponha-o de lado e utilize durante o banho, untando-se com ele. Seja persistente no tratamento até que o cabelo desapareça” (KATA, II.33-5, p. 65). Tal composição contrasta diretamente com aquelas de mesma finalidade na forma de pastas contidas em DOMT, apesar de que, a maioria dos depilatórios analisados nas fontes (KATA e DOMT) está sob este formato. Sobre a composição de pastas depilatórias;

Pegue o suco das folhas do Pepino-de-São-Gregório e leite de amêndoa; com estes colocados em uma vasilha, misture delicadamente a cal viva e o ouro-pigmento. Em seguida, [adicione] gálbano triturado misturado com uma pequena quantidade de vinho por um dia e uma noite, e cozinhe com isso. Depois de bem cozido, deve-se retirar a substância do gálbano e colocar um pouco de óleo ou vinho e mercúrio. Feita a decocção, deve-se retirá-la do fogo e adicionar um pó das seguintes ervas. Pegue uma quantidade igual de mástique, olíbano, canela, noz-moscada [e] cravo (DOMT, I, p. 169).

Receita de uma potente pasta depilatória: Pegue 100 dirhemes de arsênio e 200 dirhemes de cal sem apagar. Se tritura, peneira e coloque em um recipiente até ficar com consistência de malvaíscos ou mais fino. Então coloque em uma chaleira de cristal, e leve ao fogo até ferver e engrossar; depois reserve e deixe descansar; e quando descansar, coe a água apagada de antes, coloque em uma garrafa e use. Também pode pegar essa água, adicionar a mesma quantidade de óleo de rosas, colocar no fogo até que a água se extinga e reste o óleo, e depois ungir-se com ela durante o banho, se Deus Altíssimo quiser (KATA, II-33:5, p. 65).

À primeira vista, os cosméticos depilatórios salernitanos não se mostram muito diferentes das composições andaluzas. No geral, as pastas de Trotula implicam a retirada dos pelos corporais, faciais e pubianos. No trabalho árabe, estes produtos podem ser encontrados em dois momentos; a primeira menção ocorre no capítulo II e trata da remoção de pelos de um

modo geral, embora não especifique as partes, presume-se que poderia ser aplicado em qualquer lugar do corpo; já a segunda, é feita no capítulo VIII e concentra-se na região das axilas. Sobre este último, bastava polvilhar no local uma mistura de farinha de ervilha negra amassada com vinagre, ou para resultados definitivos, um depilatório à base de sandáracas e suco de meimendo verde.

No medievo, é comum que esse tipo de preparado contenha mais elementos minerais do que vegetais. No trecho latino e árabe selecionados, observa-se o emprego da cal virgem, ouro-pigmento, mercúrio e arsênio. A combinação entre substâncias minerais daria forma a cosméticos potentes, podendo causar escoriações e queimaduras na pele. Trotula adverte que se “Tenha cuidado, no entanto, que não seja cozido demais e que não fique muito tempo na pele, porque causa calor intenso. [...]” (DOMT, I, p. 167). Como medida preventiva aconselha testar antes de aplicá-lo. Mas caso aconteça, indica uma pomada para sedar o local. Abulcasis age de maneira semelhante quando prescreve um remédio benéfico para quem “[...] teme que a pasta depilatória queime, misture a clara e a gema de um ovo cru e adicione um pouco de óleo de rosas ou azeite; bata tudo muito bem e depois aplique” (KATA, II-37, p. 66). Além disso, os cosméticos usados na depilação exalavam odores desagradáveis. A fim de neutralizá-los, adicionavam-se às preparações especiarias aromáticas. No texto de DOMT, verifica-se o mástique, olíbano, canela, noz-moscada e o cravo, enquanto que KATA apregoa que se use quaisquer um desses elementos; folhas de pêssego, açafraão, hena, rosa triturada com mel, junça triturada com sândalo ou almíscar.

3.3.3 Unguentos ou pomadas, cremes, gel e máscaras

A documentação distingue unguentos ou pomadas, cremes, máscaras e gel, disponíveis nas respectivas seções de cuidados com o rosto, e por ventura, naquelas dedicadas às mãos. Acerca dos unguentos, são itens conhecidos dos Antigos, constituindo-se em um dos principais medicamentos compostos pertencentes à farmacologia médica, utilizados, sobretudo, para tratar doenças ocasionadas na superfície da pele, embalsamar cadáveres e perfumar os corpos (Vega, 2011, p. 883). O bispo Isidoro de Sevilha caracteriza-os como “[...] qualquer coisa feita de óleo comum e enriquecida com uma mistura de outros ingredientes, assumindo um aroma agradável e produzindo odor por algum tempo” (EIS, IV-XII: 6, p. 115). Na Idade Média, seu uso estende-se ao campo da cosmética, sob a denominação de pomadas.

As pomadas poderiam apresentar diversas variações. As mais comuns empregavam o óleo, gordura animal, cera, mel, e às vezes, águas perfumadas. Na maioria dos casos, requeriam

o cozimento dos elementos. Com base nos conhecimentos farmacológicos modernos, estas substâncias atuavam como emulsificantes, pois facilitam a incorporação da matéria e conferem consistência às pomadas. Nas obras salernitanas, tais produtos distinguem-se entre àqueles destinados a tratar problemas faciais, ou para cuidados e manutenção da beleza. Um bom exemplo de problemas que afetavam a aparência feminina são as queimaduras solares. À vista disso, surge na literatura latina de Trotula uma receita que, salvo algumas modificações, garante o seu tratamento. O DCMT aponta que a pomada é uma formulação original das mulheres salernitanas, porém em DOMT esta notícia é suprimida. No entanto, em ambas as receitas, o cosmético servia para reduzir o inchaço facial causado pelo choro de mulheres enlutadas, contra pústulas de leprosos, fissuras labiais e escoriações na pele. Em virtude disso, no DCMT ela se apresenta nestes moldes:

[...]. Tome uma onça de raiz de lírio, duas onças de cerusa, mástique e olíbano - cada um com meio dracma -, um dracma de cânfora, uma onça de gordura animal e água de rosas, conforme necessário. Prepare-o da seguinte forma: a raiz do lírio, depois de limpa, deve ser cozida em água e, depois de extraída, deve ser bem moída. E despejamos a gordura, que foi liquefeita no fogo e bem coada e limpa de seu sal para dissolvê-la. Em seguida, colocamos o chumbo branco, que foi dissolvido na água de rosas e um pouco pulverizado. [...] Assim, com esse unguento, a paciente deveria ungir-se à noite em frente ao fogo, de modo que, pela manhã, pudesse se preservar, durante o dia, das condições mencionadas acima, ou seja, das queimaduras solares, das feridas, das pústulas e de coisas desse tipo, causada pelo ar ou pelo calor do sol. Essa [pomada] levanta a pele e a colore lindamente. Pela manhã, não precisa ser removido do rosto com lavagens ou por qualquer outro meio, porque não prejudica a cor, seja qual for a maneira como é espalhado ou colocado (DCMT, p. 135).

De modo similar, no DOMT a receita está disposta assim:

Contra queimaduras solares. Pegue raízes de lírio domesticado, limpo e cozido em água; bata vigorosamente. Em seguida, pegue uma onça de pó de mástique e olíbano, dois escrúpulos de cânfora e cerusa, gordura de porco com a qual deve ser preparado, e deixe-o ser preparado da mesma forma com água de rosas, e guarde-o para uso [posterior]. É preparado assim. Limpamos a raiz do lírio e a cozinhamos com água. Após o cozimento, batemos vigorosamente e despejamos a gordura liquefeita no fogo, limpa de sal e misturada. Em seguida, colocamos o pó mencionado acima em água de rosas. [...] À noite a mulher deve ungir-se diante do fogo, para que pela manhã fique livre de todas as aflições acima mencionadas. Isso eleva a pele e embeleza a manhã, seja com lavagens ou com uma bela aparência (DOMT, III, p. 183).

A princípio, as duas passagens constituem-se em excelentes exemplos de pomadas cosméticas. No geral, pode-se inferir que a receita de DCMT foi reestruturada para compor o *corpus* cosmético de DOMT. Possivelmente, não por Trotula, mas por copistas posteriores que

replicaram suas obras incontáveis vezes. A médica de Salerno conserva os mesmos ingredientes, apenas especifica melhor alguns e altera as medidas de outros: a gordura em DOMT deve ser a de porco ao invés de qualquer gordura animal, como dito em DCMT; as medidas aparecem em onças e dracmas no texto de DOMT, enquanto que em DCMT, alguns elementos são medidos usando *escrúpulos*. O modo de preparo permanece o mesmo, assim como a administração.

No que se refere às pomadas para os cuidados com a aparência, em DCMT os unguentos feitos à base de plantago e lírio, são benéficos no tratamento de fissuras labiais, porém não registra como prepará-los. Já na seção relativa ao rosto, ensina como manipular pomadas clareadoras. Portanto, as receitas a seguir descrevem a produção desse tipo de cosmético nos textos latinos.

Uma pomada para clarear o rosto:

Pegue duas onças da melhor *cerusa* e deixe-as moer; depois disso, peneire-os em um pano, e o que ficar no pano, jogue-se fora. Misture-o com água da chuva e deixe-o cozinhar até que a água seja consumida, que poderá ser reconhecido quando a veremos quase completamente seca. Então deixe esfriar. E quando estiver seco e resfriado, adicione água de rosas e ferva-o novamente até que fique duro e espesso, [...]. (DCMT, p. 163).

Para clarear o rosto:

[...] pegue suco de ciclâmen, briônia vermelha e branca, bistorta lírio arum, juntamente com mel desnatado. Misture esses pós e coloque o suco de cada [substância] na quantidade de um ovo de ganso ou meio. Em seguida, pegue um pouco de chumbo branco limpo ao sol com água e adicione água de rosas aquecida às coisas mencionadas acima, e deixe ferver um pouco em fogo lento e, depois de meio fervido, adicione gengibre em pó, olíbano, mostarda branca ou selvagem e cominho em quantidades iguais. [Misture] tudo isso com cera e mel, e quando ela for para a cama, deixe-a untar vigorosamente o rosto com este unguento, primeiro enxugando o rosto com o vapor que sai de uma panela cheia de água morna. E pela manhã lave-se vigorosamente com farelo de pão, ou com pó de feijão ou com farinha de tremço. E se ela não puder ter isso, deixe-a simplesmente lavar-se bem (DOMT, III, p. 179-181).

Os trechos selecionados apresentam diferentes tipos e formas de preparo dos unguentos faciais; a pomada clareadora de DCMT é feita com apenas um ingrediente (a *cerusa*) mesclado à água da chuva; enquanto que a de DOMT incorpora os elementos com auxílio da cera e mel. Noutro momento, Trotula indica uma pomada que refina a pele do rosto resultado de uma combinação potente do mel e gordura de porco fresca (DOMT, III, p. 181). Abulcasis, no entanto, não se interessa por esse tipo específico de pomada. Há então, uma outra variação do cosmético. Trata-se de pomadas que não necessitam de cozimento, mesmo contendo em sua composição, óleos,

cera, mel e gordura animal.

Nesta perspectiva, Abulcasis procura solucionar a aspereza do rosto a partir da mesclagem de cera, gordura de cabra, cérebro de veado, litargírio, gemas de ovos, e mirra. A preparação envolve diluir “[...] a cera e a gordura com óleo de rosa, o cérebro [de veado] é adicionado e misturado com o resto dos remédios; em seguida, as gemas são adicionadas e aplica-se no rosto; depois é lavado com água quente” (KATA, IV-28, p. 74). De maneira similar, Trotula dedica-se à produção de uma pomada com a qual a mulher pode ungir seu rosto a qualquer momento do dia: “Pegue cristais, verniz, rosa mosqueta, bórax, goma tragacanto e cânfora com um pouco de *cerusa*. Pulverize-os com amêndoas e deixe misturar com gordura de galinha” (DOMT, II, p. 179).

O andaluz, por sua vez, estende suas preocupações às mãos. Logo, surge em suas páginas uma receita de pomada para “hidratar as mãos ásperas e rudes das jovens, e para as rugosidades da pele” (VII-1, p.81), feita assim:

Pegue 1 libra de carne de carneiro, limpa de veias e preparada conforme descrito no tratado sobre a combustão de remédios, e coloque no morteiro; em seguida, adicione a mesma quantidade de óleo de lírio, se possível, e óleo de sésamo ou óleo de oliva sem acidez, e 3 onças de raiz de malvaíscos triturado e peneirado. Amasse tudo no almofariz até ficar com textura de nata, e acrescente óleo, se necessário, até que a pomada fique com consistência uniforme (KATA, VII-1, p.81).

Observa-se que os emulsificantes utilizados são óleo de lírio, óleo de gergelim e azeite de oliva, incorporados à mistura sem o uso de calor. Além disso, os princípios ativos são adicionados gradativamente para garantir a uniformidade. O modo de uso consiste em aplicar o produto nas mãos e nos braços, cobrir com panos e deixar agir durante a noite e pela manhã, retirar com água quente.

Dentre as produções cosméticas para o rosto figuram os cremes, gel e as máscaras. Os dois primeiros são basicamente preparações árabes, enquanto o terceiro possui correspondente no texto latino DOMT. Novamente, DCMT não se vale de tais fórmulas em suas páginas. De modo geral, diferente dos unguentos e pomadas, tratam-se de compostos *mais leves*, que dispensam o uso de gorduras ou óleos, e prezam por elementos como a farinha vegetal ou flores, raízes e demais substâncias animais e minerais reduzidas a pó, mescladas à água ou mucilagens. Os cremes partilham destas características, exceto por vez ou outra, inserir nas composições o óleo (de sésamo) e gorduras animais (de pata de vaca e de raposa). Todos esses produtos abstêm-se da aplicação de calor, e tão-somente a batida dos elementos daria forma às produções.

Assim, o fator ou elemento que faz a diferença entre algumas receitas e outras são os materiais envolvidos, e sua finalidade, pois a forma de prepará-los permanece a mesma.

Os cremes são uma das formas cosméticas mais indicadas para tratar manchas, sardas, marcas de varíola, lepra e cancro na obra de Abulcasis. Poderiam ser incorporados à rotina de cuidados femininos tanto à noite quanto pela manhã, e diferente dos cremes atuais, eram removidos após o tempo determinado de ação. Estes cosméticos podem ser produzidos com farinha de grão de bico e de favas, sementes de melão, raiz de cana e litargírio, amassados com água de cevada, e aplicados desta maneira:

[...] e, depois de banhar-se em água quente e sair do banho. Se aplica esfregando a área afetada com água na qual foram cozidas casca de melão, violeta seca, farelo e grão de bico esfarelado. [Este tratamento] deve ser repetido várias vezes, e o doente se curará, com a vontade de Deus Todo-Poderoso (KATA, IV-33, p. 75).

No decorrer do texto, ele se dedica a prescrever cremes mais potentes: “Pegue litargírio branqueador, raízes de cana secas, farinha de grão de bico, ossos desgastados, farinha de arroz, semente de melão descascada, semente de ben e costó; misture tudo com mucilagem de fenogrego ou mucilagem de linhaça e aplique no rosto” (KATA, IV-31, p. 74). Segundo o médico andaluz, o preparado é extraordinário.

O cosmético do tipo gel abre a seção de cuidados faciais e garante embelezar, iluminar e dar cor à pele do rosto, além de ser benéfico para sardas e manchas negras. Geralmente, depois de pronto assumia a forma de pastilhas.

Pegue farinha de ervilha preta, farinha de tremço, farinha de grão de bico e cebola narciso, de cada coisa, 7 porções; 1 porção de sêmola¹³⁵ triturada. Coloque tudo em um almofariz, moa muito bem e amasse com clara de ovo; use essa mistura para fazer pastilhas e deixe-as secar à sombra e, quando necessário são amassados com água e aplicados no rosto, deixando agir por duas horas; então se lava o rosto (KATA, IV-17, p.72).

Na fonte em questão, verificam-se mais duas variações do composto, ambas seguem a mesma linha de fabricação, porém empregando ingredientes distintos; uma vale-se de lama de polimento¹³⁶, flores de junça, raiz de lírio celeste e goma arábica amassados com decocção de cevada (IV-1, p. 70); a outra é feita com raiz de lírio celeste, farinha de cevada, favas, chifre de cervo queimado, sal gema e amoníaco, transformadas em pastilhas (IV-2, p. 70).

¹³⁵ Refere-se ao produto obtido através da moagem de cereais, similar as farinhas.

¹³⁶ Segundo Abulcasis, é o produto que os tinteiros lustram os seus adereços.

As máscaras – assim como outros cosméticos citados anteriormente – atuam na limpeza e no clareamento da pele do rosto, e se assemelham às produções desse tipo da atualidade. Por conseguinte, para delinear as máscaras, o pó dos ativos selecionados era amassado com auxílio de substâncias líquidas e depois aplicado no rosto, deixando agir por determinado tempo e, em seguida, removido. No texto latino, Trotula não especifica se o cosmético é uma máscara facial clareadora, contudo, ao compará-la às receitas árabes de mesmo propósito, notam-se certas similaridades que a classificam como tal. O curioso, no entanto, é que as duas prescrições andaluzas não pertencem a Abulcasis, mas sim aos mestres árabes Rhazes e Ibn Māsawayh. Esse fato pode indicar respectivamente duas coisas: talvez, Abulcasis partilhe das recomendações dos autores e não considerou necessário incluir uma prescrição própria; ou, a mais provável, é que não tenha tido conhecimento sobre esses tipos de preparações, por isso empresta de outros médicos renomados, incorporando-as em seu texto de cosmética. Entre uma consideração e outra:

Receita de máscara facial de limpeza composta por Rhazes

Pegue amêndoas descascadas, amido e tragacanto, misture tudo com água de açafraão e aplique no rosto. Deixa-se agir à noite e pela manhã o rosto é enxaguado com água fervida de camomila e violeta seca (KATA, IV-5, p. 71).

Receita de outra máscara composta por Ibn Masawayh que é benéfica para sardas e é um excelente limpador de pele:

Pegue bórax, lentilha, mástique, grão de melão descascado, semente de repolho e polpa de tremoço, de cada coisa, 4 dirhemes; 3 meticais de castóreo; e 1 metical de farinha de ervilha preta. Tudo é muito bem triturado, amassado com clara de ovo e aplicado em todo o rosto; Em seguida, ele lava o rosto com água em que ferveu feijão ou ervilha preta. Certamente é eficaz (KATA, IV-6, p. 71).

Receita de máscara do texto latino:

[...] deixe a raiz do lírio ser moída vigorosamente, mas primeiro deixe-a ser lavada, limpa e moída até ficar branca. Então, quando a mulher for tomar banho, deixe que ela misture um ou dois ovos com a raiz moída e deixe agir. Em seguida, deixe-a ungir o rosto e, quando quiser sair do o banho, que ela se lave bem (DOMT, III, p. 181).

Em relação à receita de Ibn Māsawayh, a de Rhazes e a de Trotula são menos elaboradas e contam com uma quantidade inferior de ingredientes. A médica Salernitana usa apenas a raiz de lírio moída e amassada com clara de ovo, Rhazes por sua vez, lista a amêndoa, o amido e a goma de tragacanto misturados à água de açafraão, enquanto que Ibn Māsawayh, elenca o mineral bórax, a lentilha, grão de melão, semente de repolho, polpa de tremoços, farinha de ervilha preta, além de substâncias animais odoríferas como o castóreo, amassados da mesma

maneira que Trotula, com clara de ovo. Rhazes prescreve que o cosmético deve ser usado no período da noite e removido pela manhã, já o outro mestre não especifica o tempo de ação da máscara, mas supõe-se que seria curto, pois logo aconselha sua remoção. Trotula enfatiza que a mulher deve usá-la durante os banhos e retirar quando quiser sair deles. Os autores árabes concordam que as máscaras deveriam ser removidas com a ajuda de outro preparado, porém discordam quanto à sua preparação. Ibn Māsawayh sugere a lavagem com água em que se ferveu feijão ou ervilha preta, já Rhazes, aconselha que se enxague fazendo uso de água fervida de camomila e violeta seca, enquanto Trotula recomenda que apenas higienize bem o local.

3.3.4 Pastilhas, pílulas e dentifrícios

As pastilhas e as pílulas são, por assim dizer, formas específicas de preparações medievais largamente úteis nos cuidados pessoais, já os dentifrícios limitavam-se às preocupações bucais. Normalmente, as duas primeiras adquiriam contornos sólidos e dependiam de outros compostos como a água, vinho e gorduras para serem usadas na rotina diária de beleza feminina. Conforme Abulcasis, as pastilhas têm aproximadamente o tamanho de um *denário*¹³⁷ e estão disponíveis nas variações destinadas aos cabelos, face e, sobretudo, saúde bucal. Aquelas benéficas à saúde bucal são preparadas desta maneira:

[Se trata de um remédio que] está comprovado: Pegue maná de bambu e folhas de rosa vermelha, cada uma por 10 dirhemes; nardo aromático, sumagre, flor de romã, sândalo branco e sândalo vermelho, de cada coisa, 5 dirhemes; 3 dirhemes de bolo armênico; e lírio, cânfora, cravo, cubeba, madeira de aroma velha sem perfume, nardo índico e cardamomo, de cada coisa, 2 dirhemes. **Tudo é triturado, peneirado, misturado com vinho velho e transformado em pastilhas do tamanho de denários, deixados para secar à sombra. Quando necessário, se emprega uma pastilha como dentifrício.** Certamente é benéfico (KATA, V-6, p. 77. Grifo nosso).

Quanto às pastilhas faciais, eram confeccionadas a partir de cosméticos previamente elaborados, como por exemplo, um gel feito de lodo, flores de junça, raiz de lírio celeste e goma arábica. Em posse desses elementos “Tritura-se tudo, e se amassa com decocção de cevada; com isso se faz umas pastilhas deixadas para secar na sombra, e depois reserve, e quando necessitar, esmague algumas com água fria e aplique.” (KATA, IV-1, p. 70). Neste caso, o andaluz aponta que a pastilha deveria ser preparada com o auxílio de água fria, similar ao modo de uso daquelas dedicadas aos cuidados dos cabelos, mescladas à água de murta fresca, e, em

¹³⁷ Uma pequena moeda de prata circulante no Império Romano.

seguida aplicadas nos fios (II-8, p. 60).

Por seu turno, as prescrições latinas não mencionam nada relativo a esses produtos. Em contrapartida, as pílulas aparecem no texto de DCMT, citadas uma única vez na receita de clareamento da pele do rosto. DOMT não partilha correspondentes. Na breve menção feita em DCMT, a médica de Salerno fornece poucos dados relevantes sobre as dimensões do cosmético, apenas assegura que seriam “muito pequenas”, ao passo que no trabalho árabe, é dito que poderiam ser maiores ou do mesmo tamanho de um grão de bico. Portanto, semelhante ao modo de preparo das pastilhas faciais árabes, as pílulas salernitanas são feitas quando uma determinada pomada facial é fervida em água de rosas até que fique dura e espessa, e “[...] quando desejar ser ungido, pegue uma pílula e liquefaça-a na mão com água e, em seguida, esfregue-a bem no rosto, de modo que o rosto fique seco. Em seguida, lave-o com água pura...” [...] (DCMT, p. 163). Nesse trecho, Trotula enfatiza a praticidade e também a facilidade de uso das pílulas para o rosto, visto que bastava a fricção do produto entre as mãos com água. Do contrário, as pílulas de Abulcasis destinavam-se exclusivamente à saúde bucal. Mas das cinco receitas que tratam desta temática, dispostas no capítulo quinto da obra andaluza, somente uma é composição própria do médico, as outras quatro são atribuídas ao mestre árabe *Ibn Māsawayh*. De acordo com esse autor, as pílulas se dissolvem na boca e podem ser engolidas, por isso são eficazes no combate ao mau hálito e fortalecem as gengivas. Logo,

[...]. Está comprovado: Pegue cravo, canela, noz moscada e funcho, de cada coisa, 5 meticais; 7 meticais de sândalo amarelo: 4 meticais de cubeba e cardamomo grande; 7 meticais de rosa vermelha; 1 onça de madeira aromática; e 3 meticais de *sukk* e olíbano. Tudo isso é triturado, misturado com água de maçã e transformado em pílulas maiores do que grão-de-bico, que são dissolvidas na boca e engolidas (KATA, V-1, p. 76-77).

Curiosamente, esses produtos prolongavam sua durabilidade quando convertidos em pílulas ou pastilhas. O mesmo se aplica aos dentifrícios. Embora partilhem objetivos similares com os compostos anteriormente citados, seu diferencial está em promover o clareamento da dentição, através da ação de esfregá-los com uma série de substâncias sob o formato de pós. Trotula, em DOMT, oferece um dentifrício feito de mármore branco e caroços de tâmaras queimadas, natrão branco, ladrilho vermelho, sal e pedra-pomes, e “Com tudo isso, faça um pó no qual a lã úmida tenha sido envolvida em um pano de linho fino. Esfregue os dentes por dentro e por fora (DOMT, VI, p. 187). De maneira mais sucinta, DCMT recomenda que o local deveria ser esfregado com um preparado à base de canela, cravo, nardo, mástique, olíbano, grãos, absinto, pé de caranguejo, caroços de tâmaras e azeitonas (DCMT, p. 163). Por sua vez,

os dentífrícios árabes eram feitos com uma quantidade superior de elementos que os cosméticos latinos, tais como o mirobálano, caracol, bastões de videira e casco de cabra queimados, alcíon, pedra-pomes, chifre de veado, caroço de tâmara e maná de bambu queimados, *ramich*, flor de romã, semente de rosa e sumagre, todos reduzidos ao pó e utilizados pela manhã (KATA, V-15, p. 79). Apenas uma substância foi percebida em comum aos três textos: caroços de tâmaras queimados. Não se pode deixar de ressaltar as especiarias e plantas aromáticas como a canela, cravo, nardo, etc., que conferiam às mulheres, um hálito perfumado.

3.4 Os instrumentos, procedimentos e técnicas cosméticas medievais

As *receitas* medievais representavam um meio de se transmitir e comunicar um saber. Elas transitavam entre as cortes principescas e pelas camadas menos abastadas, sendo constantemente remodeladas e adaptadas conforme a realidade de cada público. Por regra geral, as receitas medicamentosas mantêm estrutura semelhante com título de identificação, indicações de ingredientes e instruções sobre o modo de preparo e administração. Para além desses aspectos, outra expressão fundamental da farmacologia medieval são os pesos ou medidas correspondentes. Tendo em vista as propriedades inerentes da *matéria*, a quantidade adequada dos elementos selecionados formaria um composto balanceado. Neste viés, as unidades *onça*¹³⁸, *dracma*¹³⁹, *libra*¹⁴⁰ e o *escrúpulo*¹⁴¹ formam a base do sistema de pesos dos boticários e médicos medievais devido à sua boa representação de pequenas quantidades (Bator; Sylwanowicz, 2017, p. 31). Destarte, textos produzidos no período como o *Antidotarium Nicholai* estabelece que, “Um escrúpulo equivale ao peso de vinte grãos¹⁴²; [...] três escrúpulos reunidos equivalem a uma *dracma*; oito dracmas equivalem a uma *onça*; e cento e oito dracmas equivalem a uma *libra*” (*Antidotarium Nicholai*, apud: GREEN, 2001, p. 67).

No domínio cosmético, tal preocupação é percebida nos escritos de Abulcasis e Trotula de Salerno. Entretanto, alguns aspectos devem ser observados atentamente. Nem todas as unidades mencionadas aparecem respectivamente nos trabalhos estudados. Trotula assinala em DCMT, a quantidade de substâncias necessárias às formulações através da unidade *onça* e *dracma*, já no texto DOMT opta pela *onça* e o *escrúpulo*. Com relação ao tema, o andaluz utiliza

¹³⁸ Equivalente a 28 gramas. É assim chamada porque sua unidade circunda a totalidade (*universitas*) dos pesos menores, ou seja, ela os abrange, como apregoa Isidoro de Sevilha.

¹³⁹ A dracma era considerada uma espécie de peso perfeito, formada por 12 onças que remetia aos meses do ano. Foi assim denominada porque contém todos os pesos mencionados acima.

¹⁴⁰ Denotava o peso de “um punhado de moedas ou “denários” de prata.

¹⁴¹ O escrúpulo era uma unidade de medida usada pelos gregos, equivalente a cerca de 1 grama. Segundo o bispo de Sevilha, ganhou esse nome por formar um diminutivo a partir de uma pequena pedra chamada *escrupus*.

¹⁴² Grãos também era uma unidade de peso equivalente a um grão de trigo ou cevada.

a tríade: onça, libra e *dírhem* (dracma), e substitui o *escrúpulo* pelo *metical* ou *mizcal*¹⁴³, uma unidade de medida originalmente árabe. Abulcasis levava tão a sério a produção cosmética que, por vezes, chega a empregar três unidades diferentes (onça, dracma e metical) numa mesma receita. Como contraponto, Trotula tampouco dá importância às especificações exatas e, na maioria dos casos, prescreve receitas sem ao menos mencionar quaisquer unidades de medida¹⁴⁴. Tendo isso em mente, a ideia, talvez, fosse permitir que os praticantes decidissem por si mesmos quanto de cada elemento usar, considerando as características físicas e individuais, posto que a médica instrui no modo de preparo e aplicação do cosmético.

Outras formas foram empregadas para se descrever a quantidade correta de ingredientes. A respeito disso, em DCMT a médica diz “[...] pegue três partes de cerusa ou um quarto de cânfora. [...]” (p. 139), ou aconselha que se *pegue um pouco* de determinada droga. No texto de DOMT, recomenda que se “[...]. Misture esses pós e coloque o suco de cada [substância] na quantidade de um ovo de ganso ou meio” (p. 181). Algo semelhante ocorre em Abulcasis quando na prescrição destinada às sobrancelhas aplica o sistema de *porções* “[...]. Pegue 1 porção de estibina queimada e triturada, 4 porções de chumbo queimado e triturado e açafão triturado e 3 porções de nardo” (KATA, III-15, p. 68). Em suma, as receitas selecionadas revelam a precisão do médico andaluz em relação à cosmética despreocupada salernitana.

Para além destas questões, as composições medievais exigiam o domínio de técnicas e o manuseio de ferramentas específicas. Os medicamentos eram confeccionados submetendo a *matéria medica* aos processos de decocção, trituração, pulverização, infusão, destilação, maceração, expressão¹⁴⁵, cozimento, etc. Assim, havia inúmeras maneiras de se transformar os *simples* em produtos úteis à saúde e à beleza. Portanto, os métodos identificados nas fontes incluem lavar, esmagar, triturar, queimar, ferver, moer, cozinhar, bater, amassar, macerar, pulverizar, calcinar, fritar e espremer, prescritos respeitando a constituição física e principalmente, as propriedades inerentes das drogas sem comprometê-las. Desta forma, Avicena, descreve detalhadamente alguns desses procedimentos em sua *tabela* dedicada aos cosméticos. Com relação à trituração ou moagem, afirma que quando uma substância é dividida em pedaços, torna-se mais penetrante e atinge rapidamente as partes mais remotas do corpo, sendo recomendada, sobretudo, para àquelas que possuem uma constituição densa (OCA, p.

¹⁴³ Equivalente a 4,68 gramas.

¹⁴⁴ A cargo de exemplo: “Pegue agrimônia e casca de olmo, raiz de verbena, raiz de salgueiro, abrotano, linhaça queimada e pulverizada, [e] raiz de cana-do-reino. Cozinhe todas essas coisas com leite de cabra ou água e lave a área (tendo primeiro raspado). Pulverize os talos e as raízes do repolho e misture a eles aparas pulverizadas de buxo ou marfim, e deve ser amarelo puro.” [...] (DOMT, II, p. 175).

¹⁴⁵ Faz referência a ação de espremer.

57).

A trituração de elementos vegetais, minerais e animais (ossos) é uma técnica recorrente em quase todas as receitas de ambos os médicos. Pode-se dizer que é a primeira tarefa recomendada pelos autores logo após a apresentação dos ingredientes que serão utilizados em determinadas preparações. Nesta etapa, que consiste basicamente na redução de substâncias ao pó, certas regras deveriam ser seguidas com rigor. Dentre elas, aquela relacionada aos limites de moagem, comentada por Avicena, isto é, se feita de maneira excessiva provoca a perda de propriedades curativas essenciais, mas se feita apropriadamente, permite maior absorção por parte do corpo. Isso explicaria por que alguns cosméticos árabes e latinos são ofertados no formato de pó. Neste segmento, salienta noutra parte do texto que nem todas as substâncias podem ser trituradas sob aviso de inutilização, “[...]. Isto é verdade para a maioria das gomas. Em vez de triturá-los, é melhor dissolvê-las em líquidos” (OCA, p. 57). Tal concepção é refletida nas fontes, que apregoam que resinas, ceras e gomas devem ser diluídas em água, mel ou óleo. Abulcasis fornece um exemplo claro ao recomendar que se deve “[...] untar o rosto com goma arábica diluída em água; também pode fazer com tragacanto. Ou você também pode aplicar amido diluído em água de goma arábica” (KATA, IV-47, p. 76).

Considerando essas informações primárias, como eram preparados os elementos para a trituração? E melhor ainda, como eram realizadas a moagem da *matéria* cosmética? Pelo que se percebe nas receitas, o primeiro passo consistia na *secagem* das substâncias. O procedimento se dava por duas vias: quando expostas ao sol ou quando submetidas às altas temperaturas dos fornos medievais. Pertinente a isso, Trotula comenta em DOMT que se “Reduza a um pó o ciclâmen limpo a parte externa e seco ao sol ou em um forno quente” (DOMT, III, p. 179).

Os trabalhos estudados não dizem muito sobre o forno. O andaluz, por exemplo, apenas recomenda que a secagem de minerais como o verdete deve ser feita nele. Em compensação, as substâncias vegetais poderiam ser secas ao sol ou à sombra, “Pegue 1 libra de grão de murta descascado despejado em um morteiro de chumbo e colocado ao sol. Também se pega folhas de acelga e se seca na sombra” (KATA, I-2, p. 55), depois eram trituradas separadamente. Trotula, por sua vez, oferece pistas de como decorria o processo com auxílio do sol “[...] e colocada sobre uma mesa dividida em pequenas pastilhas ao sol, e que sejam deixadas lá para secar” (DOMT, VI, p. 189). Independentemente do método utilizado, após a secagem a *matéria* passaria pela moagem.

A moagem dos componentes exigia uma ferramenta específica denominada morteiro ou almofariz. Estes utensílios estavam presentes na farmacologia Antiga, sendo perfeitamente documentados no papiro *Ebers* de 1550 a.C, um documento pertencente ao Antigo Egito. Os

morteiros possuem duas partes: o *mortarium* que é propriamente o recipiente, e o *pistillum*, instrumento usado para *socar* os elementos. De extremidades arredondadas, poderiam ser de mármore, madeira ou chumbo, e de tamanhos variados (de centímetros a um metro) aspecto que dependeria diretamente do uso e da quantidade de materiais a serem processados (Oslé, 2016, p. 31; López, 1986, p. 228).

À vista disso, no decorrer das receitas, Abulcasis revela a preferência por morteiros feitos de chumbo, ao passo que Trotula apenas os menciona como objetos indispensáveis. Outra questão pertinente diz respeito à utilização desse tipo de instrumentos para efetuar demais procedimentos que não a trituração. O *mortarium* servia para misturar, bater, macerar ou esmagar os componentes, como demonstra esse trecho de Abulcasis “Pegue 1 libra de mucilagem de malvaíscos, coloque em um morteiro, acrescente 3 onças de polpa de cereja e amêndoa descascada, bata tudo muito bem até obter a textura de nata e use como descrevemos” (KATA, VII-2, p. 81). Ou em dada prescrição de DCMT quando Trotula aconselha que se “Triture tudo em um morteiro com gordura animal e misture-os com água morna...[...].” (p. 139). Sendo assim, o morteiro constitui-se num utensílio essencial à produção cosmética na Idade Média.

A fim de se obter um material homogêneo, os elementos recém transformados em pós careciam de ser peneirados. Numa breve passagem de DCMT, a médica de Salerno anuncia que os panos de linho são úteis para estes esforços “[...], depois, peneire-os num pano, e o que ficar no pano, jogue-o fora” (p. 163). Abulcasis não os descarta, sendo frequentemente usados como ataduras combinadas aos medicamentos, porém vale-se dos pedaços de seda para peneirar suas preparações. Todavia, supõe-se que havia outros meios para isso. É dito numa prescrição destinada à composição de tintas a seguinte frase “[...] triture tudo muito bem e peneire com uma peneira compacta” (KATA, I-14, p. 56). A receita não pertence necessariamente a Abulcasis, mas sim ao mestre *Ibn Māsawayh*, além disso, o andaluz não faz novas menções ao item, provavelmente o conhecia e também o utilizava, já que compartilha a receita em sua obra.

Como dito anteriormente, os escritos de Abulcasis e Trotula de Salerno utilizam de diferentes métodos para se produzir os cosméticos. Alguns surgiam da maceração dos elementos vegetais combinados à gordura, óleo, água ou xarope a fim de amolecê-los ou extrair suas partes solúveis; outros a princípio, eram esmagados, tendo exprimido seus resíduos e, depois amassados nos morteiros com demais ingredientes. Duas referências à fritura de bugalhos em óleo mediante uma placa de argila (KATA, I-3, p. 55; I-10, p. 56), foram identificadas na seção primária de Abulcasis, em contrapartida, nada do tipo é visto nos textos Trotula.

Ademais, a destilação por meio do alambique é uma técnica originalmente árabe que não está presente na cosmética salernitana. A ferramenta é citada uma única vez para se produzir uma tinta que enegrece os cabelos femininos usando elementos como a hena, água e vinagre de uva preta postos “[...] em um alambique e vaporiza. Então, pegue as gotas que ele libera e pinta os cabelos grisalhos por três dias, e com certeza seus cabelos ficarão pretos” (KATA, I-5, p. 55). No entanto, ao longo do texto são percebidos demais produtos obtidos através da destilação do olíbano, alcatrão e do breu. O alambique ou alquitara, um dispositivo que serve para destilar ou separar, por meio da aplicação de calor, uma substância da outra, são elementos fundamentais com os quais os boticários exerciam o seu ofício. É composto por um recipiente para o líquido e um tubo que se estende do recipiente e continua em uma serpentina por onde saem os produtos finais, geralmente feitos de estanho, chumbo ou vidro. Embora fossem conhecidos pelos naturalistas da Antiguidade, sua utilização só se difundiu na Idade Média graças aos árabes, responsáveis pelas melhorias significativas no instrumento e na técnica. No ocidente cristão, reinos como o de Castela foram grandes incentivadores do alambique, empregues principalmente para obtenção de perfumes e águas perfumadas (Vega, 2011, p. 867; Castillo, 2014, p. 225; Larráyo, 2004, p. 153).

Cozer os *simples* estava entre as opções de produção cosmética. Grande parte das receitas recomenda cozinhá-los por dois motivos: a aplicação de calor permite que as propriedades dos medicamentos atuem, ou seja, há medicamentos que necessitam desta etapa para liberar suas virtudes na forma residual; além disso, facilitar a mistura dos elementos que, após o tratamento térmico, assumem formatos específicos, por exemplo, as pomadas ou unguentos. O físico árabe Avicena estabelece que a *matéria* se comporta de maneira distinta quando submetida a essas condições. Às vezes, devido sua densidade elevada, pode ser que não libere suas virtudes inerentes, exigindo assim, métodos de cozimento mais complexos. Quanto às matérias de temperamento excessivo, o cozimento moderado já era suficiente, mas existem aquelas que apenas com o cozimento leve têm manifestada suas qualidades curativas. Apesar disso, salienta que quaisquer uma que exposta a esse processo por mais tempo que o previsto terá suas virtudes perdidas.

De acordo com as receitas examinadas, as cocções mais comuns foram preparadas em vinho, água ou óleo, a partir de elementos como a cevada, farelos, hena, violeta, rosas, grãos de bico, etc. Já em relação ao *modus operandi*, Trotula atem-se ao básico, pois numa passagem relativa aos depilatórios diz “[...]. Coloque três onças em um vaso de cerâmica e cozinhe como se fosse um mingau. Em seguida, pegue uma onça de ouro-pigmento e cozinhe novamente, e teste com uma pena para ver se está suficientemente cozido” (DOMT, I, p. 167). Nota-se pelo

breve trecho que as substâncias foram cozidas em recipientes de cerâmica, característica que se mantém ao longo das receitas, embora o modo como foram postas para cozer possa variar. A cargo de exemplo, propõe que minerais como a cal virgem e o ouro-pigmento fossem colocados em um saco de linho e postos para ferver até que estivessem devidamente cozidos (DOMT, I, p, 167). Normalmente, para facilitar a adesão dos ingredientes, as misturas eram constantemente mexidas com auxílio de espátulas. Tal como Trotula, em Abulcasis há poucas menções aos recipientes utilizados, o que é bastante compreensível tendo em conta que esta atividade estava profundamente enraizada na vida quotidiana das pessoas medievais, por isso, não seria de fato, necessário tecer maiores comentários. Sendo assim, são citadas pelo andaluz as *panelas* pequenas ou de cristal e também os recipientes de cerâmica e chumbo.

Outras duas técnicas frequentemente associadas à cosmetologia medieval é a lavagem e a queima dos *simples*, importantes para aumentar ou reduzir a utilidade de um medicamento. Novamente, a explicação necessária para entender estes esforços pode ser encontrada nos escritos de Avicena. De acordo com o árabe, lavar uma droga faz com que perca sua substância intensa ou delicada, e em alguns casos, esfria o calor intenso. A lavagem facilitaria a divisão ou quebra dos elementos, além de remover quaisquer efeitos colaterais indesejados de um medicamento, portanto, as virtudes do bolo Armênico são completamente anuladas, assim como as propriedades nauseantes do lápis-lazúli (OCA, p. 56).

À luz dessa compreensão, no que envolve a lavagem dos *simples*, especificamente a cal virgem, Abulcasis anuncia tomando emprestado de Rhazes, que se “Pegue litargírio e cal viva sem apagar, acrescenta-se água seis vezes mais que a quantidade de ambos e deixa-se ao sol por três dias, agitando de vez em quando” (KATA, I-19, p. 57). Da mesma forma, age Trotula no texto de DOMT, em que afirma que “[...] para remover os pelos. Pegue cal virgem, deixando-a por um mês ao sol em água; deixe-a ser coada e seca como a *cerusa*... [...]” (VI, p. 191). Na classificação geral, a cal é tida como quente em quarto grau, e quando exposto a estas circunstâncias, com base nas ideias de Avicena, têm suas propriedades de corrosão suprimidas, tornando-se moderada. Tais constatações, demonstram que ambos estavam familiarizados com as concepções que permeavam a prática farmacológica medieval.

Algo semelhante acontecia quando se submetia os medicamentos à queima. De acordo com Abulcasis, as drogas são queimadas por cinco motivos: (1) reduzir sua intensidade; (2) aumentar sua potência; (3) diluir sua substância densa; (4) prepará-las para moagem; e (e) eliminar substâncias corruptas dentro delas¹⁴⁶ (OCA, p. 58). A partir desse pressuposto, nota-

¹⁴⁶ Um bom exemplo, segundo Avicena é o escorpião que, para ser usado no tratamento de pedras na bexiga e nos rins, deveria ser submetido à queima.

se nas fontes que esta técnica era usada principalmente para diluir elementos densos e facilitar sua trituração. Dentre os elementos que costumam ser submetidos a esse procedimento figura o bugalho, caroços de tâmara, chifre de veado, estrume de qualquer animal, pedra-pomes, o cobre¹⁴⁷ e etc. A médica de Salerno oferece um panorama sucinto relativo ao *modo de fazer* e a ferramenta empregue nesta etapa. No texto de DCMT diz, “[...]. Misture a pedra-pomes e o sal com uma quantidade suficiente de mel e coloque-os num prato simples sobre brasas até queimarem” [...] (p. 163). Trotula não fornece informações sobre o material com o qual o prato é feito, e ao que parece, as substâncias não eram postas para queimarem individualmente. Fazia-se necessário o acompanhamento de qualquer outro elemento solúvel, neste caso, o mel. Posteriormente, comenta em DOMT que o bugalho embebido em óleo era sujeitado às mesmas condições citadas, e depois pulverizado (III, p. 173). Diferente da médica salernitana, Abulcasis não se concentra na descrição do processo, pois segundo ele, isto já foi discutido no tratado relativo à queima de medicamentos¹⁴⁸. Ao invés disso, especifica o quanto a droga deve ser queimada, em alguns casos superficialmente, noutros até virar cinzas. Este último, aplica-se principalmente aos vegetais, que neste estado serviam de matéria-prima para fabricação de corantes de sobrancelhas e produtos de limpeza para os cabelos.

Armazenar adequadamente os cosméticos, medicamentos simples e compostos fazia-se essencial para que seus efeitos terapêuticos não fossem comprometidos. Em determinadas circunstâncias, até mesmo a entrada de ar poderia corrompê-los. Tal preocupação gerou a necessidade de criar recipientes diversos em tamanhos e formas para sua proteção. Os recipientes raramente são discutidos nos trabalhos analisados, o que não quer dizer que os cosméticos não eram preservados corretamente. Abulcasis faz referência direta à maneira de se conservar um óleo capilar na seguinte passagem “[...]. Coloque-o em um recipiente de chumbo e conserve-o ali”; [...] (KATA, I-22, p. 58), ou poderiam ser guardados em *botellas*. Este último consiste em vasos com pescoço longo e estreito, de corpo no formato oval, embora possam ser piriformes, ovais, achatados, cilíndricos, etc. (Boza; Toral; Carrillo, 2016, p. 23). Também são identificados outros recipientes de vidros e cristais, além de tigelas de chumbo usadas, sobretudo, para produzir corante para as sobrancelhas¹⁴⁹. Por conseguinte, Trotula sugere que os *cerotum* que embranquecem o rosto das mulheres eram armazenados em pergaminhos, assim

¹⁴⁷ Em relação a queima de cobre, Dioscórides salienta que “É feito com pregos de navio colocados em uma panela de barro cru, borrifando enxofre em pó com igual quantidade de sal e, alternativamente, colocando outro por cima. Cobrindo a panela e cobrindo-a com barro, é levada ao forno até ficar perfeitamente assado.” (DMMD, V, p. 176).

¹⁴⁸ Provavelmente esteja se referindo ao Tratado XXVIII: Acerca da composição dos remédios e a combustão dos minerais e sua aplicação na medicina.

¹⁴⁹ Sobre isso, Abulcasis diz “Uma tigela de chumbo é feita e um pouco de azeite verde é derramado nela, então o interior do prato é esfregado com esse óleo até que fique preto com a força do chumbo.” (III-4, p. 67).

como as cores compostas em jarros dourados ou de vidro. De fato, como Abulcasis, a médica de Salerno preocupa-se verdadeiramente com a produção de cosméticos, enfatiza a necessidade de conservação, mas sem demais especificações de forma, tamanho e do que eram feitos.

No entanto, na Idade Média, a apresentação destes produtos dependia da categoria social a que o medicamento se destinava e da consistência do preparado. Sabe-se que importantes manufaturas foram desenvolvidas na corte andaluza especialista em produtos requintados e exclusivos, feitos de cristal, cerâmica e metal. Tais produtos também poderiam ser obtidos através do comércio de importação. Sendo assim, os medicamentos líquidos eram alocados em ampolas ou frascos de cristal, enquanto os sólidos frequentemente depositados em arcas, baús, *orcetes* (recipiente) com suas tampas, potes ou em caixinhas extremamente ornamentadas de variados tamanhos (Calvé, 2022, p. 19; Oslé, 2016, p. 31; Larráyo, 2004, p. 153).

Em suma, a cosmética não é, por assim dizer, somente uma área empírica difundida entre as mulheres latinas e árabes. Sua prática requer conhecimento técnico e teórico extensivo sobre a manipulação das substâncias e compreensão sobre a forma de retirar delas as suas virtudes benéficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento documental realizado acerca da cosmética revelou que estas práticas floresceram na Antiguidade. Cleópatra VII é apontada como uma das primeiras a introduzir o tema na tradição escrita, conectando-o ao universo feminino, enquanto Ovídio conferiu-lhe o *status* de *arte* indispensável à beleza e sedução feminina. Mas foram médicos e naturalistas como Plínio e Dioscórides que nomearam substâncias para a produção de cosméticos, e ainda Galeno de Pérgamo, quem defendeu sua aplicabilidade no campo salutar, para além do embelezamento.

No medievo, a cultura árabe entendia os cuidados pessoais como uma extensão das medidas de saúde, e então, justificados pelos preceitos da nova fé. Em contrapartida, a posição de desconfiança adotada pela Igreja nas comunidades latinas, tornaram os cosméticos alvo frequente dos discursos condenatórios eclesiásticos, o que contribuiu para o seu lento desenvolvimento na tradição textual do Ocidente. A consolidação de uma literatura cosmética direcionada às mulheres, veio a acontecer no Baixo medievo com a compilação dos textos *Kitāb al-Taṣrīf* de Abulcasis, em território al-Andaluz, e *De Curis Mulierum* e *De Ornatu Mulierum* atribuídos à Trotula, em Salerno no sul da Itália.

Observou-se que a cosmética, neste período, buscou explorar a totalidade corpórea feminina, e a comparação entre as obras apontou divergências e similaridades quanto ao repertório e as partes do corpo que recebiam atenção. DCMT não segue organização *da cabeça aos pés* e não abriga em suas receitas preocupações que são basilares nos outros dois textos, como por exemplo, os cabelos e a depilação corporal. No escrito árabe, esse modelo estrutural serve apenas como princípio organizador, já no texto latino DOMT, indica a existência de uma ordem de cuidados que deveria ser seguida, a começar pelo uso de depilatórios, sucedido pelos cabelos, rosto, lábios e saúde bucal. De fato ficou evidente que, embora discutissem um mesmo tema, trata-se de três *corpus* documentais distintos em estrutura e conteúdo. O estudo comparativo demonstrou que os assuntos associados à higiene, face e saúde bucal são comuns aos textos, e na mesma linha, também se percebeu uma aproximação dos cosméticos com o erotismo e a sexualidade feminina. Pôde-se constatar ainda, que na sociedade andaluza os cosméticos adquiriram caráter universal, buscando atender mulheres, homens e crianças, ao contrário da médica, que ressalta o seu pertencimento ao domínio feminino, tendo as mulheres como único público-alvo de suas recomendações.

Desde a Antiguidade, por envolver o corpo objeto de estudo médico, as receitas de cosmética estiveram alicerçadas na medicina, e circularam, sobretudo, pelos canais médicos e

em menor medida, noutros gêneros literários interessados no assunto. Apesar de prevalecer o caráter prático, provou-se a presença de conceitos medicinais norteadores das práticas salutare nas formulações cosméticas. A *Teoria Humoral* de Galeno, a *Teoria dos Contrários*, juntamente com o conhecimento antigo sistematizado pelos árabes nas *coisas naturais*, *coisas não naturais* e *coisas contra a natureza*, foram largamente utilizados para se explicar a causa das doenças e fundamentar os tratamentos adequados. Desta forma, os cosméticos árabes e latinos ocuparam-se com as seguintes enfermidades identificadas nas fontes: a tineia, eczema, fístulas, caroços, espinhas e a piorreia, além de sequelas sob a pele na forma de manchas, marcas e cicatrizes ocasionadas por abscessos, varíola, cancro e lepra. Nesta perspectiva, percebeu-se que os autores não se concentraram apenas no tratamento dos problemas que poderiam afetar a aparência, mas também em preveni-los por meio da prescrição de produtos cosméticos, como protetores solares e demais preparados que precaviam as fissuras labiais. Conclui-se, então, que uma boa aparência exigia, antes de tudo, um corpo saudável e equilibrado, e as medidas para isto incluíam o uso de cosméticos.

O andaluz demonstra enorme erudição ao realizar um trabalho de mapeamento das preocupações com a superfície corpórea, reportadas nas obras de autoridades antigas, latinas e árabes. Dentre elas, destacam-se Cleópatra VII, Dioscórides, Críton, Galeno, Paulo de Egina, Abū ‘Alī Al-Jurāsānī, Ibn Al-Ŷazzār, al-Rhazes, Ibn Māsawayh, Hunayn b. Ishāq, Ishāq b. ‘Imrān e Ibn Al-Ŷabalī Al- Mutatabbib. Este levantamento feito por parte do autor, conferiu à cosmética um *status* científico, sendo considerada no seio da cultura árabe, uma prática que necessitava de embasamento teórico-prático igual a qualquer outra disciplina da época. Enquanto o médico-cirurgião menciona uma única mulher para se referir a atividades relacionadas ao universo feminino, a *Sapiens Matrona* cita de forma breve uma única figura masculina em DCMT, de nome *Magistrum Ferrarium*, e baseia seus escritos na *experiência* das *mulieres salernitane* e sarracenas, cujos saberes foram, em grande parte, transmitidos pela oralidade. Portanto, a estrutura díspar não impediu que Trotula transformasse essas práticas num gênero literário à parte da medicina, sendo a cosmética de Salerno o resultado da combinação do conhecimento médico medieval com as práticas empíricas femininas, sob a influência constante das mulheres sarracenas.

A beleza na Idade Média esteve articulada a uma série de condições que envolvem diretamente um corpo saudável e o jogo de proporção de um membro em relação ao outro, características potencializadas pela juventude corpórea. Alinhados a essa concepção, os produtos cosméticos serviam aos propósitos de preservar e realçar aspectos da aparência feminina, bem como corrigir ou disfarçar a fealdade, imperfeições e disformidades das partes

integrantes do corpo. Pontualmente, abrangiam cuidados relacionados à depilação e higiene pessoal, cabelos, face, cílios e sobrancelhas, axilas, lábios e a saúde bucal (dentes e gengivas), zonas pudendas, e por fim, as mãos e os pés. De maneira geral, por intermédio da análise das receitas, constatou-se que um corpo saudável, devidamente limpo, odorizado com especiarias, de pele macia e sem pelos da cabeça para baixo; cabelos longos, grossos e voluptuosos, geralmente negros entre as andaluzas, ou loiros e pretos para as salernitanas, ornamentados com enfeites e perfumados; face de cor e textura uniforme, sem rugas, manchas ou demais condições similares, levemente corado nas bochechas; lábios moderadamente avermelhados; hálito agradável, dentes brancos e limpos; mãos e pés livres de quaisquer calosidades, macios e bem cuidados, parecem ter sido o ideal de beleza praticado entre as mulheres medievais habitantes da Andaluzia e do Sul da Itália. Sobre este assunto, apontou-se no decorrer desta dissertação algumas dessemelhanças quanto às práticas de embelezamento, que dizem respeito ao hábito de contornar as sobrancelhas e adornar os cílios com pigmentos negros, verificados apenas na cultura árabe, e o ato de embranquecer a pele do rosto pelas mulheres salernitanas, que não possuem correspondentes na tradição cosmética andaluza.

Por conseguinte, a *matéria cosmética*, reunida sob o termo *simples*, provinha do mundo vegetal, animal e mineral. A seleção dos elementos ocorria por intermédio dos princípios médicos e farmacológicos vigentes na época, utilizados para se determinar as qualidades e o grau de intensidade manifestado nas substâncias. A investigação realizada nos documentos demonstrou que a maior parte da farmacopeia *cosmética* era constituída pelos vegetais. Neste grupo, estavam inclusos ervas e plantas medicinais, arbustos, flores, árvores, gomas, resinas, mucilagens e alguns elementos que estavam presentes na dieta alimentar medieval (hortaliças, cereais, frutas, especiarias, nozes e os grãos). Além do mais, as partes mais aproveitadas pelos autores em suas produções eram raízes, cascas de frutos/frutas e especiarias, folhas e ramos, flores e sementes. Não obstante, ressaltou-se que a *matéria animal* derivava da carne, gordura, sangue, cérebro, medula, chifres, fígado, cascos e excrementos daqueles animais que voavam ou habitavam a terra, mares, lagos e rios. Certos produtos derivados de animais também são listados nas receitas, tais como leite, clara e gema de ovo, mel e secreções aromáticas. Por último, o reino mineral englobava a água, os metais, rochas, gases, argilas e algumas pedras, sendo comum aos três textos elementos como o alume, o bórax, a *cerusa*, a pedra-pomes e o sal.

O vinho e o vinagre ou mesmo o leite materno, por vezes, mencionado por Abulcasis, também compunham a farmacologia cosmética árabe e latina. Ademais, essas substâncias poderiam ser obtidas em minas, bosque ou florestas próximas, e também pelo cultivo em hortas

e outros locais específicos, no caso das ervas e plantas, ou poderiam ser importadas de territórios distantes para o Ocidente por vias marítimas, adentrando os territórios ibérico e itálico, através das inúmeras rotas comerciais traçadas no medievo.

Assim, o arsenal cosmético de Abulcasis e Trotula compreendia majoritariamente os *compositas*. Estes assumiam diferentes tipos e formatos dependendo da combinação feita entre os *simples*, além de que alguns destinavam-se ao zelo de partes específicas do corpo. Os óleos e os depilatórios auxiliavam nos cuidados gerais com o corpo, enquanto que os cabelos das salernitanas eram higienizados com *limpadores*, semelhantes aos sabões que usavam as andaluzas, e posteriormente tingidos com tinturas. No que concerne aos preparados faciais, verificou-se unguentos ou pomadas, cremes, gel e máscaras, cuja diferença residiria nos componentes utilizados para sua fabricação e na sua finalidade. Na mesma medida, as pílulas e pastilhas, embora fossem formas medicamentosas versáteis, estavam diretamente associadas à saúde bucal, assim como os dentífrícios.

Como visto, a cosmética exigia de seus praticantes, além do conhecimento sobre a *matéria*, o domínio de técnicas e o manuseio de instrumentos específicos. Para o preparo dos cosméticos, faziam-se essencial a indicação da quantidade correta de cada substância selecionada, e na maioria das vezes, eram empregadas as unidades onça, libra, dracma ou *dírhem* em árabe, escrúpulo e o metical, e outras medidas correspondentes. A partir daí, a *matéria cosmética* era submetida a inúmeros processos que envolvem a lavagem, secagem, trituração, moagem, cozimento, batida, maceração, queima, calcinação, fritar, esmagar e espremer, visando um melhor aproveitamento de suas propriedades benéficas e facilidade na sua incorporação às misturas. Desta forma, os utensílios usados dependiam inteiramente da técnica aplicada, e conforme as fontes, poderiam variar entre morteiros ou almofarizes, potes pequenos ou feitos de cristal, pratos, tigelas de chumbo, peneiras e panos, demais recipientes de cerâmica e chumbo, e não menos importante, o alambique, exclusividade da cosmética árabe. Depois de prontos, os produtos costumavam serem conservados em recipientes de chumbo, vidros ou cristais, *botellas*, jarros e até mesmo em pergaminhos.

Em suma, as análises comparativas construídas nesta dissertação demonstraram alguns aspectos dessemelhantes entre a cosmética árabe de Abulcasis em relação à de Trotula, no que diz respeito ao número de partes do corpo atendidas pelos cosméticos, na quantidade de receitas destinadas a um determinado assunto dispostas em um único capítulo, bem como, no número de ingredientes apresentados para as preparações, além do pleno interesse na atualização dos métodos e instrumentos, como o uso de alambiques, para a destilação de substâncias, e o emprego de unidades de medidas para uma maior precisão na composição dos cosméticos.

Esses detalhes permitem concluir que *Kitāb al-Taṣrīf* não foi dedicado diretamente às mulheres, na intenção delas próprias reproduzirem as receitas, mas sim aos médicos, boticários e demais simpatizantes que fabricavam estes produtos para o consumo feminino. Esta constatação não anula o fato de as mulheres árabes-andaluzas estarem constantemente envolvidas na produção de preparados visando à beleza corpórea. Em contrapartida, os textos latinos testemunham o surgimento de uma cosmética fundamentada nas práticas femininas, que a todo momento lembra ao seu leitor que seu repertório farmacológico foi retirado de saberes empíricos. As receitas contidas em *De Curis Mulierum*, representam a inserção tímida desta temática nos domínios salutareis femininos, e sua passagem para um gênero literário próprio em *De Ornatu Mulierum*, revela a autonomia conquistada desde então. No sul de Salerno, as mulheres conheciam as propriedades das ervas e plantas e costumavam fabricar seus próprios cosméticos. Em suas respectivas sociedades, os trabalhos de Abulcasis e Trotula alimentaram os cuidados com a saúde e a aparência das mulheres medievais, e muitas dessas práticas não se distanciam das preocupações que as atuais têm com seus corpos.

FONTES

ABULCASIS. Tratado XIX del Kitāb al-taṣīf de Abū-l-Qāsim al-Zahrāwī. In: ARVIDE CAMBRA, Luisa María. *Un tratado de estética y cosmética en Abulcasis*. Granada: Grupo editorial universitario, 2010.

AVICENA (Hakim Ibn Sina). *Canon of Medicine: Book I*. Tradução de Hakeem Abdul Hameed. New Delhi, Jamia Handard Press: 1993.

AVICENA. *On cosmetics and their medicinal uses*. Tradução de Laleh Bakhtiar. Chicago: The Greats Books of the Islamic Word, 2013.

DIOSCÓRIDES. *Plantas y remedios medicinales: de materia médica*. Introducción, traducción, notas e índices de Manuela García Valdés. Madrid: Gredos, 1998. Vs. I a V.

ISIDORE OF SEVILLE. *Etymologies*. Tradução de Stephen A. Barney, W. J. Lewis e J.A. Beach, com a colaboração de Oliver Berghof. New York: Cambridge University Press, 2006.

GALENO. *De Sanitate Tuenda*. Tradução de R. M. Green. Springfield: Charles C. Thomas, 1951.

OVÍDIO. *Ars Amatoria*. Tradução, introdução e notas de Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 1918.

OVÍDIO. *Medicamina Faciei Femineae*. Tradução, introdução e notas de Antônio da Silveira Mendonça. Edição Bilingue. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

PLÍNIO, O VELHO (Gaius Plinius Secundus). *Natural history*. Tradução de H. Rackam. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1960. 10 vols.

TROTULA. Liber de Sinthomatibus Mulierum, De Curis Mulierum (On Treatments of Women) e De Ornatu Mulierum (On Women's Cometics). In: GREEN, Monica H. *The Trotula: a medieval compendium of women's medicine*. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 2001.

REGIMEN SANITATIS SALERNITANUM. Estudio, ed. crítica y trad. de Virginia de Frutos González. Valladolid (Espanha): Ediciones Universidad de Valladolid, 2010.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE DE CÁRCER, Luisa Fernanda. Farmacología Andalusí. In: MORALES, CAMILO, Álvarez de; LOPEZ, Emilio Molina (coord.). *La medicina en al-Andalus*. Granada: Junta de Andalucía. Consejería de Cultura, 1999, p. 173-196.

ÁLVAREZ, Maria Jesús Nadales. Mujeres en Al-Andalus. *Isla de Arriarán*, nº 28, p. 159-184, dez., 2006.

ÁLVAREZ DE MORALES, Camilo. La farmacia de Madīnat al-Zahra. In: *Homenaje al Prof. Jacinto Bosch Vilá*, v. 2. Granada: Universidad de Granada, 1991, p. 1087-1096.

ÁLVAREZ DE MORALES. La sociedade de al-Andalus y la sexualidad. In: DELGADO PÉREZ, M^a Mercedes y LÓPEZ ANGUITA, Gracia. *Actas del congreso Conocer Al-Andalus*. Sevilla: Alfar, 2010, p. 43-76.

ALCANTUD, José Antonio González. Harén y Poder. *TSN*, nº 11, p. 116-126, jan. – jun., 2021.

ARVIDE CAMBRA, Luisa María. Introdução. In: *Un tratado de estética y cosmética en Abulcasis*. Granada: Grupo editorial universitario, 2010.

AUSÉCACHE, Mireille. Des aliments et des médicaments. *Cahiers de recherches médiévales*, vol.13, p. 249-258, 2006.

BARRILARI, Sonia. Il corpo delle done: il magistero di Trocta. In: CASARETTO, Francesco Moseti. *Il corpo impuro e le sue rappresentazioni nelle letterature medievali*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2012, p. 261-291.

BALARD, Michel. Importation des épices et fonctions cosmétiques des drogues. In: BALARD, Michel. *Gênes et la mer – Genova e il mare*. Genova: Società Ligure di storia patria, 2017, p. 283-290.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada: Um novo modo de ver e fazer a História. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v.1, nº 1, p. 1-30, jun., 2007.

BATOR, Magdalena; SYLWANOWICZ, Marta. Measures in medieval english recipes – culinary vs. Medical. *Studia Anglica Posnaniensia*, nº 52, p. 21-52, 2017.

BELGIORNO, Maria Rosaria (ed). Cosmetic. In: *Archaeometry and Aphrodite Proceedings of the seminar 13th June 2013 CNR Rome*. Roma: JTABC- CNR, 2017, p. 45-93.

BENTON, John F. Trotula, women's problems and the professionalization of medicine in the Middle Ages. Pasadena: *Bulletin of the history of medicine*, n. 59, p. 1-58, nov., 1984.

BOZA, M. C. S; TORAL, S. M; CARRILLO, A. R. *La cerámica de botica en las farmacias de Sevilla: la historia a través del arte*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2016.

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. *Revue de Synthèse Historique*, nº 46, 1928, p. 15-50.

BRABANT, Rosa Kuhne. La medicina estética, una hermana menor de la medicina. In: MORALES, CAMILO, Álvarez de; LOPEZ, Emilio Molina (coord.). *La medicina en al-Andalus*. Granada: Junta de Andalucía. Consejería de Cultura, 1999, p. 197-207.

CABRÉ, Montserrat. Beautiful Bodies. In: CROZIER, Ivan (Org). *A Cultural History of the Human Body in the Modern Age*. New York: BERG, 2010, p. 127-147

CALVÉ, Alicia Girona. Los aromas y los perfumes en al-Andalus: sus usos y contenedores. *Revista de Teoría e Historia del Arte*, v. 11, p. 9-31, 2022.

CASTILLO, Concepción. Las “Húries” en la tradición Musulmana. In: *Comunicación presentada en las' ill Jornadas de Cultura Árabe e Islámica*, Madrid, 1983, p. 8-18.

CASTILLO, M. P. Romero del. *Los afeites femeninos en la Edad Media española: estudio léxico*. Granada: Universidad de Granada, 2014.

COLÓN CALDERON, Isabel. De afeites, alcoholes y hollines. *Dicenda: Estudios de lengua y literatura españolas*, nº 13, p. 65-82, 1995.

DA SOLLER, Claudio. *The Beautiful Woman in Medieval Iberia: Rhetoric, Cosmetics, and Evolution*. Columbia: University of Missouri, 2005.

DELGADO, Carmen Panadero. Cristianas, musulmanas y judías en la península ibérica. *Las nuevas musas*, 2020. Disponível: em <https://www.lasnuevemusas.com/cristianas-musulmanas-y-judias-en-la-peninsula-iberica/>. Acesso em: 08 de abr. 2024.

DIENER, Laura Michele. Fashion and Adornment e Production and Practice. In: MILLIKEN, Roberta (Org). *A cultural history of hair in the Middle Ages*. 2. ed. Londres: Bloomsbury Publishing, 2019, p. 53-69; 71-89.

ECO, Humberto. *História da feiúra*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ECO, Humberto. *História da beleza*. Trad. Eliana Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

EL CHEIK, Nadia Maria. Revisiting the Abbasid harems. *Journal of Middle East Women's Studies*, nº 3, Indiana: Indiana University Press, 2005, p. 1-19.

FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. *Saúde e dietética: o Lîber de Conservanda Sanitate do físico português Pedro Hispano (séc. XII)*. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

FALIVENE, Concetta. *Donne e scienza: Trotula de Ruggiero e la Scuola Medica Salernitana*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2016.

FERREIRA, Anise D' Orange. A Cleópatra dos cosméticos: suas receitas em Galeno. In: SANTOS, Elaine Cristina Prado dos, AZEVEDO; Katia Teonia Costa de; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). *O feminino na literatura grega latina*. Teresina: EDUFPI, 2023, p. 225-248.

FIERRO, Maribel. Madīnat al-Zahrā, el paraíso y los Fatimíes. *Al-Qantara XXV*, vol. 25, nº 2, p. 299-327, 2004.

GARCÍA-BALLESTER, Luis. *La búsqueda de la salud: sanadores y enfermos en la España medieval*. Barcelona: Península, 2001.

GIARDINO DELLA MINERVA. Le specie presenti nel Giardino della Minerva, 2016. Disponível em: <https://www.giardinodellaminerva.it/le-piante/departement.html>. Acesso em 14/03/2024.

GONZÁLEZ HERNANDO, Irene. Herbarios. *Base de datos digital de Iconografía Medieval*. Universidad Complutense de Madrid, 2014. Disponível em <https://www.ucm.es/bdiconografiamedieval/herbarios>. Acesso em 14 de mar., 2024.

GREEN, Monica H. *The Trotula: a medieval compendium of women's medicine*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2001.

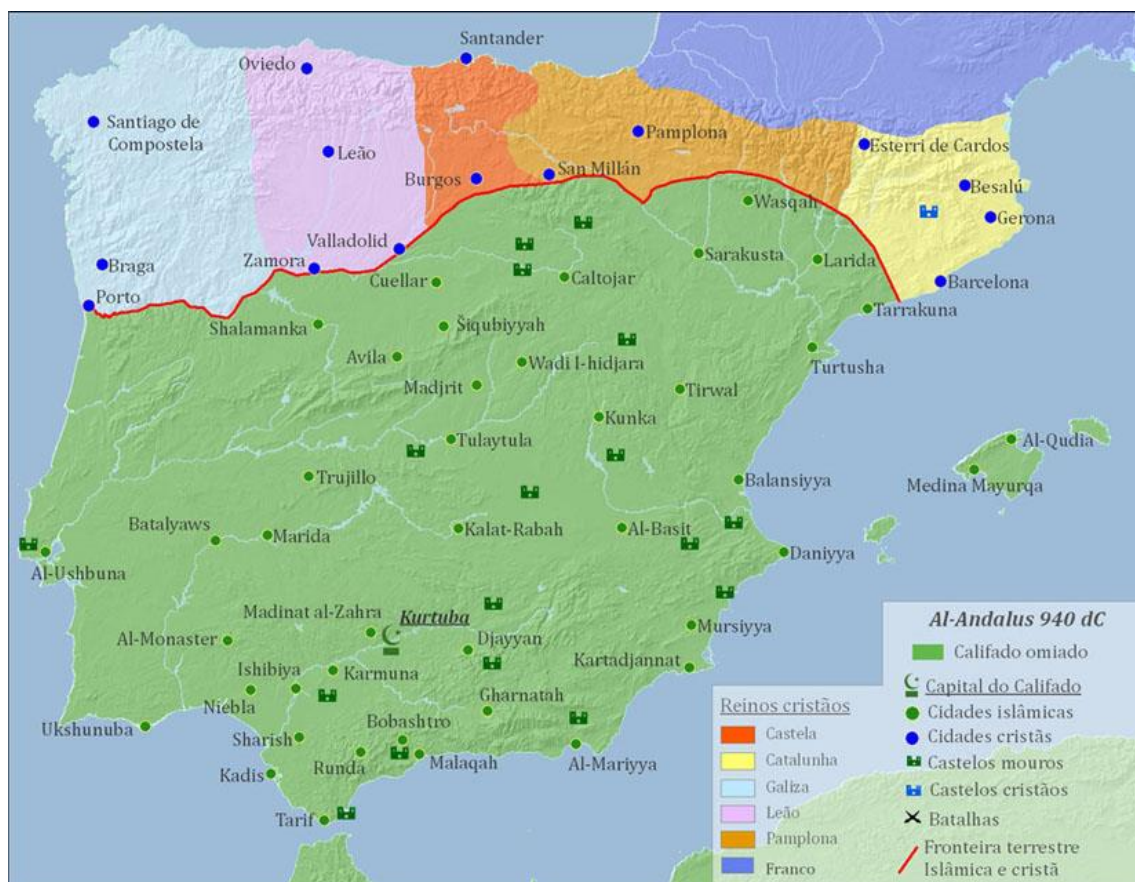
HURD-MEAD, Kate Campbell. *Women in medicine: From the earliest times to the beginning of the nineteenth century*. Pensilvania: The Hadam Press, 1938.

- HUGHES, Diane Owen. As modas femininas e seu controle. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. vol 2: Idade Média. Porto: Afrontamento, 1990, p. 185-213.
- JORGENSEN, Dolly. The medieval sense of smell, stench, and sanitation. In: KRAMPL, Ulrike; BECK, Robert; RETAILLAUD-BAJAC, Emmanuelle. *Les cinq sens de la ville du Moyen Âge à nos jours*. Tours: Presses Universitaires François- Rabelais, 2013, p. 301-313.
- LARRÁYOZ, Fernando Serrano. La farmacia y el medicamento en la corte. In: *Medicina y enfermedad en la Corte de Carlos III el noble de Navarra (1387-1425)*. Pamplona: Gobierno de Navarra, 2006, p. 143-170.
- LÓPEZ, J. Luis Valverde. El Occidente medieval. In: FOLCH JOU, Guillermo; SUÑÉ ARBUSSÁ, José María; LÓPEZ, José Luis Valverde. *Historia General de la Farmacia: El Medicamento a través del tempo*. vol.2, Madrid: Editorial Sol, 1986, p. 211- 266.
- MACEDO, José Rivair. A face das filhas de Eva: os cuidados com a aparência num manual de beleza do século XIII. *Revista História* (UNESP), vol. 17-18, p. 293-314, mai, 1998.
- MOULINIER-BROGI, Laurence. Esthétique et soins du corps dans les traités médicaux latins à la fin du Moyen Âge. *Médiévales*, n. 46, p. 55-72, prim., 2004.
- MOULINIER-BROGI. Hygiène et cosmétique de la bouche au Moyen Age. Paris: L'Harmattan, p.221-239, 2012.
- MONNIER-BENOIT, Gaele. *Cosmétique et hygiène du corps: théories, pratiques et représentations* (XIIe-XVe siècle). Quebec: Université de Sherbrooke, 2018.
- MUIR, Steven; TOTELIN Laurence. Medicine and Disease. In: TULLOCH, Janet H. A *Cultural History of Women in Antiquity*. Oxford: Berg, p. 81-104, 2013.
- NASHEF NASHEF, Abir. Edición, Estudio y Traducción de la Maqāla II de Kitāb Al- Tasrif li-man 'ayiza 'an al ta'lif de Abu L-Qāsim Jalaf Ben 'Abbās Al-Zahrāwī (Abulcasis). Universidad de Salamanca, Salamanca, 2016.
- NUTTON, Vivian. Medicine in Medieval Western Europe 1000-1500. In: CONRAD, Lawrence I., et al. *The Western Medical Tradition, 800 BC to AD 1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 139–206.
- OSLÉ, Carlos Adanero. La vida cotidiana del boticario medieval. *Abarelo*, nº 37, p. 30-31, jun., 2013.
- PAIRET, Monserrat Cabré I. Cosmética y perfumería. In: GARCIA-BALLESTER, Luís (Dir). *História de la ciencia y de la técnica em la Corona de Castilha*. vol. II. Valladolid: Junta de Castilha y Leon, Consejería de Educación y Cultura, 2002, p. 773- 779.
- PAXTON, Frederick. Anointing the Sick and the Dying in Christian Antiquity and the Early Medieval West. In: CAMPBELL, Sheila; HALL, Bert; KLAUSNER, David. *Health Disease and Healing in Medieval culture*. London: Palgrave Macmillan London, 1992, p. 93-102.
- PENA, Carmen, GIRÓN, Fernando. *La prevención de la enfermedad en la España bajo medieval*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2006.

- RABELO, Dianina Raquel Silva. *Um olhar para o céu e para as pedras: conhecimento científico no lapidário de Afonso x de Castela – Teoria e prática médica (século XIII)*. 2015. Tese (doutoramento em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- SANTOS, Dulce A; FAGUNDES, Maria Dailza da C. Saúde e dietética na medicina preventiva medieval: o regimento de saúde de Pedro Hispano (século XIII). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 333-342, abr.- jun. 2010.
- SIMONI, Karine; DEPLAGNE, Luciana Calado (Org.). *Sobre as doenças das mulheres*. Tradução de Alder Ferreira Calado e Karine Simoni. Tubarão: Copiart; Florianópolis: UFSC/DLLE/PGET, 2018.
- SIRAI, Nancy G. *Medieval & early Renaissance medicine*. Chicago: The University of Chicago Press. 1990.
- SOUZA, Armando Tavares. *Curso de História da medicina: das origens aos fins do século XVI*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- SOUZA, Lidiane Alves de. *Incompleto e imperfeito: as representações corporais femininas na literatura médica*. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.
- SÖYLEMEZ, Mehmet Mahfuz. The Jundishapur School: Its History, Structure, and Functions. *American Journal of Islamic Social Sciences*, vol. 22, nº 2, p. 1-27, apr., 2005
- SHINIKOV, Atanas. Olfactory Visuals: A Case of Saffron Prohibition in Ḥadīṭ Commentary. In: BONNÉRIC, Julie (dir). *Bulletin d'études orientales*. Presses de l'ifpo, vol. 64, 2016, p. 277-291.
- SCULLY, Terence. The Sickdish in Early French Recipe Collections. In: CAMPBELL, Sheila; HALL, Bert; KLAUSNER, David. *Health Disease and Healing in Medieval culture*. Palgrave Macmillan London, 1992, p. 132-140.
- STORTI, Gemma. Metrodora's Work on the Diseases of Women and their cures. *Estudios Bizantinos*, vol. 6, p. 89-110, 2018.
- TABANELLI, Mario. *Abulcasis, un chirurgo arabo dell'Alto Medioevo: la sua epoca, la sua vita, la sua opera*. Firenze: Città di Castello, 1961.
- TENA TENA, Pedro. Mujer y Cuerpo em Al-Ándaluz. *Studia histórica, História medieval*. vol. 26, p. 45-61, jul-set, 2008.
- TENA TENA, Pedro. Placeres consentidos: Cosmética femenina y literatura andalusí. *Romance Quarterly*. vol. 50, nº. 4, p. 234-242, 2010.
- THOMASSET, Claude. Da natureza feminina. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Dirs). *História das mulheres*. Tradução de Maria Helena C. Coelho. vol 2 - A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1993, p. 65-98.
- VEGA, Teresa Criado. Las artes de La Paz: Técnicas de perfumeria y cosmética en recetarios castellanos de los siglos xv y xvi. *Anuario de Estudios Medievales*, vol. 41, n. 2, p. 865- 897, jul-dez, 2011.

VOGT, Sabine. Drugs and pharmacology. In: HANKINSON, Robert James (ed.). *The Cambridge companion to Galen*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 301-322.

ANEXO A – Mapa do território al-Andaluz durante o reinado de Abderramão III (940)



Fonte: Al-andaluz 940 d.C. Historical Atlas of the Mediterranean. 2010. Disponível em: <http://explorethemed.com/reconquista.asp?c=1>. Acesso em 07/11/2023.

ANEXO B – Mapa Do Sul Da Itália – Salerno (Séc. XII)



Fonte: GREEN, Monica. Southern Italy and north Africa. The Trotula: a medieval compendium of women's medicine. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 2001, p. XVIII.